

CELEIRO DE LUZ

DEPOIS DA SAFRA

Jesus advertiu que a seara era grande, mas os seareiros eram poucos. Através do tempo, entretanto, os seareiros se multiplicaram. A seara continuou crescendo, e o número de seareiros, embora se conserve até hoje insuficiente, desdobrou-se no trabalho. Graças a esses abnegados Servidores do Espírito, as safras não se perderam de todo, e foi possível a edificação de muitos celeiros, onde os homens podem hoje encontrar o bom trigo do Reino de Deus.

Roque Jacintho é um daqueles trabalhadores da última hora, de que fala o Evangelho. Apareceu recentemente na imprensa espírita, e já começou a lançar os seus livros doutrinários, apurados numa linguagem escorreita e clara. E seareiro também, mas não se esquece dos celeiros que guardam as colheitas do passado. A vantagem do trabalhador da última hora é principalmente essa: trabalhar nas safras atuais e aproveitar as anteriores.

Neste livro, Roque Jacintho oferece-nos a oportunidade de recolher o bom trigo da experiência e do ensino, que a sementeira evangélica propiciou às gerações. Podemos abastecer com ele os nossos alforjes. Perseverante e humilde, não faz obra dispersiva nem individual. Numa hora em que precisamos estar alertas contra a invasão dos "reformadores", ele nos poupa as energias da vigilância, oferecendo-nos a verdade impessoal e pura, que provém da Seara do Senhor.

Um dos problemas da literatura doutrinária é o das opiniões pessoais, que surgem na imprensa e nos livros, como joio na seara. São poucos os estudiosos sinceros e humildes, que reconhecem a própria pequenez, sabendo repetir intimamente a expressão de João: "É necessário que ele cresça e que eu diminua". Há muitos que estão ansiosos por crescer e suplantam o Mestre e seus ensinamentos, avançando na frente dos ingênuos, como cegos condutores de cegos.

Roque Jacintho faz o contrário disso, como o leitor ver nestas páginas. O que lhe interessa não é renovar os Caminhos do Senhor, mas renovar o homem nesses caminhos eternos. Ele nos toma das mãos para levar-nos pela boa senda. Sigamo-lo sem receios.

Notas de apresentação, extraídas das "orelhas" da 1.ª edição, lançada pela EDICEL/1968.

ZACARIAS

1 ESPERANÇAS...

Na Judéia a tarde fora quente e o suor porejava nas frentes daqueles que andavam pela região, umidecendo-lhes os rostos num contraste com as paisagens ressequidas que se erguiam nos limites das cidades, antes dos grandes desertos. A noite caíra sem prenúncio de refrigério.

Dentro de sua singela moradia, Zacarias se deixara postar ao lado de sua esposa, Isabel, em longo silêncio. O casal idoso semelhava-se a almas gêmeas fundidas no mesmo plano de vibrações afetivas, dispensando palavras nessa comunhão com a dor moral, que neles se instalara.

Ela trazia os olhos marejados pelo pranto.

— Condenam-nos, querido Zacarias, porque não pude dar ao nosso lar a benção de um filhinho!

Ele ouviu meditativo, sentindo as lufadas quentes penetrando pela janela diminuta que se rasgava na parede traseira do cômodo. E por essa mesma abertura deitava olhares demorados e profundos às sombras noturnas, procurando varar os campos e fixar-se no horizonte penumbroso.

— Deus é luz dentro das trevas, Isabel — falou consoladoramente e, sem se voltar à companheira, quase monologando, continuou a breve espaço: — Sabe Ele do meu coração dolorido pela vergonha que tenho, ante meus companheiros de sacerdócio, por ver que ninguém... ninguém herdará meu nome e o nome de nossa casa! Porém, sabe também da conformação com que recebo suas determinações indevassáveis.

Isabel sorriu contristada, recolhendo-lhe a amargura que se vertia das palavras e dos pensamentos do esposo. E meigamente informou:

— Meu coração de mulher é um altar de súplicas, onde sacrifico todas as minhas ilusões à espera de que o Pai me conceda ainda uma graça que me redima e me retire do opróbrio diante dos homens.

— Que graça?! — indagou o sacerdote, com uma entonação de visível ironia.

A interpelada baixou as pálpebras, velando os olhos que confessavam espanto.

— Com tantos anos a dobrarem-se às nossas costas — disse ela — já poderíamos revelar os sinais de nossa resignação no silêncio construtivo e no trabalho incessante.

Zacarias compreendeu-se em erro. E sentado que estava junto à consorte, deslizou os próprios dedos pelos cabelos levemente encanecidos de Isabel, num gesto em que se denotava carinho e respeito.

— Deus atende almas belas como a sua, Isabel!

Súbito levantou-se e caminhou pela sala.

— Amanhã começarei a cumprir novos dias de meu ministério sacerdotal — falou de costas voltadas para Isabel e depois se voltou, terminando — Sinto que de lá retornarei com alguma boa nova, que será luz sobre os nossos dias!

Ambos se fitaram, na penumbra, comunicando-se esperanças novas enquanto a noite avançava por sobre toda a Palestina.

2 PREDIÇÕES NO TEMPLO

Zacarias estava frente ao santuário do Senhor, no Templo da fé judaica. Fora sorteado entre os demais para o serviço de suas convicções, devendo queimar incenso no ritualismo de sua crença.

A multidão, ocupando a nave, aguardava orando.

O ancião penetrou o recinto sagrado com a emoção que sempre se renova em seu coração reto e subordinado a Deus. Separava-se dos demais, e a cada passo sentia aumentar o peso de seus problemas íntimos. Sobressaltado com sua tormenta pessoal, depositou a resina aromática no incensório, erguendo angustiadas preces por entre soluços que se afogavam na garganta.

Envolto pelo olor que se desprendia, rendeu-se genuflexo e cerrou os olhos, revendo no arquivo de suas memórias a sua Isabel tão doce... e os anos que corriam, sem a bênção da maternidade. .. e os companheiros a sorrirem sem respeito. .. e sua vida de dedicação e fé...

Sente-se estremecer, com um frio a correr-lhe pelo corpo eriçando-lhe os cabelos. Abriu os olhos tomado de espanto e temor. À sua frente, à direita do altar de incensamento, um Espírito tornara-se visível, irradiando fulgurantes cintilações.

— Não tema, Zacarias — advertiu a aparição.

O sacerdote, ensaiando uma reação, abriu e fechou os lábios sem emitir som audível.

— Estou aqui para falar-lhe e trazer-lhe a boa nova de que se intuía no recesso de seu íar e que responderá às suas súplicas e às de Isabel.

A custo Zacarias acompanhava-lhe a revelação.

— Isabel, sua mulher, receberá um filho a quem você chamará de João. Essa alma, que pelo reencarne visitará o seu lar, trará júbilo a muitos corações, pois que, pelos seus dons, converterá muitos dos que estão afastados para o caminho da salvação. Não será ele um grande entre os homens de seu tempo, mas será um grande aos olhos do Pai Amantíssimo, porque dará testemunho da Verdade.

O espanto aumentava.

— Em João teremos a reencarnação de Elias, cuja fé e imenso poder de espírito servirão de preparo do povo para o Messias que lhe virá a seguir...

A última informação feriu o sacerdote. Ele cerrou o cenho lembrando de suas leituras e

dos comentários edificantes dos Livros Sagrados — e uma passagem se agigantou, permitindo-lhe entrever Elias vencendo aos profetas de Baal, numa disputa de fé e, após fazê-los renderem-se ao poder imenso de Deus, determinou ao povo que tomasse os vencidos por prisioneiros, conduzindo-os junto à torrente de caudaloso rio... e mandou decapitá-los, tornando rubras as águas da cor-renteza!¹

Banhado em suor, olvidando todos os preceitos de sua casta sacerdotal, tocou com a fronte no solo, diante do Espírito de Gabriel que lhe falava. Seus lábios tremiam; a sua mente titubeava.

— Já sou velho... Minha esposa está em idade avançada... Oh! Deus! Como poderemos ver o retorno de Elias, no filho que deverá chamar-se João?

O mentor espiritual da hora recolheu-lhe as emissões mentais, ouvindo-lhe o coração, e informou prestativo:

— A sua falta de fé torna-o mudo, Zacarias. E até que Você dê o seu testemunho, de sua boca não mais sairão sons.

No lado de fora do santuário os demais sacerdotes temiam por algum acontecimento inesperado com Zacarias, tal era a sua longa permanência no recinto sagrado. E já se dispunham a providências, quando ele ressurgiu cambaleante. O corpo todo vibrava em agitação contínua.

Cuidadosos inquiriram-lhe a razão da demora. Porém, embora empregando enorme esforço, contraindo angustiosamente os músculos das faces e do pescoço, não conseguia narrar a visão que tivera.

— Está mudo... — sussurram os populares.

Zacarias desdobrava-se gesticulando, fazendo sinais para revelar o que ocorrera. Mas ninguém conseguia entendê-lo.¹

3 A CONSAGRAÇÃO

Passaram-se meses após os acontecimentos vividos por Zacarias frente ao altar de incensamento e após seu retorno triunfal com as alvíssaras de Gabriel. Agora, os esposos felizes se apresentavam ao Templo para a consagração do unigênito, que lhes viera consagrar a união na idade adentrada.

Trazendo o filho nos braços, Isabel era o quadro da felicidade, espelhando satisfação plena a despontar-lhe no coração. Avançava em direção ao encarregado do cerimonial.

— Naturalmente — disse o oficiante, à vista do menino — ele se chamará Zacarias, em homenagem, honra a perpetuação do tronco familiar de onde se origina.

A mãe fitou o esposo e tomando-lhe a vez disse convicta:

— Não, o seu nome será João.

¹(*) I. Reis 18.20-40.

O oficiante perturbou-se.

— Creio que está ocorrendo um engano. Conheço-lhes a família e nela não há um só que tenha tal nome. E, pela nossa tradição, ele deverá receber o nome do pai!

Isabel mostrou-se irredutível. O sacerdote dirigiu-se a Zacarias indagando-lhe, por sinais, como queria que a criança se chamasse.

Zacarias compreendeu-lhe o propósito, pois que os ouvia, e sentiu-se impulsionado a secundá-lo para não interromper um uso habitual em seu povo. Porém, sentiu-se de retorno à frente de Gabriel que lhe anunciara o nascimento do filho e lhe segredara ser o seu teto escolhido para o retorno de Elias. Retornando ao presente pediu aos circunstantes que lhe dessem uma tabuinha para escrever.

Atendido, nela grafou bem legível:

— João é o seu nome.

Ao pousar o estilete de que se servira, refletia que não seria esse o nome que atenderia às tradições seculares de seu povo, que dá ao primogênito o nome de um antepassado. Mas era aquela a denominação que o faria confessar aos homens a certeza que ele sustentava na imortalidade da alma e na sua ressurreição em novos corpos. A sua hesitação se diluíra com a decisão de Isabel que afrontara as tradições, sofrendo os olhares da malícia e a maledicência.

Liberto das tribulações e dos temores, Zacarias reabriu a própria alma para comunhão com os Planos mais elevados da Espiritualidade, recolhendo os fluidos vitalizantes que antes rejeitara. A sua voz retornou ao mundo dos homens a serviço de Deus. E sob inspiração mediúnica falou:

— Bendito seja o Senhor, porque visitou e remiu o seu povo. Este menino será chamado profeta do Altíssimo, porque irá adiante do Senhor para preparar-lhe os caminhos, para dar ao seu povo conhecimento da salvação no perdão de seus pecados, graças à imensa misericórdia Divina. E por essa mesma misericórdia de Deus, visita-nos a aurora que vem do Alto, iluminando num dia novo todos os que jazem em trevas e prisioneiros na sombra da morte, e dirigindo nossos passos no caminho da paz.

Calou-se em seu cântico de exaltação e glória.

O sacerdote moveu levemente a cabeça, reprovando o quanto ouvira, atribuindo o fato à senilidade de Zacarias e considerando que a loucura da velhice montara ninho no coração do amigo. Alguns dos presentes, porém, guardavam a nítida certeza de terem ouvido a voz dos Profetas falando pelo pai de João...

Isabel premiu o filho contra a alma, dolorosamente, desvendando as agruras que cercariam o rebento de seu amor nas estradas ásperas da existência. E Zacarias envolveu a ambos, esposa e filho, num olhar de profundo estreitamento espiritual.

João, o batista, fora consagrado ao Senhor!

JOAO BATISTA E JESUS

4 SINAIS DA MISSÃO

Desde a mais tenra idade, João, filho do sacerdote Zacarias, sentira-se possuído de ideais superiores aos dos de sua idade. Os mesmos prazeres e os mesmos folguedos em que se entretinham os jovens de sua idade não o atraíam. Irresistivelmente era conduzido às sinagogas onde se demorava, sob o vigilante olhar materno, a ouvir a leitura dos Profetas e a narração da história de seu povo.

Naquele sábado em que se procedia à leitura dos livros de Isaías, sua atenção era maior: — Voz que clama no deserto — enunciava o rabino, com olhos fitos no texto — preparai o caminho do Senhor; aplainai as suas veredas. Todo vale será soterrado, abater-se-ão todos os montes e colinas. Tornar-se-ão retos os caminhos tortuosos; planos os acidentados, e todo homem verá a salvação de Deus.

Aquelas palavras alcançavam-lhe diretamente o coração, despertando-lhe estranhas e nebulosas recordações, qual se para si mesmo falara Isaías em seus anúncios proféticos. Mais que noutros dias, sentia-se embevecido — e os Espíritos que lhe acolitavam a tarefa de ser desempenhada filtravam-lhe inspirados anseios na alma.

Finda a reunião do dia, quando nenhum comentarista mais tomou a palavra para opinar, retirou-se para a casa paterna, envolto em meditações profundas. Sentia que, embora fosse doce a permanência no lar sob o calor dos afetos de Isabel e Zacarias, no seio da família não poderia dar curso às idéias que acalentava em sigilo. Sob o teto querido registrava toda sorte de embates humanos que nasciam e germinavam à sombra do Templo que se esboroava pelas disputas constantes de mando e posições. Aos seus ouvidos chegavam o troar da melancólica batalha, onde os homens tomavam Deus por bandeira para fazer das casas de fé e oração os tabernáculos do egoísmo e o tronco do orgulho.

Era preciso ganhar distância dessas disputas. Era urgente isolar-se num deserto de ambições, onde a alma pudesse, pura e cândida, sustentar seus mais respeitáveis anseios, e pudesse ele aprestar-se para cumprir o próprio destino.

A única sombra na região inóspita era a de João, que o sol projetava contra as areias do deserto, enquanto o jovem fitava o horizonte distante. O vento peneirava-lhe poeira ao rosto temperando-lhe a resistência e aprestando-lhe a epiderme para o tempo em que permaneceria no oásis florescendo a própria alma para o seu trabalho de precursor do Messias.

5 DE RETORNO

Era Pôncio Pilatos o governador da Judéia, representando Tibério César, cuja águia

romana, simbolizando poderio bélico, ensombrava a Palestina, quando João retornou para junto dos homens a fim de despertá-los ao caminho da redenção espiritual. Vinha pobremente vestido, saindo do deserto recoberto por veste de pêlos de camelo e tendo um couro à volta da cintura. Barba longa, descuidada. Olhos transmitindo ondas de paz e vigor, e refletindo a sua decisão inquebrantável. A voz límpida e forte levantava-se em favor dos sofredores, dizendo-lhes da vinda próxima do Reino de Deus, no Messias de há muito esperado.

Amadurecido nos ásperos labores do deserto, sua pele bronzeada era o mapa das privações a que se submetera para liberar suas energias mais profundas no esforço de estabelecer um vínculo permanente e imaculado entre a Terra e os Céus.

Mercados e feiras, praças e estradas, choupanas e palacetes fidalgos, à margem dos rios ou defronte das construções que serviam de sinagogas — onde quer que encontrasse ouvidos urgindo pelos sons da esperança nova, derramava o fertilizante da advertência e da serenidade, revolvendo os sentimentos e aprestando as idéias para a sementeira do Evangelho.

Soprava nas almas o sopro da fé renovadora.

Sua confiança e seu ânimo se transmitiam às multidões de aflitos que acorriam às suas prédicas, quais famintos do pão da alma, desfalecidos da fé que buscavam em lágrimas os raios renovadores do sol do Senhor.

Ele não parava, porém.

Acompanhando as refrescantes águas do rio Jordão, descera por entre terras verdejantes e suaves tapetes de relva em direção da Galiléia, aproximando-se do lago de Genesaré. Ali, naquela região de pescadores, almas humildes e dóceis, varridas pelas tormentas de uma vida atribulada, estavam sazoadas para albergarem com carinho e devotamento os prenúncios da Boa-Nova.

E muitos passaram a unir-se aos seus trabalhos de pregações na condição de discípulos e amigos após ouvirem os chamamentos de reforma íntima.

6 TESTEMUNHOS

Não demorou muito para que os ecos das pregações de João atravessassem o átrio do Templo de Salomão, em Jerusalém, tornando-se objeto de exames entre os sacerdotes, que já lhe temiam as atividades, porque muitos dos que até ali tinham sido fiéis constantes se desatavam dos fardos pesados do ritualismo de que se haviam tornado escravos.

Nas reuniões do Sinédrio, sem que se detivessem a considerar-lhe o espírito da mensagem, analisavam os claros abertos em suas fileiras. E confabulavam planos para fazer com que o precursor se perdesse, rompendo com a confiança que lhe dedicavam os populares.

Um desses doutores das leis divinas, tendo permanecido a ouvi-lo no pátio do Templo, em Jerusalém, ao término de uma de suas conversações enobrecedoras, antes que se dispersasse a multidão que o tinha escutado, destacou-se entre os demais e indagou-lhe abruptamente:

— É Você o Cristo que haveria de vir?

Um grande silêncio envolveu a todos e se achegaram para ouvir melhor a informação preciosa. João, porém, examinou o que lhe dirigia a questão, descobrindo-lhe o veneno que destilava com sua aparência de candura e de falso interesse. Vigiando-se, não se turbou, e sem aceitar o convite da lisonja redarguiu firmemente:

— Eu não sou o Cristo. Nem sou Elias e nem sou profeta.

Um ligeiro murmúrio agitou os presentes.

— Eu renovo peio símbolo da água a todos os que se arrependem de seus pecados e aspirem a um novo dia em sua vida. Mas faço isso apenas até que venha o Cristo. Ele virá após mim, e não mais terá na água o princípio de iniciação dos homens no Mundo de Deus. Seus sinais eternos repousarão no Espírito, que passará a falar no homem e através do homem para toda a Humanidade.

O sacerdote não se deixou vencer em seus negros propósitos. Conhecia o fermento da vaidade, que faz crescer nas almas as presunções de-sequilibrantes.

— Não creio somente agora em meus ouvidos, Profeta de Deus! — destacou em voz meiga, aparentando humildade. — Que viram os meus olhos, senão o poder de sua alma, fazendo retornar aos caminhos da fé muitos dos que se perdiam nas sombras da descrença e da maldade? Que ouviram os meus ouvidos, senão o relato das conversões de malfeitores e bandidos, de criminosos e perigosos bandoleiros para as casas de orações e crença? Se meus olhos viram e meus ouvidos ouviram, não posso crer em mais nada a não ser que estou em frente ao nosso esperado Messias.

A multidão deixava-se conduzir ao fino engodo, entretecido com as ardilosas mentiras.

— Então — indagou-lhe após a breve pausa o sacerdote — Você não é o Cristo?

João Batista fitou o horizonte.

— Ele, que virá após mim, é aquele de quem não sou digno sequer de desatar-lhe as correias das sandálias.

Voltando-se ao desapontado intrigante advertiu-o:

— Digo-lhes aqui, sacerdotes e levitas, o que já tenho repetido abertamente a quantos queiram ouvir os anúncios dos Céus e não as suas trombetas, as trombetas dos homens: convertam-se, pois que o Reino dos Céus está próximo.

Evidenciando invencível mal-estar o insinuante agente das Sombras se confundiu com a multi, dão. Abriu caminho e bateu em retirada. João não permitira a alteração de seu roteiro pessoal sob a influência dos convites désquilibrantes. E por reconhecer que cada obreiro tem a sua tarefa definida, não lhe cabia usurpar o lugar do Senhor para que não

viesses a confundir-se com suas naturais limitações de amor e de sabedoria.

7 PODEROSOS

Tendo por palco as margens do límpido rio Jordão, o dia afanoso semelhava-se à época de férteis messes, com almas cândidas bendizendo os banhos lustrais do novo reino. Alguns discípulos romperam pela multidão, alcançando o centro maior das atividades. Chamaram João em particular e possuídos de grande alegria anunciaram que muitos dos que oficiavam o culto religioso no Templo de Jerusalém e muitos dos que pregavam nas sinagogas aos sábados, ali tinham vindo para somarem-se às fileiras que se adensavam em torno do precursor.

João recolhia os informes, meditativo.

Dirigiu-se ao encontro dos recém-vindos e com eles sustentou curto diálogo, estudando-lhes as almas, rompendo a máscara dos sorrisos para assenhorear-se dos propósitos que medravam em seus corações. Descobriu que não estava tratando com criaturas dispostas a reconstruir suas existências em trabalhos fraternos e amorosos. Acolhê-los junto aos insipientes da fé apenas em razão do prestígio social e financeiro que gozavam entre os mais bem postos da época, seria abraçar maus obreiros, pôr lobos vorazes em redil de ovelhas.

Disse-lhes em tom firme:

— Raça de víboras, quem os preveniu para que tentassem a fuga da Justiça vindoura? Antes de aqui vir, produzam os frutos do sincero arrependimento, através das boas obras. E afastem da alma a presunção de que sejam privilegiados aos olhos do Pai Eterno.

O grupo agastou-se com a recepção e um dos seguidores de João atalhou:

— Mestre, eles são importantes e úteis!

— Para Deus — esclareceu sem reservas — não há privilegiados. Somente são dignos e importantes os que trabalham para conquistar a bondade efetiva para a sua própria alma.

Entre os humildes que acompanhavam o encontro, um deles indagou com simplicidade:

— Que deveremos fazer para sermos dignos daquele que virá?

— Todos os que almejam à iniciação em Cristo — ponderou prestativo — hão de ter suas almas voltadas em favor de seus semelhantes. Que ninguém, pois, retenha além do que lhe é necessário, para que os cuidados com o supérfluo não lhe roubem do coração o cuidado com o Reino de Deus.

Um publicano, então, indagou:

— E que devo fazer eu, João Batista?

— Você, que é servidor do povo, nada exija além daquilo que lhe for ordenado.

— E eu que sou soldado? — perguntou outro.

— Que os encarregados da ordem não usem de violência e nem se dêem às denúncias

falsas para assaltar a bolsa dos outros. Preciso é que todos se contentem com o que possuem e com o seu próprio salário.

Silêncio respeitoso.

O roteiro sacrificial, apresentado como essencial para beneficiar-se na vinda do Senhor, entristecia a muitos corações viciados em aspirarem o Reino Celestial como um caprichoso favor da divindade à criatura. E, com escribas e fariseus, alguns amigos do trabalho desempenhado por João também abandonaram o campo da reforma íntima.

8 DIANTE DO MESSIAS

Empenhando-se na recuperação dos que se encontravam enredados com o mal, João movia sua vontade inquebrantável e envolvia com sua bondade imensa a todos os desprotegidos da fortuna. Impressionava vivamente muitos dos seus seguidores. E eles sonhavam desassombradas visões de glória humana, convencendo-se serem predestinados a tronos imperiais. Confabulavam entre si que o precursor era o próprio Messias, mas que talvez ele não julgasse ainda chegada a hora de revelar-se e tomar de assalto o poder e sufocar toda espécie de mal no Mundo.

O Missionário confrangia-se por seus amados. Sabia-se cercado de invigilantes criaturas que se deixavam seduzir com o brilho fugaz das posições terrenas. Em mais de uma das muitas conversações que sustentavam os amigos, ao cair da tarde após as pregações diurnas, às margens do generoso e fertilizante Jordão, tais insinuações alcançavam-lhe os ouvidos. E por mais negasse ser o Cristo, não conseguia remover do espírito de alguns de seus mais próximos colaboradores a idéia de perturbação.

Naquela tarde, mais que nas outras, sentia-se agonizando pelas ausências do entendimento.

Doíam-lhe tais reflexões, quando viu aproximar-se “um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misericordiosos, uma beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fossem fios castanhos, levemente dourados por luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava de sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível”.²

Era Jesus, filho de Maria — seu parente.

À sua aproximação, João sintonizou-se com Planos Sublimes, anotando uma figuração delicada, e que não se exprimia na Terra na forma comum dos homens, que descia do firmamento, lançando de si raios luminosos de pureza celestial. Era a Região de Espíritos redimidos e santificados, cooperadores do Cristo, que vinham anunciar o início do Reino de

:(*) “Há dois mil anos” — obra de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, página 79, 7ª edição da FEB.

Deus e, em nome do Pai, afirmaram:

— Este é o meu Filho amado, em quem me deleito.

Em êxtase, de olhos úmidos e alma soluçan- te, João balbuciou respeitoso:

— Eis aqui o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo! Este é o de quem eu dizia: Após mim, vem um homem que é maior do que eu, porque existia antes de mim. Eu não o reconhecia, mas vim aplainando- -lhe o caminho para que Ele se tornasse conhecido em Israel. Vi o Espírito descer do Céu e pairar sobre ele! E dele agora dou testemunho a todos, porque é verdadeiramente o Filho de Deus.

Os passos suaves de Jesus e sua presença radiosa penetravam- -lhe pela alma torturada pela incompreensão humana, trazendo- -lhe um estranho e desconhecido refrigério, qual aragem sublime a serenar- -lhe o inquieto coração.

9 QUE ELE CRESÇA...

Os espectadores aumentavam, presenciando a curiosa divergência surgida entre o judeu forasteiro e os discípulos de João Batista, com referência ao Rabi Nazareno há pouco surgido.

— O nazareno — altercava o forasteiro — purifica os homens pelo conhecimento que lhes transmite. Ele abre o próprio coração qual nascente inesgotável de consolação e inicia a todos nos mistérios do amor!

— Mas ele foi iniciado por nosso Mestre!

— Talvez sim — redargüiu o outro com ironia. — Mas, mesmo que fosse iniciado por João, a sua purificação é maior, porque não se realiza apenas num símbolo. Acolhe todos os pecadores e o povo está com ele!

O seguidor do batista tornou- -se rubro, irado. Sentia- -se espicaçado em seu amor- -próprio nesta disputa que voluntariamente aceitara. Abandonou seu contendor em meio da controvérsia e partiu juntamente com outros companheiros a Enom, lo- 34 cal em que João estava empenhado em seu trabalho.

O grupo aproximou- -se e falou o principal:

— Mestre, aquele Jesus que estava consigo além do Jordão, e de quem o senhor deu testemunho, agora também está fazendo seguidores... e todos vão ter com ele!

Na acusação que se velava na informação transmitida, o precursor compreendeu que o orgulho ferido se vestia de zelo, naquelas almas generosas mas imprevidentes, que se doíam por não estarem ocupando os primeiros lugares na preferência dos homens. Esboçou, porém, ligeiro sorriso, tal pai amoroso que surpreende o filho em falta inconsciente.

— Não pode o homem — disse João — receber coisa alguma que lhe não seja dada pelo Céu.

O zeloso discípulo, que aguardava outra reação, tornou- -se furioso e agressivo.

— Convenhamos que se os Céus não amparam a criatura ela nada realiza de útil. Mas isso não autoriza a quem quer que seja afirmar-se o Cristo! E o Nazareno silencia, quando lhe dizem que ele é o Cordeiro de Deus.

— Mas — contrapôs João — vocês mesmos são testemunhas do que eu disse e repito: Não sou o Cristo, sou enviado adiante dele.

O voluntarioso seguidor baixou as pálpebras, mas não se deu por vencido.

— Não negamos o testemunho de suas palavras. Porém, não é justo nos confiemos calados ao juízo temerário dos homens que buscam humilhar-nos, diminuindo-lhe a grandeza, Mestre!

João envolveu em carinho o amigo.

— O Cristo tem a Humanidade por sua esposa. E muito me regozijo ao ouvir a sua voz, falando à Terra. Essa é uma alegria que me toma o coração.

O sorriso da ambição desabrochou no informante.

— Mestre, se Você é amigo do esposo é porque também representa a Verdade dos Céus. E como Emissário da Verdade não lhe cabe ser ignorado pelos homens. Tome o seu lugar entre os maiores do novo reino...

— Filho meu — esclareceu o precursor, colocando a mão no ombro do discípulo — na sementeira do Evangelho é preciso que o Cristo cresça e eu diminua.

A afirmativa encerrou o assunto. Foi-lhe possível compreender, naquela suprema lição de ajustamento espiritual, que o propagador do Reino de Deus não deve porfiar em tomar o lugar do próprio Reino. Fazendo crescer-se a si mesmo com o fermento disfarçado do orgulho, trará prejuízo à obra de que é simples intermediário, pelas quedas a que está sujeito pelas limitações de sua evolução natural.

— Filhos — ponderou-lhes João, inspirado nas Esferas Celestes — aquele que vem do Alto está acima de todos. Aquele que vem da Terra é terreno e de coisas terrenas fala.

"Quem vem dos Céus está acima de todos e dá testemunho do que viu e ouviu, mas ninguém recebe o seu testemunho. Aquele que receber o seu testemunho, esse atestou que Deus é verdadeiro.

"Aquele que Deus enviou fala as palavras de Deus, pois Deus não lhe dá os conhecimentos terrenos por medida. O Pai ama o Filho e tudo lhe pôs nas mãos. Aquele que crê no Filho descobre a vida Eterna; aquele, porém, que não atende ao Filho não se beneficia com os bens maiores da existência, mas a reação da Justiça Divina fica sobre ele."

Silêncio respeitoso, que ninguém ousava quebrar.

O precursor passeou seu olhar pelos amigos da hora, assenhoreando-se de seus pensamentos. Lia-lhes no íntimo e descobria neles muitos que se fariam arautos do Cristo, em futuras reencarnações, tomando dos Evangelhos unicamente para engrandecerem-se a si mesmos, divorciando-se da obra libertadora de consciências. E muitos conturbariam as revelações cristãs somente para não se despojarem da lisonja que floresce nos lábios dos que

lhes nutririam a vaidade pessoal.

Outros, porém, guardavam desde já a lição que atravessaria os tempos e que, na sua singeleza, se transformaria na senha viva por onde se identificam os obreiros da Verdade:

— É preciso que Ele cresça e eu diminua.

Enom fervilhava de forasteiros que iam à procura de João, e depois se encontrariam com Jesus nas pregações excelsas do Evangelho.

10 PRISIONEIRO

Sereno, de mãos atadas, João Batista se deixava conduzir pelos dois guardas, atravessando corredores sombrios e úmidos do palácio de Hero-des, o pequeno rei judeu da região. Avançavam sem trocar palavras e suspenderam a marcha frente à porta da câmara particular da habitação palaciana.

Fizeram-se anunciar e entraram.

O espaçoso aposento, desprovido de muita luz, era utilizado somente para cuidar de assuntos confidenciais e particulares do governante, funcionando por bastidor de intrigas, por tomada de informações sobre perigos que sobrepairassem ao trono, por recanto de exame das manobras romanas e disposições políticas do poder central dos dominadores. Num dos seus ângulos estava Hero-des a denotar seu nervosismo. Gesticulou aos guardas que prontamente se retiraram.

Deixados sós, encaminhou-se lenta e majestosamente para João, destacando a autoridade de que se revestia sob a proteção de Roma, que nele possuía um servidor cordato e fiel, sempre disposto a denúncias e pacificação de populares para fazer jus à confiança que lhe tributavam.

— Dizem que você fala de nós em praça pública, censurando-me a vida conjugal!

Embora afirmativo, sua voz revelava temor pelo batista. O prisioneiro examinou-lhe a fisionomia penetrantemente, obrigando o despótico político a baixar as pálpebras, e respondeu:

— Não é lícito a Você, Herodes, possuir a mulher de seu irmão.

O rei se transformou em acusado, empalideceu e sustou a respiração, crispando os dedos e voltando as suas costas a João para esconder o rubor que lhe assomava a fisionomia. Nada poderia dizer, porque a contundente e ferina revelação era exata, embora ninguém no reino se atrevesse a pronunciá-la abertamente.

Correu à porta.

— Guardas! Levem-no à cela!

Mal ficara só o rei, saltou-lhe à frente, saindo da penumbra em que permanecera, Herodiáde, a mulher que tomara de seu irmão por esposa. Ela sentira a alma penetrada por um estilete profundo, que lhe rompia o coração ao meio. Pálida, transfigurada de ódio,

bramiu a Herodes:

— É preciso matá-lo!

— Não posso! O povo se rebelará...

— Impossível que ele continue a lançar-me as nódoas da maldade, reduzindo-me em praça pública à condição de uma pecadora comum! Ele precisa morrer! E o povo será dominado, como sempre foi, na morte dos criminosos!

Herodes transpirava abundantemente, enquanto a mulher falava exigindo a morte do profeta. Além da rebelião do povo, temia que o batista lhe atirasse alguma maldição, encerrando-lhe a carreira política.

— Cale-se! — ordenou bruscamente à consorte.

Ela abandonou o recinto imprecando contra João Batista e maldizendo a fraqueza de Herodes que não houvera atendido ao que pedira. Levava uma determinação fatídica e terrível contra o precursor e tudo faria para levá-lo à morte.

O tetrarca, no entanto, refletia que João, pelas referências que recebera dos informantes que enviara a espioná-lo, era um homem justo e santo, amado por muitos, mas destemoroso pela audácia, como pudera comprovar ao ser frontalmente acusado.

— Acima de tudo.. . eu o temo!

Conhecendo, porém, a ação de Herodíade quando se determinava a realizar um capricho ou uma vingança, expediu ordens especiais para que o precursor não experimentasse a morte que ela exigira, irrefletida e impulsiva, levada pelo aborrecimento de que os populares comentassem a sua traição à fidelidade natural do casamento.

11 DÚVIDAS...

Repousando o corpo esgotado, e já febril, sobre as palhas do infecto cubículo que lhe fora destinado por prisão, João Batista revisava mentalmente os últimos sucessos que vivera. Sentira-se abandonado por muitos, quando Herodes lhe determinara a segregação, pois que temiam seguir-lhe o mesmo destino. Outros prosseguiram corajosos e fiéis... mas, entre esses, alguns se iludiam à espera de sucesso espetaculoso em que forças celestiais viessem, iradas, ferir os guardas, romper com as paredes das celas e devolvê-lo à luz do dia sob toque de trombetas!

E desde o primeiro instante de isolamento as mais variadas informações atravessavam a guarda liberal e lhe chegavam aos ouvidos. Eram as censuras amargas aos desertores... eram palavras de ânimo... eram lamentos dos aflitos... eram sugestões de feitos miraculosos... O que mais predominava após algum tempo de reclusão, no entanto, eram relatos pejados de indisfarçável despeito de todos os sucessos de Jesus em toda a Palestina.

— Mestre! — ouviu um sussurro, interrompendo a dilatação de seus pensamentos na reflexão e nas preces, ele se levantou, aproximando-se das divisões que o separavam da

liberdade física. Era um dos seus que o havia despertado e discretamente lhe informava:

— Aquele tal de Jesus, vindo de Nazaré, tem operado em nome do Altíssimo. Dizem que ele está louco, pois tenta fundar um reino em que todos se amarão como irmãos do mesmo Pai. Teve a audácia de derrogar a pena de Talião de nossas mais caras tradições, substituindo o "olho por olho, dente por dente", por um amor que vai além da família, beneficiando aos próprios inimigos...

A pausa que fez o noticiarista dizia de todo o escândalo que ele entrevia nas atitudes de Jfisu» Era-lhe impossível conceber um dia confraternizar-se com os romanos orgulhosos e dominadores e querer bem aos criminosos!

O prisioneiro verteu duas lágrimas que se esconderam nas sombras da cela. Entrevia as agruras que experimentaria Jesus, semeadas por corações ímpios beira dos seus caminhos. Quantos sofrimentos o Cordeiro de Deus experimentaria, muito maiores do que os seus.

— Mestre! — insiste o discípulo que não lhe anota a sensibilidade espiritual — O que esse Jesus ensina aos populares não se ajusta aos que arregimentam exércitos para formar um reino!

Cercar-se de estropiados e cegos, de mudos e leprosos. .. prega a resignação aos dominadores, sufoca todo ardor que transforma cada braço em arma poderosa e invencível que se abaterá contra os forasteiros que dominam nossa gente!

— Contudo, Ele é o Cristo! — afiançou João para serenar o amigo que lhe fazia o relato.

— Impossível...

— Já mais de uma vez lhe afirmei que Ele é o Messias, o Cordeiro de Deus! Já Vocês mesmos o identificaram como tal...

O jovem movimentou a cabeça discordando. Mas iluminou as faces com um sorriso de quem procura desvender segredos e indagou curioso:

— Qual a senha para identificá-lo? O que lhe dá tanta certeza?

A chocante indagação de quem tivera oportunidades renovadas de inteirar-se dos trabalhos de Jesus refletia a atitude daqueles que observam o Cristo a distância, indagando-se a todos os momentos como reidentificá-lo a cada segundo, a cada momento, em cada circunstância. Assim como Ele, também os demais Emissários Divinos serão interrogados silenciosamente pelos que se atribulam com os próprios programas, sem se identificarem com os trabalhos sublimes. O precursor, porém, para não alongar detalhes teóricos ou provas de evidência, resolveu remetê-los ao encontro<lo verdadeiro modo de identificar um Enviado do Pai:

— Dirijam-se para onde se encontra Jesus de Nazaré. Lá chegando, digam-lhe que eu os mandei e façam-lhe esta pergunta: É o Senhor aquele que há de vir, ou devemos de esperar outro?

Eles ficaram contrafeitos. Encontrariam alguma prova que denunciasse os planos do filho do carpinteiro da aldeia de Nazaré? Ou Ele lhe detalharia planos até então conservados

secretos?

— Rogo-lhes — reafirmou João Batista — que guardem muito cuidadosos a resposta que Ele lhes der e ma tragam.

Os enviados partiram ao encontro de Jesus, deixando João Batista entregue às suas meditações e preces sobre as palhas da prisão a que Herodes o condenara.

12 SINAIS REVELADORES

Os discípulos enviados por João Batista para recolherem as informações de que Jesus era ou não o Cristo esperado, divisaram ao longo a aglomeração popular em torno do Nazareno, que eles acreditavam ser um embusteiro. Infelizes e enfermos de toda sorte, atraídos pelas narrativas de seus feitos, estavam a circundá-lo respeitosos, olvidando as próprias agruras com o magnetismo que emanava com suas palavras doces e vigorosas. O seu porte admirável e as ondas de ternura e simpatia que de si evolavam naturalmente tornavam-no distinto entre os demais homens ali presentes.

Doía ao coração dos recém-vindos notarem aquela preferência dos populares, enquanto o seu mestre estava confiado a uma prisão imunda, com uma sentença de morte a pender-lhe sobre a cabeça. O Nazareno havia promovido uma descentralização de atenções que antes se polarizavam em João. E se esta preferência houvesse permanecido, após o seu aprisionamento, por certo Herodes o libertaria de pronto, por temer as represálias de reter em suas celas um profeta amado por todos.

Tomaram o rumo do centro do ajuntamento, forçando a passagem por entre os que haviam ocorrido à prédica do Rabi Galileu. Um deles, porém, parou e disse:

— Será conveniente esperarmos que ele fique só, depois de dispersar a multidão, para que possa argumentar de sua origem e de seus trabalhos e convencer-nos de quem realmente ele é!

— Jamais! — opôs-se o outro, afoitamente. — Perguntaremos é mesmo frente ao público. Acaso não notou que muitos dos que se encontram aqui eram os mesmos que nos iam procurar às margens do Jordão, para receberem a bênção de João? Serão testemunhas, como nós o seremos também!

— Não será mais justo, porém...

— Basta! Vamos! Não percamos tempo! Jesus voltou-se para recebê-los.

— Nada viemos pedir-lhe, Jesus, pois somos discípulos fiéis de João, o batista. Aqui estamos para dizer-lhe do que nosso Mestre quer inteirar-se.

Fazendo uma pausa, como a realçar a importância da escola a que se filiavam e da autoridade de que se revestiam, indagou abruptamente:

— É Você, Jesus, o Cordeiro Divino que esperamos, ou ainda haveremos de esperar outro?

O Semeador Divino envolveu-os em seu amor infinito, acolhendo-os por algum tempo ao convívio de seus discípulos amados e, à sua vista, retornou à multidão de aflitos.

Suas mãos sublimes curaram muitos doentes.

Os atrofiados conquistaram de novo o movimento.

Dirigiu-se aos avassalados por obsessões tenazes, libertando-os do passado obscuro.

Aliviou os sobrecarregados por tribulações, com ensinamentos consoladores.

E pregou o Reino de Deus aos pobres de espírito.

Somente após o trabalho realizado é que chamou novamente a si os que João enviara e lhes dirigiu as primeiras entonações:

— Retornem a João, e contem-lhe o quanto viram e ouviram: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos voltam à vida, e aos pobres anuncia-se-lhes o Reino de Deus.

Abraçando-os e beijando-lhes as faces, complementou Jesus:

— Bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de escândalos e de tropeço.

Jesus os surpreendia pela sua magnitude. A sua resposta não fora: "Eu sou o Cristo", como qualquer impostor haverá podido dizer. Tampouco lhes fala de prodígios, nem de coisas maravilhosas: responde-lhes simplesmente com o trabalho, como a dizer-lhes: "Reconheçam-me pelas minhas obras; julguem da árvore pelo fruto" — e assim desvendava o verdadeiro caráter de sua missão divina.

Despedindo-se comovidos, ambos retornaram ao cárcere para anunciar a João que não só tinham visto e ouvido o Cordeiro Divino, como também haviam recolhido um ensinamento imortal, qual o de buscar identificar os Mensageiros do Pai pelas obras do bem que realizem e não pela enunciação de suas qualidades ou virtudes.

13 REVELAÇÕES

Distanciando-se dos discípulos de João, que tinham vindo inteirar-se da posição de Jesus no quadro das revelações divinas, o Meigo Rabi se detinha a examinar-lhes a atitude. Era bem própria de todos os homens que, no decorrer dos séculos, procurariam descobrir os Mensageiros Divinos pela posição destacada que ocupassem entre os maiores da Terra. Característica dos que julgariam serem os maiores do Reino dos Céus aqueles que possuísem refinada apresentação social humana. Pela imagem que o homem tem dos campeões de seu mundo, quer medir os que representam a vontade do Pai Amantíssimo.

Voltou-se o Mestre Nazareno para os que estavam próximos, e que a tudo haviam assistido, para falar-lhes da missão árdua e santificadora de João, conservado preso por Herodes. Sabia que entre os que o ouviam, muitos houveram abandonado o precursor às pressas, ao vê-lo detido.

— Quando vocês procuraram João, que saía do deserto, que esperavam ver: uma cana

agitada pelo vento? Ou julgaram ir ao encontro de um homem vestido de roupas finas?

A indagação pairava, aguardava detalhes.

— Relembro-lhes que os que se vestem bem e vivem no luxo habitam nos palácios dos reis.

Houve, na multidão, troca de olhares de concordância.

— Então, pergunto-lhes mais uma vez: para que saíram? — e detalhou o Mestre aos simples e puros que ali se encontravam esperando orientação — Digo-lhes que vocês saíram para ver um profeta, um mediano entre a Terra e os Céus. Porém, o que viram foi muito mais, pois João Batista é aquele de quem está escrito: "Eis aí envio eu ante a tua face o meu anjo, que há de preparar o teu caminho diante de ti".

Muitos dos que se haviam feito descontentes com as prédicas firmes do precursor, comentavam em baixa voz que ele excluía muitos dos que desejavam alistar-se para participar do novo Reino. E um deles falou em alta voz.

— Como pode ser João um Emissário Sublime, se rejeitou a muitos dos que procuravam um lugar dentro do novo Reino?

O Mestre esclareceu:

— É que a partir de João Batista o reino dos céus é conquistado pelo esforço, e os que se esforçam são os que o conquistam. Todos os limpos de coração assim o reconheceram e aceitaram, porfiando para reformarem-se. Mas os fariseus e os intérpretes da lei rejeitaram para si mesmos o desígnio de Deus, rejeitando sua iniciação pela reforma íntima.

Um escriba presente entre os populares, referindo-se às exposições de Jesus, indagou:

— Quando nos Livros Santos lemos: "Eis aí envio eu ante a tua face o meu anjo.. a referência feita é a Elias o profeta e não a um tal João Batista. Como, pois, compreendermos estas aberrações?

Jesus sorriu e deitou luzes sobre a lei da reen- carnação:

— Se querem saber por que me referi a João e não a Elias, saibam que ele é o Elias que havia de vir|Ê(

O tema da ressurreição ganhava outro colorido, aos que o escutavam. Desanuviavam-se as noções de até então, quando julgavam que o retorno de um espírito seria no mesmo corpo anteriormente ocupado na Terra. Ficara claro, pelos apontamentos do Mestre Nazareno, que a volta a novas existências ou novas missões se dava em novos corpos.

— E por que João não confunde seus algozes, se é o mesmo Elias que haveria de vir? Por que não parte Você que se diz o Cristo para libertá-lo, já que é sumamente importante mandá-lo à sua frente preparar-lhe o caminho?

Proferidas com o acento de ironia e cólera, de turbação e dúvidas, espelhavam essas indagações o insano desejo de se moldar o comportamento e o destino dos Emissários Divinos pelas preferências particulares de cada um; É o impulso da criatura de modelar a

Verdade às suas inclinações afetivas, já que nem sempre se dispõem a reformular seus próprios conceitos da existência para converter-se aos princípios sacrossantos da Criação.

— Ouvindo-os, indago-lhes eu, por minha vez — disse Jesus — a quem compararei os homens da presente geração? A que são eles semelhantes, quando levantam tais questões?

E esclareceu:

— Os homens desta geração são semelhantes aos meninos que se assentam nas praças e gritam uns para os outros: “Nós tocamos flauta e vocês não dançaram ao som da música que fizemos; entoamos também cânticos tristes e vocês não choraram, como queríamos que chorassem”.

Interrompendo-se ligeiramente, prosseguiu:

— Assim como estes meninos que desejam ver todos dançando ao som de suas músicas e chorando sob seus cânticos tristes, quando veio João Batista, não comendo pão e nem bebendo vinho, disseram: “Ele tem demônio”. Veio, então, o Filho do Homem, comendo e bebendo e todos dizem: “Eis um homem comilão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores!”

No grande silêncio ainda a voz do Mestre levantou-se doce e sublime, terminando o seu ensinamento:

— Nem a fina apresentação, nem a satisfação dos caprichos passageiros dos homens, nem as afirmações permitem que vocês reconheçam aqueles que o meu Pai envia à Terra. Antes são reconhecidos e justificados pelas suas obras.

O lago de Genesaré agitava-se brandamente com a brisa que parecia soprada por anjos dos céus, refrigerando as almas que se reuniam junto ao Mestre Nazareno, cujos olhos fulgurantes eram foco de raios luminosos que varriam as sombras que por séculos se haviam acumulado nos horizontes das almas, entristecendo-lhes as experiências reencarnatórias.

14 AÇÃO E REAÇÃO

O Palácio de Herodes, que fora preparado para comemorar-lhe o aniversário natalício, agitava-se com o vozerio e os urros que subiam de tribunos e de frequentadores de habitação fidalga, de maiorais da Galiléia e de músicos, de artistas e de servos. A libação alcoólica despertava as feras emocionais e apaixonadas que se escondiam no silêncio dos corações, desenfreado licenciosidades entre muitos.

Herodíade chamou a própria filha e recomendou-lhe ir dançar e agradecer os convivas:

— Encante a Herodes! — recomendou particularmente.

Os aplausos estrugiram, quando a menina se remeteu à sala, nos arabescos da dança. Beleza, juventude, graça sensual — desencadearam no pequeno rei todos os seus desejos de há muito contidos, prenunciando-lhe um prelibar de sensações grosseiras a que ele aspirava ardentemente.

E sua voz troou gigantesca:

— Peça-me o que quiser, menina, e eu lhe darei!

Mal ouviu o murmúrio que despertou. Seus olhos saltantes e sua fronte suarenta, recoberta por palidez estranha, denunciavam-lhe a loucura temporária de que se possuía.

— Juro-lhe, menina! Ainda mesmo que me peça metade de meu reino, eu lha darei!

Música, movimento de servos, convivas — todos ficaram num grande silêncio, pois era larga demais a oferta sob juramento de Herodes. A jovem, porém, encabulou-se afastando-se para consultar-se com Herodíade antes de formular o pedido.

Sua mãe despertou-se para a idéia obsessiva que a dominava inteiramente:

— Peça a cabeça de João Batista, o profeta!

Ninguém pudera ouvir o curto diálogo e todos

acompanhavam contrafeitos e expectantes o retorno da jovem aos pés de Herodes, onde ela formulou sua vontade:

— Quero que sem demora me dê num prato.. .. a cabeça de João Batista.

Herodes levou a destra à própria garganta, comprimindo a artéria jugular que se intumescia no choque emotivo que o pedido lhe ocasionara.

A sua anterior palidez acentuou-se mais, embora as faces guardassem os traços de colorido das bebidas fortes. O coração agitava-se desenfreado no peito. Olhou em torno de si, procurando alguém em quem firmar-se para denegar o pedido ousado, porém os circunstantes aplaudiam o atrevimento da moça e reformulavam o inusitado presente, desafiando o medo de Herodes, que muitos conheciam.

— A cabeça de João — por metade de um reino!

O soldado adentrou a sala do festim e, como lhe fora ordenado, entregou às mãos da tresloucada menina e sua obsessiva mãe um prato com a cabeça do precursor do Cordeiro Divino.

A sorrir vitoriosa, Herodíade desconhecia que, embora prisioneira no cárcere dos vícios e das vaidades que lhe corroíam as fibras delicadas da alma, nada mais era que instrumento para a provação que a João Batista cabia nessa romagem, para ressarcir-se dos enganos que cometera quando reencamara como Elias e ferira de morte os sacerdotes de Baal.

Nesse século a voz do precursor se transferira do mundo dos homens, para falar à Terra do Eterno Reino Divino, de que fora o seu enunciador primeiro.

15 NO MONTE TABOR

Acompanhado por três de seus discípulos, sob os clarões da lua, Jesus galgara o Monte Tabor. E no esplendor verde que se erguia apontando rumo ao infinito, no ambiente de tranquila e divinizada paz que favorecia a comunhão harmoniosa com os fluidos divinos da atmosfera, adentrou em profunda oração.

Por momentos seus encantadores olhos permaneceram cerrados. E ele externou o seu peris- pírito, envolvendo o seu próprio corpo com as energias puras que represava no interior de seu organismo. Apagou o seu envoltório carnal, revelando seu estado de Puro Espírito, tornando-se de excepcional fulgor e embranquecendo suas vestes com o mais lírio dos brancos.

Transfigurava-se frente a Pedro, Tiago e João.

Ao seu lado, luminescendo quais verdadeiros sóis de amor, Moisés e Elias se fizeram visíveis aos olhos dos atônitos pescadores galileus que seguiam Jesus como aprendizes. E com ambas as aparições o Mestre entretinha brando diálogo, comentando a retirada que em breve empreenderia do mundo dos homens. Bastaria lançar as derradeiras sementes, suportáveis às mentes que o acolitavam e que dele se beneficiavam.

Simão Pedro, encantado e surpreso, interrompeu-os:

— Mestre, estamos bem aqui. Fazemos três tendas: uma para o Senhor, outra para Moisés e outra para Elias.

Jesus sorriu para o amigo que falara.

O instante, porém, em que Elias e Moisés se consorciavam na comunicação espiritual, em mais uma renúncia extraordinária, era o de união da Terra com os Céus, pelo convívio entre os que se encontravam mergulhados nas sombras da carne com aqueles que hajam completado o seu transe pelo orbe. E cabia a Moisés, que proibira o fenômeno mediúnico pelo abuso com que o praticavam, e a Elias, que sempre colaborava na enunciação das Verdades do Pai, mais uma vez consolarem a Humanidade restabelecendo o correio espiritual.

Das alturas a Falange de Almas Puras anunciou-se em Jesus:

— Este é meu Filho bem-amado. Escutem-no!

Rompam as novas juzes, num novo dia da Humanidade, espraiando os raios da esperança, da fé e do amor por sobre os pântanos dos sentimentos, gerando os lírios angelicais que dormiam na lama.

MARIA E JESUS

16 O RECENSEAMENTO

Otávio — chamado o Augusto, pelo Senado romano — mantinha vastos territórios sob sua autoridade. Entre outros, dominava toda a Palestina, terra em que viviam os judeus, povo que cultuava a idéia do Deus único e que aguardava, entre místico e ansioso, a vinda de um Salvador. O Imperador Romano, porém, somente agora estava restabelecendo a unidade política de seu poder, após haver derrotado a Antônio, com quem compartilhara o

grande Império.

Isolado em seu gabinete predileto dava asas à sua imaginação, projetando-se para além das fronteiras e, quanto mais se distanciava de Roma, acompanhando o roteiro dos relatórios que recebera de seus informantes, atravessando o agitado Mediterrâneo, assinalava os embaraços crescentes. Era difícil e extenuante manter em paz e ordem os seus dominados!

Suspirou olhando as próprias mãos. Como seria melhor ter tudo ao seu alcance, controlando os movimentos diretamente com seus dedos... Em - 62 bora já houvessem lançado a cizânia em Israel, dividindo o país em províncias e confiando cada parte a príncipes regionais submissos, a subversão era uma constante e a corrupção dominava os seus patrícios mesmo.

— Tudo é tão precário! — monologava desalentado.

Não obstassem tais problemas, por si só tão angustiantes, ainda a arrecadação de tributos não cobria as despesas decorrentes da sustentação de tropas mercenárias que se aquartelavam nas cidades principais sob o pálido romano.

— Lancemos novos impostos...

Esta solução simplista que lhe deitavam continuamente aos ouvidos alguns bajuladores da corte não era solução. Ocasionalmente revoltas incalculáveis nos seus dominados, pois que os pobres seriam vilmente feridos e achacados pelos oportunistas que se valeriam de sua autoridade de coletores de impostos para aumentarem suas fortunas particulares. E rebelião origina despesas ainda maiores com a movimentação de exércitos, como ocorrera para derrotar Marco Antônio e Cleópatra!

Ergueu-se o meditativo Imperador, carregando o peso da administração para os salões onde mandara se reunissem os seus principais conselheiros.

— A solução é tributar a fortuna!

A sugestão a princípio soou mal, não muito sólida, pois não se cogitara jamais de estabelecer diversificação no estabelecimento de tributos. Sempre fora norma que todos pagassem na mesma proporção. Mas o relator demonstrou que tal medida obrigaria a um levantamento de fortunas, permitindo que os maiores do Império estabelecessem um controle rígido na arrecadação.

— Além do que — ponderou finalmente, já com vários pareceres favoráveis à sua exposição — não adentraremos na bolsa dos menos favorecidos, que é onde se fermentam as grandes agitações populares!

Otávio ouvia com atenção os debates.

— Processemos o levantamento de todas as famílias de nossos territórios. Relacionemos os bens particulares. Inventariemos as propriedades. E na posse desses elementos é possível agir com a cautela que a prudência recomenda, ao mesmo tempo em que alijaremos a corrupção de nossos arrecadadores.

Todos foram unânimes na aprovação, restando tão-somente ouvirem Otávio que se demorava em ponderar as medidas sugeridas pelos amigos do trono. Calmo, levantou-se:

— Não podemos tornar-nos escravos do Império que criamos!

Algum tempo após partiram os editos para o grande recenseamento que se faria, determinando-se que cada família fosse alistar-se na sua cidade de origem e exibissem ao censor os bens que possuíam.

A medida e seus fins, porém, transpiraram para além das autoridades romanas, caindo no domínio de alguns judeus que passaram, então, a negociar seus haveres. Trocavam seus animais, reduziam suas propriedades. Pretendiam mostrar a César o menos possível, porque guardavam horror em dar tributo ao Império Romano e sustentar-lhe os exércitos e os patrícios.

17 OS DERRADEIROS

Da estrada seca uma nuvem de pó erguia-se para a abóbada celeste, num louro e sufocante halo. A esteira tênue e flutuante, movendo-se ao sabor do pouco vento que bafejava a região, demarcava o roteiro dos viajores apressados que se haviam reunido em grandes caravanas em demanda às cidades em que haviam nascido, para alistarem-se no grande censo promovido por ordem de César Augusto.

José, o carpinteiro, acompanhado de sua esposa Maria suspendeu a marcha, suarento, e esfregou a manga de sua túnica por sobre o rosto, enxugando as bagas que se vertiam em sua pele e que se despencavam pelas barbas empoeiradas.

Olhou à retaguarda... Eram dos últimos a chegar, possivelmente, pois que ninguém os seguia!

Até aquele ponto a jornada fora longa e exaustiva.

Demorou em Maria seus olhos confortadores, como a transmitir energia à pálida e exangue jo- 66 vem que percorrera corajosa e forte os primeiros cem quilômetros de trilhas pedregosas que se rasgavam em meio de urzes e espinheiros, sob sol escaldante e sobressaltados de espanto e medo pelos tropéis de animais que passavam lépidos e ousados à sua frente.

Haviam pousado em Jerusalém, vindos de Nazaré. A estada, porém, fora curta porque estavam atrasados e, após o breve descanso, tinham reiniciado a andança em rota-sul... Mas estavam próximos do seu destino.

Era já quase o entardecer.

Reiniciaram a caminhada. Palmilharam mais alguns quilômetros e ele se embrenhou com a esposa por um atalho e, no fim do estreito caminho, recostou-a contra o ombro esquerdo. Ergueu a destra silencioso e apontou à pequena aldeia que se estendia por um vale verdejante.

Era Belém, a cidade de David, que lhes medrava aos pés com seu casario baixo e suas ruas irregulares. Fervilhava de forasteiros e descendentes das famílias antigas, que ali aportavam atendendo à convocação dos censores, pois que os palestinos, mesmo não aderindo aos cultos religiosos de seus dominadores e nem aos seus costumes, não lhes negavam atendimento às imposições decorrentes da prepotência militar.

18 UM ABRIGO

A horas tardias, o casal vindo de Nazaré adentrou pelas ruas de Belém, transitando pelas vias públicas em busca de hospedaria e entrecrocando-se, a cada passo, com viandantes absortos em conversações surdinas.

Frases esparsas, colhidas sem o móvel da curiosidade, desnudavam aos ouvidos de José o nervosismo fervilhante de que todos se possuíam, no afã de engendrar meios escusos, e elegantes ao mesmo tempo, para subtraírem-se de prestar ao Governo a declaração real de seus bens, por menores que fossem.

Propina, suborno — eram os temas preferenciais.

Os recém-vindos guardavam, porém, paz íntima.

José tinha a Maria, Maria tinha a José — e ambos, desprovidos das riquezas terrenas, tutelavam como tesouro as revelações espirituais que se lhes deram por obra de Deus, transmitidas pelo Espírito de Gabriel, anunciando a vinda do seu Senhor debaixo do modesto e humilde teto do carpinteiro.

O povo não denotava cuidados outros senão os que consagrava como de extrema urgência e importância: evitar impostos! E levados por tal zelo tinham vindo cedo, para unirem-se nas formas de burla que lhes permitissem conservar e até, se possível, aumentar suas posses transitórias.

E já todas as casas de pouso estavam tomadas.

Mesmo as residências que poderiam acolher aquela mulher, que em breve traria à luz do mundo o Mundo de Luz, guardavam suas portas cerradas a todos os forasteiros, pois que seus habitantes estavam entregues ao comércio de suas cabras e de seus bois, de seus camelos e de suas terras.

Aqueles derradeiros, em seu berço natal, estavam desabrigados.

Um estalajadeiro, no entanto, rendeu-se aos rogos e insistência de José, que suplicava recanto para a esposa em vias de maternidade. E o homem confiou ao casal uma estrebaria repleta de palhas e sujeiras, em companhia de animais diversos.

19 O NATAL

Orando a Deus em favor do estalajadeiro que lhes cedera a estrebaria para pouso, José e a esposa acomodavam-se com simplicidade e alegria, entre os animais pacíficos que

partilhavam com eles o seu agreste leito.

Lá fora os homens seguiam em suas permutas.

Aqui dentro os camelos e os cordeiros se mostravam mais dóceis e tranquilos, tocados que eram pelos fluidos angelicais das Falanges Divinas que acolitavam o grande Espírito que se aprestava ao nascimento do missionário entre as criaturas.

Maria, com a natural sensibilidade feminina de mulher, espelhava a simbiose com as Esferas Elevadas, perfumando com as vibrações de sua alma amorosa o ambiente, como que abençoando o gado paciente e servil que se aquietava na hora augusta.

Por entre as primeiras lágrimas maternas que lhe desciam pelo aveludado semblante, descerrou as cortinas densas de nosso mundo para o Cristo de Deus.'

Jesus nascera!

A singela estrebaria nimbava-se de luzes sublimadas perceptíveis à visão espiritual enobrecida no Bem, numa resposta dos Céus aos cânticos de louvor e ternura das Almas Purificadas, nos portais da primeira das imorredouras lições de renúncia e amor do Filho de Deus em favor de todos os homens. Distâncias incomensuráveis vencera o Mensageiro da Paz movendo-se dos Planos Celestes para trazer a sua Boa-Nova à Terra.

E como primeiro leito Maria oferece-lhe a manjedoura, soerguendo-se aquele tabuleiro em que se deitava comida para sustentação das ovelhas famintas quando os pastos do mundo se haviam secado até à raiz de suas ervas, por símbolo perene. Oferecendo-se, então, a todos os que sentem fome de consolação, a todos os desnutridos de espírito, a todos os tíbios e escorraçados, a todos os desterrados e exilados do mundo dos homens, estava aquela que viera por alimento das almas.

As mãos carinhosas de Maria-mãe afagam a criancinha que Deus confiara à ternura de seu coração, enquanto ao seu lado José contempla, em lágrimas silenciosas, a sua manifestação osculando o filho que os Céus haviam feito descer à Terra, por Sol resplandecente em aurora para todos os que andassem em trevas.

20 AMOR E PAZ

Belém, circundada por montanhas, era região de pastoreio, abrindo-se em imensas áreas de fértil pastagem em favor de grandes rebanhos. Nesta noite o capim e os arbustos se confundiam, nas sombras sem luar. O azul-cinza do horizonte, porém, se vestia de estrelas que dobravam suaves raios sobre a Terra.

Os pastores, ouvindo a inspiração dos campos e o poema silencioso da abóbada celeste, distantes dos bulícios citadinos, aproximavam-se das intuições da Espiritualidade, dentro da quietude noturna. A natureza enviava-lhes convites à reflexão elevada. E tangidos por forças que desconheciam, aproximaram seus rebanhos unindo-se para mais uma vigília, evitando que os lobos tomassem de assalto seus tutelados indefesos.

Nenhuma palavra proferiam, pois suas almas exercitadas na prece se entrelaçavam na mesma onda de vibrações simpáticas, plenas de amor, trazendo-os envoltos numa atmosfera diferente da comum. Uma sensação refrigerante percorria-lhes o corpo, qual se estivesse presente o sopro de uma graça Divina!

Aos seus olhos apresenta-se em clarividência um Espírito Puro, fulgurando em esplendorosas cintilações. De pronto alguns se levantaram, atônitos, mas o manifestante lhes falou:

— Não temam!

O convite funcionou por bálsamo, nos corações que se tranqüilizaram.

— Venho trazer-lhes uma notícia que, para Vocês, assim como para todo o povo, será motivo de justa alegria. Hoje, na cidade de David, Belém, nasceu-lhes o Salvador, que é o Cristo, o Senhor!

Alguns deles renderam-se genuflexos, maravilhados que fossem a eles reservados esses minutos inolvidáveis! Esclarecido lhes era, porém, que tal se dava porque Jesus viera ao mundo para os pobres de espírito, para os humildes e que os Príncipes do mundo estavam ainda sitiados pelas forças vivas das paixões que guardavam as portas de suas almas, impedindo-os de receber o noticiário divino.

E o Mensageiro Celeste complementou:

— Para reconhecê-lo, procurem um menino envolto em pano e deitado numa manjedoura.

A informação chegou a chocá-los profundamente. Deus de misericórdia!... O Salvador envolto em panos e não em cetins ou vestimenta régia; aceitando por leito uma manjedoura e não disputando um rico berço imperial!

Não lhes restou longo tempo para reflexões, porque notaram uma grande falanje de Espíritos reunir-se ao que lhes falava e todos se elevaram por sobre os montes, anunciando que o Salvador não viera na posição de juiz violento para sentenças dolorosas ou credor impiedoso para assacar seus devedores e levá-los à falência ou à prisão. Estava ali em missão de amor e paz:

— Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens.

Já a magnífica assembléia se havia desvanecido e os pastores ainda se entreolhavam lacrimosos e encantados, quando um deles anunciou a sua disposição de localizar o Cristo de Deus que nascera em Belém.

— Desçamos até Belém e varejemos todas as estrebarias, até encontrarmos esse menino que será a luz de nosso mundo!

Apinharam-se à entrada da estrebaria e só muito lenta e respeitosamente se aproximaram da manjedoura onde estava o belo menino deitado. Dele se desprendia uma indizível irradiação de ternura, harmonizando o ambiente a que se confiara. E seus pequenos olhos, fitando os pastores, bendiziam aqueles que também dariam pastoreio às

ovelhas de seu coração, nos dias de privações e dores.

José inquiriu os visitantes e estes relataram, em baixa voz, mas com riqueza de detalhes, a bênção que lhes reservara a Bondade Divina, apiedando-se da sua condição humilde e indicando-lhe a vinda daqueles que era o Pastor das Almas e que chegara para cuidar de todo o redil.

Maria guardava na concha de seu coração essas palavras, alegrando-se pelo júbilo que espelhavam aquelas criaturas simples que abençoavam o seu filho amado. E ela sabia que só quando o homem sente fome de espírito é que procura na manjedoura sublime o alimento da alma: Jesus!

21 RECORDAÇÕES

A noite cálida e a solidão ensejavam diálogos íntimos no seio da pequena família que se multiplicara na estrebaria de Belém. José e Maria permutavam agradáveis recordações, referentes à vinda de Jesus ao seu lar, cercado por tão inusitados e surpreendentes avisos dos Céus.

A certa altura, o carpinteiro confessou:

— Numa noite, deitara eu, possuído por infundadas apreensões, e Maria, quando em sonho um Espírito me apareceu, confortando-me a alma tribulada pelos cuidados deste mundo. E Ele me disse do nascimento de nosso filho, recomendando-me chamá-lo de Jesus, que significa “o Salvador”.

Fitou enternecido a esposa, e prosseguiu:

— Os naturais cuidados que lhe assaltam o coração, sobre o futuro deste menino, o mesmo Revelador se antecipou, com as seguintes palavras: “Ele salvará o seu povo dos pecados.” — Não será Ele, pois, como espera o nosso povo, “um comandante revolucionário, como tantos outros, a desvelar-se por reivindicações políticas, à custa da morte, do suor e das lágrimas de muita gente.”¹³

O carpinteiro contemplou o filho.

— Ele veio para salvar-nos de nossos próprios erros, afastando-nos do egoísmo e do orgulho que alimentamos aqui no peito — obtemperou, apertando o coração com a mão.

Maria deixou escapar longo e dolorido suspiro.

— Gabriel, nosso Espírito protetor — disse ela — também a mim me visitou, fazendo profecias dos sucessos que ora iniciamos a viver. Surpreendeu-me vivamente, porquanto nunca me fora dado supor que em nossa casa modesta pudéssemos acolher o Salvador. Advertiu-me, porém, quanto ao domínio que nosso filho exercerá, ins- truindo-me: “Reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e o seu reino não terá fim.”

¹³(*) Vinha de Luz — obra ditada pelo Espírito de Emmanuel, psico- grafia de Francisco Cândido Xavier, lição 174.

Acariciando o pequeno, disse pensativa:

— Tenho em meu coração que o único reino que se eterniza é o do Espírito. Não vem Ele, pois, imperar entre os homens, à semelhança dos Príncipes locais.

A jovem sorriu com meiguice.

— Mas naquela ocasião temi estar possuída de alucinações, porque reconheço não sermos d'Fçjnos de tanta misericórdia, qual a de guardar o mais precioso tesouro do Pai Celestial. Apreensiva busquei Isabel, esposa de Zacarias, minha prima-irmã, para confessar-lhe meus temores. Uma nova surpresa me aguardava. É que mal pisei a soleira de sua casa e um Espírito serviu-se de Isabel para espantar meus receios vãos. Daqueles lábios que desconheciam meus secretos temores, ouvi: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre. Que fiz para merecer visitada pela mãe de meu Senhor?"

José, mãos calosas de carpinteiro, desdobrava-se em ternura, afagando os longos e belos cabelos de sua consorte.

— Oh! Esposo meu! naquele momento, uma voz falou dentro de meu coração, alertando-me que Deus, escolhendo-nos, preferia-nos aos poderosos para exaltar os humildes, cumulando de bens os famintos e despedindo os ricos de paixões com mãos vazias...

Duas pérolas cristalinas rolavam pelas faces angelicais de Maria.

22 ENTRE OS DOUTORES

Doze anos se dobraram sobre os acontecimentos da estrebaria de Belém...

José experimentou a porta de sua casa pela derradeira vez. Estava bem fechada. Juntou-se, então, à esposa e ao filho Jesus, tomando a direção de Jerusalém.

Atravessaram pelas ruas simples e pedregosas da cidade de Nazaré, orladas por casinhas pequenas, na sua maioria também cerradas. Os moradores da localidade, como eles, haviam partido para a comemoração da Páscoa na capital da Palestina.

Em caminho, pelas estradas, entretinham conversação alegre e fraterna com amigos e parentes, versando sobre os encantos especiais da capital palestinese e trocando impressões e planos nos festejos tradicionais. E a caravana se adensava, recebendo criaturas provindas de todas as regiões da pátria, que se uniam para o culto comum da raça.

Nesta romagem demorada, por vencer longas distâncias a pé, as crianças se afastavam dos pais, atraídas por companheirinhos fortuitos ou arrastadas à companhia de parentes que se reviam no curso da jornada.

* |

Juntando retalhos de quanto lhes fora possível anotar, regressavam após os festejos religiosos. Uns diziam das pregações ouvidas, no soberbo Templo de Salomão; outros comentavam roupas que haviam despertado deslumbramento. Alguns envinagravam os

costumes das patrícias romanas, que de relance vislumbraram, quando elas se postavam a observar as filas de romeiros...

José fazia apontamentos de sua profissão, quando a esposa o alcançou, trêmula e empalidecida.

— Onde está Jesus? — ela indagou.

O esposo não soube informá-la, olhando à sua volta instintivamente, qual se o filho se encontrasse ao alcance de sua voz.

— Deve estar com os parentes! — informou vago.

Ambos passam a procurá-lo, em vão.

Jesus não se encontrava nos grupos despreocupados, que regressavam das festividades religiosas, e nem sequer entre os seus consangüíneos que faziam desfilar, com sabor e prazer, os acontecimentos menores desenrolados na capital do país.

O casal deliberou regressar a Jerusalém, guardando esperanças de reencontrar o filho que se transviara da família, quando a mesma se ocupara do cumprimento das tradições de seu povo. E, horas mais tarde, adentravam a metrópole palestinese, perquirindo a quantos conheciam, sem contudo alcançarem resultados satisfatórios. Buscaram, depois, pelos mais pitorescos recantos em que a infância da localidade se agrupava, em suas diversões!

Três dias decorridos, Maria sentia-se martirizada com a necessidade de afagar seu rebento, quando receberam uma informação surpreendente:

— Esse menino, eu o vi, no Templo!

De pronto alcançaram o recinto indicado. À porta, ela se susteve aliviada, recostando-se em José que lhe seguira os passos. Lá estava Jesus, entre os rabinos de Jerusalém, centralizando o interesse dos presentes. Um dos doutores das Leis Mosaicas, naquele justo instante, empenhava-se em sustentar a Jesus a urgência de retê-lo aos seus cuidados, para aproveitar-lhe a inteligência

82 fértil, que lhe desbordava a cada palavra matizada de carinho.

A mãe, emocionada, aproximou-se do pequeno círculo.

— Filho! — chama em carinhos e temores — Por que Você procedeu assim conosco? Seu pai e eu andávamos à sua procura, cheios de aflições.

Jesus sorriu, compreendendo que a mãe se tomava dos cuidados comuns às criaturas, que acham justo ao homem dar trato às coisas do Pai, apenas após terem feito o trânsito e atendido todos os mínimos cuidados das coisas da Terra. Envolveu o coração materno com a irradiação suave de seus fluidos e estabeleceu, ainda, criança que era, a prioridade que devem ter os interesses eternos, sobre os passageiros:

— Por que me procuravam? Não sabiam que me convém tratar dos negócios de meu Pai?

Maria reprimiu um vocábulo de espanto, porque numa súbita revelação compreendeu que não deveria ter buscado o filho entre os folguedos transitórios, nem entre as reuniões menos sérias, nem entre os negócios deste Mundo — porque o homem sensato deve de ser

procurado no âmbito em que se cuide da Vida Eterna.

Após permutar olhar de entendimento com o esposo, toma o filho pela mão e condu-lo, submisso, à sua moradia em Nazaré.

Na casa pobre, entre seus afazeres domésticos, ela meditava sobre os acontecimentos, refletindo se não era conveniente encaminhar Jesus a Jerusalém e proporcionar-lhe esmerada educação entre os rabinos. Num desses momentos, o pequeno nazareno aproxima-se da mãe e, para enaltecer a importância da família na edificação do verdadeiro Reino de Deus, toma a enxó de que seu pai se servia nas tarefas da carpintaria e passa a ajudá-lo no desempenho de seus misteres.

A mãe, carinhosa, recebeu-lhe essa mensagem, sabendo que o seu lar seria a sua primeira e grande escola, na preparação do seu ministério divino.

23 BODAS DE CANA

Quem parte de Nazaré em direção às suaves águas do lago de Genesaré, que se engalanam e se perfumam com a relva moça junto às suas margens, encontra pouso certo no hospitaleiro e fraterno seio dos habitantes da singela Caná, que fica no meio desse trajeto.

Caná é um agrupamento diminuto de residências. É, porém, colméia genuína, pois os que ali vivem se entrelaçam por vínculos de sangue ou, então, pela afetividade profunda, o mesmo laço que forma as grandes famílias espirituais. Seu clima de sentimentos é o ameno ambiente em que se recolhem quantos lhe busquem abrigo nas toscas habitações.

Maria, mãe de Jesus, acompanhada de seus outros filhos, aportara à região atendendo ao convite que lhe fora endereçado, a fim de participar de uma festa de bodas de criaturas que lhe dedicavam imenso carinho. Tão caros lhe eram os que celebrariam os esponsais, que mandara comunicar a seu amado filho Jesus o evento, chamando-o para as comemorações.

Jesus, sabia sua mãe, dera início a seu ministério, pois que trinta anos eram passados desde aquela noite memorável da estrebaria em Belém. No entanto, a um seu chamado, ele jamais se furtara em atendê-la, carinhoso e delicado. Ela deitava olhares saudosos pelas franjas da colina leste e assinalou a aproximação do seu rebento amado, que se fazia acompanhar de alguns outros homens, que eram seus seguidores.

Embevecia-se em observá-lo, em seu belo porte e nos seus gestos cândidos, que formavam a figura doce e melancólica de seus mais ardentes sonhos e suas mais nobres aspirações! Não se furtava, também, de confrontá-lo com seus outros filhos, que haviam vindo a este mundo pelo seu seio materno — Como Jesus se diferenciava dos irmãos! Meigo, sublime, levando paz e harmonia à sua volta! Os pensamentos de Maria se elevaram, evocando as bênçãos do Criador em favor daquele coração magnânimo que transitava qual anjo entre os homens, peregrino dos Céus.

O rocio surgiu espontâneo, nos grandes olhos de Maria, profundamente entristecidos. Seu êxtase, porém, não durou mais que alguns segundos, porque os que organizavam a festa se confessavam amargurados:

— É findo o nosso vinho...

Ela lhes recolheu a súplica, dirigindo-se em seguida a Jesus, que ali viera e, como mediadora que sempre foi nas Esferas Celestes e dos apelos angustiados da Terra, disse-lhes:

— Filho, eles não têm mais vinho.

Os discípulos observavam a reação do Mestre aos apelos dos amigos que se reuniam nas festividades, e que requeriam o empenho do Rabi Nazareno em favor do restabelecimento da alegria. O filho, porém, observou à mãe:

— Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora.

Sem constranger-se, ela apreendeu o sentido de sentença que lhe fora dirigida e da indagação que se lhe fizera. O seu gesto inicial tinha sido de colocar o Filho a serviço dos homens, sem que estes se empenhassem na aproximação das Esferas mais Altas. Voltou-se, portanto, aos que serviam na festa, como quem se dirigisse a quantos se propunham em servir-se do Cristo, e disse-lhes:

— Façam tudo quanto ele lhes disser.

Jesus apontou aos servos as talhas de pedra, que os judeus usavam para os cerimoniais de purificação, segundo os rituais criados pelas suas Igrejas.

— Encham de água as talhas.

Prontamente foram cheias.

— Agora — continuou Jesus — peguem delas e levem ao mestre-sala.

Rompendo por entre os convivas do banquete, os servos dirigiram-se ao que ocupava a posição de responsável pelas bodas e ofertaram-lhe o que o Senhor lhes determinara. Logo que experimentou, chamou ao noivo.

— Todos costumam pôr primeiro o bom vinho e, quando já beberam fartamente, servem o inferior. Você, porém, guardou o bom vinho até agora.

O Mestre sorriu, em silêncio.

Maria, que a tudo acompanhava, inundou-se de alegria... Alcançara o símbolo do Cristo em toda a sua extraordinária significação. Efetivamente, o vinho da esperança, puro, renovador dos ânimos, chegava por último, por descido dos Céus na figura de seu filho amado... Dos vasos de purificação, erguendo-se acima das tradições seculares, Jesus renova a alegria dos homens, ofertando-lhes o licor genuíno do Bem aos corações perturbados, após haverem esgotado as taças de todos os licores adulterados pelas paixões.

Em seu íntimo ressoava a admirada afirmativa — "Você, porém, guardou o bom vinho até agora."

A festa seguiu animada.

Decorridos alguns dias, na vivência saudável de almas amigas, o Nazareno fez companhia

à sua mãe e aos seus irmãos, dirigindo-se de Caná à humilde aldeia de Cafarnaum, às margens do lago de Genesaré. Naquele recanto elegeria Jesus o Templo de seu Amor.

24 A FAMÍLIA DE JESUS

Absorvida pelos trabalhos do lar, Maria não seguia Jesus em seu roteiro, a não ser pelas notícias que lhe chegavam por lábios amigos ou por informações ditadas pelo ciúme que derramava fel, por línguas ferinas, no coração materno. Sempre, porém, que a tristeza se fermentava em sua alma, e temia pelo filho, antigos doentes e enfermos vinham bater-lhe às portas para confessarem sua gratidão por Jesus, que lhes trouxera alívio e consolação. Assim, algumas vezes ela se fertilizava em risos coloridos pela saudade, e noutras se confrangia até às lágrimas com os apupos inf amantes.

Os irmãos de Jesus nutriam pelo Mestre uma profunda mágoa, atribuindo-lhe os prantos maternos e todas as vicissitudes que experimentavam. Espíritos não evoluídos, tinham que o irmão era alma alucinada que abandonara a enxó de carpintaria, para correr atrás de visões inatingíveis — um sonhador incurável e fantástico!

Nesse dia mostravam-se mais agitados.

— Juro-lhes! Ele está na aldeia! — confirmava um deles, ante-a insistência dos demais.

— Devemos fazer, então, que nossa mãe nos acompanhe, para prendê-lo como a um demente!

A idéia não encontrou acolhida imediata.

— Se ela não nos acompanhar — assegurou José, que fizera a proposição inicial — e se não o tomarmos da multidão e de seus desvarios, toda a ira que ele já provocou nos rabinos mais respeitáveis se reventará para maior vergonha de nossa família.

A pequena assembléia, agora, era junto a Maria.

— Ele é um visionário, mamãe — afirmava João, outro dos filhos. — Que é ele mais do que nós, com quem ele cresceu usando as mesmas ferramentas que uso, sentindo a mesma fome que sinto, vendo o mesmo suor de papai, que também vemos? Nosso irmão não passa de um fanático endoidecido, que desrespeita as nossas mais nobres tradições... Que direito tem ele de dizer-se profeta, se nós o vimos crescer ao nosso lado?

A interpelada ouvia triste, sem ousar contra-por-se. Reconhecia no filho acusado alguma coisa de transcendente, cercado que fora seu nascimento de tantas e tão inesquecíveis revelações mediúnicas, na sua distante mocidade. Desejava, porém, forrá-lo das represálias que se lhe acumulavam sobre a cabeça, como borrasca ameaçadora, viessem de judeus ou viessem de romanos. Sobre o seu Jesus pesavam graves e infamantes acusações, mas ela, que o vira crescer e amadurecer qual flor solitária, jamais divisara nos seus atos qualquer comportamento condenável. Ele só sabia dispensar consolação aos aflitos, saúde aos enfermos, amor aos deserdados.

Enquanto o pequeno tribunal dava seguimento às suas artimanhas, ela recebia, em rápidos quadros mentais, aqueles que se houveram reerguido sob o calor do coração do Nazareno... Oh! Mas se recordava das torturas e das humilhações a que haviam levado João, filho de Isabel, que viera antes do seu Jesus, anunciando-lhes a aproximação. Haviam-no degolado, por ordem do rei Herodes! João, seu sobrinho... as mesmas ameaças. .. os mesmos perigos... Valeria o risco?

— Vamos, mamãe? — despertou-a a indagação imperiosa, convite e ordem, ao mesmo tempo.

Tiago, que se antecipara alguns passos do grupo, ergueu o braço, apontando uma casa tomada pelo povo, e disse aos irmãos e à mãe que o seguiam:

— Está lá!

Aglomeraram-se frente à porta.

— Não convém entrarmos — afixou João temeroso. Dizem que nosso irmão se cerca de fortes pescadores, que deverão, por certo, ser seus guardas. Ora, eles poderão reagir e ferir-nos, se pretendermos tocar em nosso irmão!

— Então, mandemos chamá-lo. Retirando-o por bem, poderemos manietá-lo depois.

E o recado de seus familiares passou pela multidão.

— Sua mãe, seus irmãos e irmãs estão lá fora à sua procura.

Jesus ouviu atencioso. Amava perenemente aquela que o ofertara ao Mundo, na manjedoura, em distante noite de renúncia e ternura. Amava, igualmente, os seus irmãos, que não estavam amadurecidos para o mesmo labor que lhe tocara. Porém, cabia-lhe consagrar a família universal e eterna, aquela que se constitui pelos laços da afinidade espiritual. Voltou-se, pois, ao que falara.

— Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

Abarcando os que lhe acolitavam as tarefas divinas, em favor da Humanidade, disse:

— Eis aqui minha mãe e meus irmãos; pois, todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.

Lá fora, informada a família consanguínea da grande família que Jesus consagrara, seus irmãos urdiam acre ironia, enquanto Maria se nutria com a sabedoria que assinalava a obra de seu amado filho, Jesus.

25 A CRUCIFICAÇÃO

Simão, o cireneu, transpirava abundantemente naquela tarde quente de Jerusalém, com a multidão a atirar-lhe chacotas e risos irônicos. Carregava o madeiro que os guardas lhe haviam obrigado tomar das mãos daquele jovem nazareno e caminhava em direção do Gólgota, transitando pelas ruas acidentadas.

João, o discípulo que se fizera muito amado de Jesus, pela sua terna dedicação à

Verdade, acompanhava a peregrinação dolorosa, servindo seus braços vigorosos de apoio a Maria, mãe de seu Mestre, cujo coração se lancinava na crucificação que lhe parecia terrível e afrontosa.

Pela neblina de seu olhar recolhia a visão de Jesus, ferido e sangrando, e que lhe pedira, momentos antes, cessasse o pranto para não tentá-lo com a derrota, no momento crucial... Sobre aqueles longos e sedosos cabelos, que tantas vezes recobriria de ósculos de infundo amor, sobrepairava uma ferina coroa de grandes e venenosos espinhos e que, no entanto, parecia reluzir qual auréola divina, assinalando um reino de bênçãos, que transformava a dor em sorrisos de alegria aos sofredores e deserdados do mundo... Oh! Como se contristava a alma materna, a Maria-mãe, no roteiro doloroso de seu filho!

Ao som ululante da multidão, a cruz esgheu-se contra a paisagem triste! Os guardas, sanguinolentos e atrevidos, atiravam-lhe sarcasmos e lancetadas — que rasgavam a alma dos que se mostravam fiéis ao Mestre, nesse momento angustiado. .. Seus corações expandiam-se, quais mãos a conter mãos hediondas...

Seguiam o brado de repulsa das Sombras ao amor que Jesus rastreara, heróico, neste vale de expiações, enquanto o Mestre sustentava-se paciente, tolerante, com fulgurações no olhar que revelava amor aos seus algozes, com palavras que confortavam aos seus perseguidores, com perdão incondicional aos que se faziam medianeiros do Mal, enredando-se em clima espiritual perigoso!

Maria fremia, desamparada, órfã atirada ao mundo! Queria beijar, almejava abraçar, soluçava por balsamizar as chagas de seu querido rebento! Integrava-se na sinfonia de dores e ternura profundas, de acordes lancinantes, de todas as outras mulheres que permaneciam aos pés do Cordeiro Divino.

O imperturbável Mestre voltou-se àquele grupo que lhe acolitava o transe doloroso e, demorando-se em Maria, sua mãe, disse-lhe, após ler-lhe o coração solitário.

E fitando o discípulo João, que soluçava lacrimoso e sustentava Maria com gesto de ternura e admiração, naquele dia imorredouro, afirmou-lhe:

— Eis aí sua mãe.

Maria e João abraçaram-se qual se nova vida se lhes descerrasse à frente, e de lágrimas emborçadas do mesmo cálice de aflitiva amargura entrelaçavam os sentimentos e as aspirações sob o olhar meigo e paciente do extraordinário Rabi Nazareno.

Os cânticos inaudíveis ao homem comum e que se entoavam nas Esferas Superiores alcançando as almas em suas mais escondidas virtudes, assinalavam o retorno triunfal de Jesus, o Cristo, à sua Pátria Celestial — e ambos, João e Maria, iniciavam uma etapa nova para toda a Humanidade, inaugurando a família espiritual, onde mãe é toda aquela que ama e guia aos que lhe requerem a proteção carinhosa, e filho é aquele que filtra os eflúvios da gratidão em louvor de quem lhe oferece a luz amena e imperecível da Vida Eterna.

Maria distanciou-se, rumo ao horizonte que se fechava com o sol desse dia amargoso,

para abrir-se numa aurora de paz, em favor de quantos passariam a sentir-lhe as irradiações de sua mão caridosa.

SI MEÃO E JESUS

26 SIMEÃO, O PROFETA

Jerusalém, Jerusalém...

No forte colorido da paisagem das regiões quentes, o sol rompe-se nos primeiros albores matinais, estendendo seus raios pela encosta abaixo, pondo a descoberto com sua mensagem de vida as roseiras silvestres levemente umedecidas pelo orvalho. A leve brisa da madrugada desperta os galhos exuberantes de pétalas, conduzindo-lhes os perfumes a recantos afastados.

A cidade, porém, ainda está adormecida.

Esse guarda que passa, revestido de grossa couraça protetora, com olhos cansados pela vigília noturna, é um representante do soberbo Exército de Roma, que subjugava e tornava cativo um povo, com seu poderio bélico. Ele esfrega as pálpebras, ajustando-se às luzes do novo dia. A águia que se encontra em relevo, no seu cinturão, parece também despertar, reluzindo ao toque do sol nascente.

Ele boceja e seus olhos se rendem ao império do sono... logo se agita, espantando o torpor que se lhe apodera da mente, e continua sua ronda.

O retinir de sua vestimenta férrea e o eco de seus passos penetram por aquela casa, uma das que servem de jardim no majestoso Templo erigido pelo Rei Salomão, para culto e sacrifício ao Deus único das instituições judaicas. O velho Si-meão desperta ao som e senta-se no duro catre, onde fizera o repouso da noite.

Já bastante lúcido, cerra novamente os olhos, erguendo sua alma na oração ao novo dia.

Estava, agora, sorvendo o suco de uva e servindo-se do pão amanhecido, enquanto seus pensamentos se voltavam ao passado distante. No espelho da própria alma, reergue-se a cena que lhe fora a mais grata è comovente, de quantas houvera alcançado pelas suas faculdades mediú-nicas:

“Num momento de prece, vibrando no êxtase de sua fé, vira surgir um Espírito refulgindo mais do que o mais fúlgido dos sóis. A princípio dera-se por alucinado... miragem! Era esplendorosa demais a visão, para seus inúmeros pecados! A figura radiosa, porém, que se movia em graça e ternura, murmurara-lhe em amiga entonação:

—Simeão, você não verá a morte, enquanto seus olhos não pousarem sobre o Cristo, o Salvador.

Ele unira as mãos, balbuciando:

—E como saberei ser chegado esse momento? Como reconhecerei o Cristo, nosso Salvador?

— Até lá estarei com você, Simeão, e o farei mediador de meus pensamentos, para consagrar aquele que é o Mestre, através de seus lábios".

Desde esse dia, Simeão manifestara-se ao mundo como um médium iluminado pelas Falanges Celestiais, e passara a montar guarda no jardim do Templo, enquanto aguardava o cumprimento da proferia que seu mentor espiritual lhe fizera, no primeiro encontro.

Estranho!... Como se tornavam vivas essas recordações, nessa manhã — refletia, exausto. Levantou-se e dirigiu-se ao Templo de Salomão.

27 A CONSAGRAÇÃO

Os pais de Jesus eram fiéis observadores dos preceitos mosaicos. Tendo, assim, sido alcançados oito dias do nascimento de seu filho, locomoveram-se de Belém, onde tinham sido recenseados, a capital palestinese para, no Templo de Salomão, cumprirem as regras que estabeleciam: “todo primogênito no oitavo dia deve de ser apresentado ao Senhor”.

Maria, carregando a criança, adentrara o recinto, dirigindo-se, junto com o esposo, ao sacerdote.

Na sua passagem, resvalou em Simeão. Este movimentou-se, inspirado por seu Guia Espiritual e, pondo-se entre a mãe e o sacerdote, antes que qualquer ato ritualístico se efetuasse, com um gesto de infinito zelo, tomou a criança em seus braços e ergueu os olhos aos Céus.

— Agora, Senhor, despede em paz o seu servo, segundo a sua palavra — disse extático.
— Meus olhos já viram a sua salvação!

Grossas lágrimas rolavam pelas faces do médium.

— Oh! Senhor... Esta é a salvação que o Senhor preparou diante de todos os povos, como luz a ser revelada aú gentios, e para glória do seu povo de Israel.

Os circunstantes, inclusive a mãe de Jesus, que conheciam e acatavam as revelações que Simeão sempre espargira ao seu derredor, admiravam-se da acolhida especial que estava dando àquele menino, pouco antes de consagrá-lo a Deus. Parecia-lhes, e isto era verdade, que a consagração de Jesus era mediúnica!

Simeão que, pela força magnética extraordinária que se irradia da mediunidade enobrecida, mantinha a todos expectantes e comovidos, voltou-se ao casal e, abençoando a ambos, dirigiu-se particularmente a Maria dizendo-lhe:

— Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição.

Ela estremeceu ligeiramente, assenhoreando-se da extensão daquelas afirmativas que a feriram dolorosamente por terem desvendado a via de sacrifício e dores que o seu filho teria

que palmilhar.

— Não só a dele, mas uma espada de dores traspassará a sua própria alma, Maria, a fim de que os pensamentos de muitos corações sejam revelados.

Já a criança fora devolvida ao afago materno.

Sob os olhos de Simeão, Maria caminha em direção do sacerdote encarregado dos ofícios.

Deus recebera, por Mensageiros Divinos, o Filho Amado, no Templo que lhe destinavam à re-verenciação das obras, fazendo com que os braços de um médium, um profeta, servissem de regaço para que se proferisse o canto premonitório da Fonte de Luz que se abria na Terra, no sol do seu amor.

Simeão, o profeta, desempenhara sua missão, à vista do sacerdote severo, que se agastava com suas predições espirituais, e afastou-se, sereno e tranqüilo, para atender ao chamamento que recebia das Esferas Superiores para retornar a sua pátria eterna.

PEDRO E JESUS

28 PRIMEIRAS NOTÍCIAS

Tranqüilas, calmas, murmulhando por vezes entre as pedras e cascalhos que se mostram aos viandantes na sua aparência cristalina, as águas do rio Jordão seguem direção-sul, margeadas por verdes arbustos e extensos tapetes de relva aromatizada. Antes que se rendam ao Mar Morto, ao longo de seu curso formam graciosos remansos ofertando-se a cordeiros sedentos; alegres saltitam acompanhando às caravanas em suas marchas; acolá banham gárrulos infantes e calorosas criaturas nas horas mais quentes do verão... e confiam-se, respeitosas, às pregações proféticas de João Batista.

Nesse entardecer, o precursor, de cabelos longos agitados pela brisa, contemplava a passagem de Jesus, a pouca distância, deixando tocar-se no imo com a magnífica personalidade do Nazareno. Ao seu lado, dois discípulos curiosos e expectantes, e João leu-lhes os pensamentos.

— Eis ali o Cordeiro de Deus — diz João Batista, como a responder-lhes a indagação mental.

André, um dos que recolhem a indicação, respondeu com olhar de infinita gratidão, qual se houvesse recebido a taça da Verdade para saciar-se. Muito longo parecera o tempo da espera. No entanto, ainda fora ontem que André, nas suas fainas de pescador, junto com seu irmão e seus sócios de pesca, Tiago e João, teciam os primeiros diálogos pintalgados de esperanças e de ânimo fortes para conhecerem, um dia, o Salvador que "seria o Verbo a fazer-se carne, entre os homens", nas palavras de seu companheiro de pesca, João.

Em inusitado êxtase, que antes jamais o visitara tão intenso, envolvia o Cordeiro Divino

em ondas de profundo carinho, e sintonizou-se com as vibrações de ternura que nasciam à volta de Jesus, parecendo refundirem a paisagem. Estremeceu André, como se a vida adentrasse o seu coração, pela vez primeira, inflando-lhe as artérias e *arfando-lhe o peito jovem*.

Sem demora, acompanhando-se de mais um dos companheiros das prédicas do rio Jordão, passou por João Batista e seguiu no encalço daquele que o batista chamara de Salvador. Alcançaram-no, conservando-se a pequena distância, respeitosos.

O Mestre, voltando-se e vendo que eles o seguiam, saudou-os dizendo-lhes:

— Oue buscam?

O interpelado tornou-se ofegante. Num relance sua alma retornou para junto ao brando lago de Genesaré, onde ele se habituara a acalentar anseios e alimentar sonhos e ideais. Revia-se no pequeno grupo de amigos, que integravam as mesmas aspirações e que consideravam privilégio sublime ao menos ver o Cristo de Deus... e ouvi-lo, como agora, assim tão próximo, tão palpável em suas vibrações, era algo de que não se cogitara jamais! — Ao que mais se atreviam era almejar alcançar a libertação de suas próprias almas, prisioneiras de inferiores tribulações, pondo-se a serviço do Senhor. Não era possível pretender que Ele movimentasse a sua força divina em favor de interesses egoísticos, para solucionar problemas mesquinhos.

Que buscavam eles com o Senhor, senão a revelação do caminho da renovação íntima?

Temperando-se nas reflexões, falou-lhe André:

— Mestre, onde o Senhor assiste?

Jesus sorriu compreensivo, anotando-lhe a disposição de servir, que germinava naquele peito moço.

— Venham e verão — informou Jesus.

Aderindo integralmente ao convite, seguiram-no.

imenso e empolgante...

O crepúsculo imprimia tonalidades suaves nas águas do imenso lago de Genesaré, tal como se a mão do Pai ali pousasse para multiplicar a vida na abundância da pesca. As virações do entardecer encrespavam-lhe a superfície, movendo-lhe leves ondas em remanso à praia serena, junto a aldeia de Cafarnaum. E, alongando-se pela areia, as águas banhavam os pés nus do pescador Simão, que se entretinha no conserto de suas redes, aprestando-se para o momento de atirá-las sobre os cardumes daquele lago que, pela extensão de suas várias milhas, chamavam de Mar da Ga-liléia.

Os braços firmes e musculosos pelo exercício de remar todos os dias em distâncias tão consideráveis, eram instrumentos de uma alma generosa e simples, de um coração desprovido de muitas das paixões que acorrentam criaturas a vícios enormes. Desde cedo abrandara o pescador os seus ímpetos, fazendo-se companheiro das orações singelas e

respeitosas, inspirado no silêncio das pescarias, quando as ondas se formavam com o sopro dos ventos; comungava com a Espiritualidade Superior, por isso, sobre a necessidade da renovação substancial das tradições religiosas, para que os Céus se abrissem em favor de tantas criaturas sofredoras, como se notava na sua pequena cidade de Cafarnaum.

Contemplando o poente, naquele cair da noite, parecia-lhe que legiões de Espíritos Puros cavalgavam as nuvens e desciam por sobre a Terra, aprestando-se ao socorro das criancinhas nuas, dos pobres de suas relações, dos doentes do corpo e dos enfermos da alma... As lágrimas de piedade, que revelam as almas sensíveis e amadurecidas, rolavam-lhe naturais pelas faces, porém ele procurava escondê-las, temendo a crítica ácida de companheiros do ofício que usavam os lábios como um repositório de pragas e maldições.

Simão, o pescador galileu...

André, seu irmão, rompeu-lhe a meditação.

— Achamos o Messias! — informou abrupto, enlaçando o irmão, num rasgo franco de contentamento.

Simão estremeceu ligeiramente. As alvízaras que lhe trazia André penetraram-lhe na alma, ressoando em vozes celestiais, as mesmas vozes que ouvira nascendo na abóboda celeste do entardecer, em que ele estava solitário. Um sopro de esperança repletou-lhe o coração, renovando-lhe o ânimo.

— Vem, Simão! Poderemos vê-lo, pois venho da casa onde Ele assiste.

* * *

Ali no recinto onde o Nazareno se fazia ouvir, na distribuição da sementeira de amor e fé, Simão se plantara a fitá-lo, acariciando-lhe com o olhar os cabelos longos e sedosos; fixando-lhe os olhos doces e carinhosos, permanentemente umedecidos, fulgurantes quais gemas preciosas; sentindo-lhe a voz branda e compassiva. Fremia por oscular-lhe as mãos, macias e leves, ternas e amigas!

O Mestre voltou-se para Simão e este registrou sensação nova e envolvente a assaltar-lhe a alma. E as palavras do Mestre chegavam-lhe num cicio, qual se ouvisse de alma para alma. ‘

— Você é Simão, o filho de João. Será chamado de Cefas.

O pescador não reprimiu a própria admiração, pois aquele Nazareno, embora não o conhecendo nas relações da Terra, chamava-o pelo nome e lhe dizia ainda que ele, Simão, seria chamado de Cefas, que significa Pedro! Por certo era ele mesmo o Messias, pois que ele lhe falava com a naturalidade e o conhecimento de quem era o seu Senhor, e o Senhor tudo sabe com referência ao servo! Seus joelhos dobravam-se, sob as emoções do momento tocante e inesquecível, levando-o a refletir que, quando viera à luz do mundo, seus pais o houveram consagrado junto aos homens como Simão, e que frente ao Mundo Novo que se inauguraria com a figura radiosa daquele Nazareno, estava sendo ele consagrado com o nome de Pedro.

Simão, o filho da Terra; Pedro, o filho dos Céus.

29 A PESCA MARAVILHOSA

O Sol disco dourado naquele amanhecer sobre o lago de Genesaré, descerrava as últimas cortinas da noite para o retorno dos pescadores ga-lileus, que houveram lutado, em pleno mar, para repletar suas redes e suas barcas.

A barca de Simão ganhara distância sobre a dos companheiros, e o seu remador saltou à praia amarrando o barco para que não se soltasse com as mansas ondas que varriam a areia. André, também abandonando os remos, colocara-se fora da pequena embarcação e, junto com o irmão, acorreram a atender a João e Tiago que aportavam.

Descarregavam as redes para levá-las, comentando as tentativas baldas no transcorrer da noite. João suspendeu a tarefa e apontou em direção de Cafarnaum, alentando os companheiros para a multidão que se adensava rapidamente e que mareando se aproximava do local onde se encontravam. À frente dos que vinham, Simão Pedro identificou o Rabi Nazareno, que tantas sensações gratas e imorredouras lhe despertara na alma, no seu primeiro encontro.

O Mestre avizinhou-se e, com a intimidade de quem lhes lia fidelidade no coração, disse-lhes:

— Simão, tomemos o seu barco e afastemo-nos da praia, para que todos se confortem com as bem-aventuranças que lhes trago de meu Pai.

Sem relatar-lhe a exaustão da longa jornada e nem dizer-lhe das pálpebras pesadas de sono, Pedro aprestou-se com André a atenderem ao Cristo. E, tendo Ele tomado assento, afastaram-se como lhes tinha sido ordenado.

Na rabeira do barco, cuidando para mantê-lo equilibrado, o pescador embevecia-se com as informações preciosas que o Mensageiro dos Céus derramava aos seus ouvintes, que se postavam sentados na praia a ouvi-lo, no silêncio de um auditório ávido do bálsamo que Ele mesmo o era. Sua voz compassada e doce, melodiosa e magnética, tão contrastante com a agressividade da de Simão Pedro, era o som único que se registrava, aquietando até as murmurações das águas e dos pássaros, da multidão e das matas próximas... |

Quando Jesus acabou de falar, disse a Simão:

— Faça-se ao mar alto.

Seguidos ainda pelos amigos João e Tiago, que se haviam aproximado em outro barco enquanto Jesus empreendera a pregação da Boa-Nova, os dois irmãos empenharam-se a remar, distanciando-se das cercanias de sua aldeia e da multidão, que se dispersava lenta. Venciam o esgotamento de suas próprias energias, seguindo a rota que o Senhor lhes dera, confiantes integralmente no Passageiro Divino que os assistia naquela hora e de quem esperavam, trabalhando, carinhosamente outras indicações.

— Simão — disse-lhes o Mestre — lancem as suas redes de pescar.

Simão Pedro, experiente na pesca, olhou para as águas, recordando-se das horas que ali haviam empregado sem resultados. Ponderava que nada lhes seria dado recolher. No entanto, rendeu-se submisso à sabedoria daquele que conduziram com desvelo extremado. O pescador reconhecia que se ele, Simão Pedro, podia ter visões de Anjos Celestes pelas suas faculdades, o Mestre deveria ter a vista da alma que lhe facultaria divisar o que a ele não era dado.

— Mestre — informou Simão, num tom de aviso e obediência — trabalhamos a noite toda e nada apanhamos. Contudo, pois que o Senhor nos manda, lançarei a rede.

Operando assim, sob as vistas de Jesus, os irmãos tombaram as redes e, logo depois, a recolheram com uma exuberância tal que obrigou Pedro a enconchar a mão à boca e socorrer-se de João e Tiago, a fim de não se romperem as malhas e perder o que o Senhor lhes propiciara. Repleta-ram as duas barcas, nesta primeira orientação que o Mestre lhes oferecia, e guardariam o acontecimento como lição de confiança e colaboração fraternal no cumprimento de todas as tarefas apostolares.

Retornaram meditativos!

Mal pisavam o solo, com água correndo-lhes pelos pés, e Pedro rendeu-se contrito a Jesus, e baixando a cabeça murmurava humildemente:

. — Retire-se de mim, Senhor, porque sou pecador.

É que ele e seus companheiros, atônitos e comovidos, reconheciam encontrar-se face a face com Alguém de quem não se sentiam dignos. Poderiam, é certo, suplicar os atendessem nos misteres profissionais, augurando-lhes fartura à mesa, saúde ao corpo e sorrisos à casa dos seus, contudo sentiam que ao Salvador não lhes era lícito cogitar das coisas menores da existência. E rogavam ao Mestre, por se terem na conta de filhos do erro, que Ele os deixasse.

Indulgente, sobrepondo-se aos enganos que houvessem perpetrado na jornada terrena, dos quais não deve o homem fazer-se escravo, disse Jesus a Simão, arrancando-o das ondas depressivas da auto-acusação:

— Não tema. Doravante eu os farei pescadores de homens.

O pescador contemplou-o, na sua serenidade augusta. No recôndito de sua alma, registrava a ressonância daquele convite amorável, fortificando-se para não titubear em atendê-lo. Era o chamamento Divino do Senhor para as tarefas do dia a dia. Sentia que tornar-se pescador de homens era empenhar-se num testemunho árduo e nobre, sem esmorecimento, com a paciência de um pescador de peixe, que conhecia os momentos certos de lançara rede; reconhecia ser, também, necessário retornar sempre às tarefas, quando frustrado, mas acompanhado de Jesus, para que os olhos clarividentes do Mestre lhe indicassem o local do reinício.

Erguendo-se, num ímpeto, da posição a que se jogara submisso, Simão Pedro arrastou o

próprio barco sobre a praia e, deixando de lado todas as hesitações e temores por falhas do passado, pelo seu temperamento impulsivo e pelas irreflexões, seguiram-no para a renovação de suas próprias vidas.

30 RETIRA-SE PARA ORAR

O astro-rei se punha, incandescendo as franjas dos montes das cercanias de Cafarnaum, num horizonte que se formava do forte verde das matas com o azulíneo de uma abóboda desvestida de nuvens. E o Mestre Nazareno, na aldeia, acendia a própria alma, iluminando as trevas em que estavam mergulhadas as criaturas.

Aquele o seu cenáculo sublime, em que se comprazia junto a corações sazoados pelas privações da fortuna e adornados pelas mais nobres e singulares expressões de bondade: Não possuindo bens que lhes sobressaltassem cuidados, podiam melhor receber a Mensagem de Amor que lhes descia de Planos Elevados, sussurrando-lhes na intimidade da consciência.

Simão Pedro e inolvidáveis amigos do apostolado messiânico conduziam ao Senhor grande número de enfermos, notadamente os de espírito, subjugados por obsessores impiedosos. E na renovação experimentada junto à atmosfera fluídica de Jesus se destacavam os nós em que se vinculavam encarnados e desencarnados, em dramas de pungentes aflições. Edificados no poder moral de suas prédicas, e sob o influxo de suas mãos benditas, condutoras de energias sublimadas, findavam seculares processos de expiação e torturas mútuas, graças à faixa de arrependimento construtivo em que os contendores passavam a viver.

Quando já os últimos peregrinos se retiravam dentro da noite prateada de estrelas, Jesus se detinha a ouvir paciente e a orientar com ternura os seus discípulos, nas dúvidas e tribulações do dia, que cada um fazia desfilar sob o teto do lar de Simão Pedro. Esses entendimentos fraternos alongaram-se, até que o Mestre se engolfara em meditações silenciosas, ensejando aos que o cercavam o repouso que lhes revitalizaria os corpos para as atividades do próximo amanhecer.

Como os outros, Pedro repousava.

Sentiu-se agitado por André, no surgir do novo dia, que lhe informava ter Jesus saído durante a madrugada, para local desconhecido. E muitos já eram os que o buscavam para receberem benefícios, mas ninguém conseguia localizar o Nazareno.

Simão imediatamente organizou a busca.

Após caminharem aflitos e cuidadosos, penetraram, por fim, um bosque solitário, que exalava os perfumes silvestres da madrugada, com flores refletindo o Sol em gotículas peroladas de orvalho. As sombras das árvores, guardando ainda o suave frescor da noite, eram agradáveis e convidavam à pausa da oração. No fundo, em pequena clareira de onde se ouvia o embater do lago às margens relvadas, Simão entreviu o Cristo, que mantinha os

olhos voltados aos céus, qual Filho saudoso da Pátria Sideral...

Longe dos homens, Ele orava, em comunhão com o Pai.

— Mestre — disse o pescador de Cafarnaum, avançando ao seu encontro — todos o procuraram.

O Cordeiro Divino fitou o apóstolo.

— Vamos a outros lugares — disse Jesus. — Vamos às aldeias vizinhas para que eu ali também pregue, porque para isso vim.

Simão Pedro ensaiou resposta, querendo justificar a premência de não abandonar os que iam a Cafarnaum procurá-lo. Conteve-se, porém, atento à voz que lhe falava nos meandros da alma e que lhe ponderava que as demais criaturas, da Galiléia e de todas as partes do mundo, não poderiam renovar-se apenas por “ter ouvido falar de Jesus”. Eles precisavam, além de palavras, de testemunhos vivos, embora respondessem com revolta e ironia às manifestações do amor e do entendimento, na solução dos seus cruciais problemas.

Soara o momento de encerrar, de vez, em nosso mundo, as prédicas de tribunas e púlpitos, para inscrever a pregação como o exemplo real em todas as circunstâncias da existência.

Como a responder ao próprio coração, Pedro meneou a cabeça, num gesto cordato e submisso.

31 JESUS CAMINHA SOBRE O MAR

Jesus ficara a despedir o povo.

Dentro das sombras noturnas, numa lua encoberta por nuvens que prenunciavam chuva, o pequeno barco, que os discípulos haviam tomado para anteceder ao Mestre na travessia, atendendo ao impulso vigoroso de braços destros e ágeis, avançava em direção à aldeia de Cafarnaum, cortando o lago de Genesaré. Lutavam seus tripulantes, porém, com dificuldades para avançar, porque o vento se lhes tornara adverso e levantava ondas que açoitavam fortemente a frágil embarcação.

Simão Pedro, na popa, suplicava no silêncio de suas orações para que o Mestre os socorresse no embate difícil, em que o mar, agitando-se, propunha-se tragá-los...

— Vejam! — irrompeu um grito de susto, nos tripulantes.

Voltaram-se à direção indicada, divisando uma figura alta, que se aproximava caminhando sobre as águas.

— É um fantasma! — bradou outro, de voz embargada.

Cabelos eriçados, temerosos, olvidavam os perigos da própria embarcação, tomados de pânico, quando ouviram a voz de Jesus sobrepondo-se aos elementos:

— Tranqüilizem-se. Sou eu. Não tenham medo.

Um assombro maior paralisou-os de pronto. Era o Mestre que lhes falava, no

surpreendente acontecimento. Simão Pedro, que recolhera também a entonação confortadora, não conseguindo atravessar as sombras com seu agudo olhar para fitá-lo, respondeu-lhe:

— Se é o Senhor mesmo que se aproxima, mande que eu vá ao seu encontro, caminhando também sobre as águas.

O Mestre, como a ofertar-lhe o braço, convida:

— Venha, Simão Pedro.

Surdo aos embates das ondas, o discípulo ergue-se pelas bordas do barco e, com o olhar preso em Jesus, fica de pé sobre o lago. O Senhor o esperava, para o encontro singular, ambos levitando acima das forças terrenas, imanizados aos princípios magnéticos que anulam a gravidade que fatalmente os faria submergir.

O pescador galileu ensaiou trocar passos, imitando a caminhada comum em terreno firme. Um grande vento, contudo, encrespou mais as ondas e ele interrompeu a sintonia mental em que se sustentava, temendo a agitação, e começou, lentamente, a sentir a água cobrir-lhe o corpo. A medida que se desligava do clima mental do Cristo, que lhe favorecia o fenômeno, afundava-se clamando:

— Senhor, salve-me! Salve-me, Senhor!

Jesus ofereceu-lhe a mão, num gesto de amparo e profunda piedade.

— Oh! Homem de pouca fé! Por que duvidou?

Trêmulo, agasalhando-se ao peito do generoso Nazareno, Simão Pedro compreendia a importância de confiar no Alto, para atender ao chamamento do Mestre, nas tempestades do mundo. Poderia, sim, ter-se mantido caminhando como fora convidado a fazer, se não houvesse aberto as portas da dúvida e da queda, a convite do medo. O medo surgira-lhe, assim, como um poderoso elemento de submersão da alma nos mares do mundo, quando se lhe dá abrigo.

Ambos tomaram assento na barca e Jesus, que até ali viera para socorrê-los, dirigiu-se às inteligências que presidiam à ação do vento e das ondas e, mais uma vez, acalmou a tempestade, para que o trabalho de sementeira da Verdade tivesse prosseguimento.

Simão estava em lágrimas de júbilo e crescente respeito.

— Este é — murmurava — verdadeiramente, o Cristo de Deus!

32 O QUE CONTAMINA O HOMEM

Ágil e jovial, saltando por sobre a areia da praia, Simão Pedro transfundia a alegria que lhe banhava a alma após a imorredoura lição de fé que Jesus lhe transmitira na travessia do lago de Genesaré, quando lhe ordenara caminhar ao seu encontro, sustentando-se acima das águas agitadas.

O Sol nascente dourava, de leve, as ondas tênues que vinham como que acariciar os pés

do pescador galileu, e os mesmos raios imprimiam entonações novas e graciosas em seus cabelos revoltos e nas suas barbas espessas, nos seus olhos brilhantes e nos seus lábios de sorriso cândido. Detinha-se em amarrar o barco para que não fosse vagar ao sabor do vento brando daquela manhã. Sua tarefa, porém, seguia lenta, pois não se cansava de admirar o Mestre que centralizava seus cuidados e suas atenções.

Jesus caminhava ao encontro dos habitantes praianos da região e Simão Pedro seguiu-lhe as pegadas. Juntos, foram cercados por doentes e enfermos que aguardavam a bênção da saúde e a paz da consolação, que nasciam do Nazareno e de seus amados seguidores.

As horas filtraram as areias na ampulheta, enquanto o ministério do Amor Divino se materializava na Terra, em favor de todos os sofredores que se possuíssem de fé, esperança e caridade.

O dia ia alto, com o astro-rei varando os céus, pendendo já para o entardecer, com a multidão a avolurnar-se em torno do Emissário Sublime que abria as portas das almas para depositar-lhes no íntimo a semente da regeneração. Não se permitia um momento de repouso. Nem sequer a alimentação descansada. Entre um sorriso e um afago, entre uma palavra de conforto e de ouvidos pacientes, comiam nacos de pão para manterem-se entregues à tarefa de consolar e atender, de servir e servir sempre.

Um grupo de escribas e fariseus, homens dedicados à interpretação das Leis de Deus, aproximou-se também da multidão, como a fiscalizar aquele homem, de quem já haviam recebido notícias em Jerusalém.

Pedro estremeceu com os que chegaram, e olhou ao Mestre que dava curso ao seu mister, sem deter-se para satisfação dos visitantes, que sabia vindos para censurá-los.

— Aquele é o Nazareno? — indagou um dos recém-vindos a Simão Pedro.

Ele confirmou, num gesto da cabeça.

— E Você é um dos dele? — tornou a indagar o fariseu.

Novamente Simão Pedro confirmou e sentiu que o olhar penetrante e inquiridor do sacerdote lhe examinava as vestes pobres e amarfanhadas, os olhos empapados pelo sono e o cabelo revoltado, como a desnudá-lo em público... e fitou diretamente sua mão, onde estava a última còdea de seu alimento no afanoso dia. Num gesto vão, respeitoso e quase infantil, tentou escondê-las!

O sacerdote acercou-se de Jesus.

— Por que não andam os seus discípulos de acordo com a tradição, mas comem com as mãos por lavar?

Jesus escutou o censor, apiedando-se daqueles sacerdotes que se faziam cegos aos sinais de felicidade que estavam postos à sua volta nos olhares dos famintos e dos enfermos que recebiam as luzes de novas esperanças. Em meio da messe divina guardavam apontamentos apenas ao desrespeito às normas passageiras, por eles mesmos criadas.

Mas Jesus lhes falou:

— Bem profetizou Isaías, a respeito de vocês, hipócritas, como está escrito: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens”.

O fariseu enrubescou-se colérico, sabendo que o Nazareno se referia aos rituais e liturgias que davam por obrigações religiosas aos seus profetas.

— Negligenciando o mandamento de Deus — continuou Jesus, compassivo — guardam vocês as tradições dos homens. Jeitosamente vocês rejeitam o preceito de Deus para guardarem a sua própria tradição.

E voltando-se aos que os ouviam, de curta distância, ensinou:

— Ouçam-me todos e entendam. Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar. Mas o que sai do homem é o que o contamina.

A um sinal do principal dos fariseus, todo o grupo se afastou, evitando expor-se em público, num diálogo que não lhes convinha sustentar, por saberem que todas as expressões de falso sentimento seriam analisadas pelo Rabi Galileu, em prejuízo da popularidade que precisavam sustentar, para sustentarem a sua ordem religiosa.

Simão Pedro a tudo acompanhava, estático. Temia pelas conseqüências que poderiam ocorrer por contraporem-se frontalmente àqueles que gozavam do privilégio de freqüentarem, na qualidade de mestres, o Templo de Salomão, na capital palestina. Jesus parecia ter falseado a boa política, não conquistando as graças dos sacerdotes, com a mesma facilidade com que conquistava as dos humildes!

Alguns discípulos, vindos de recantos mais afastados, chegaram até Jesus, informando:

— Sabe que os fariseus, ouvindo a Sua palavra, se mostram escandalizados?

O paciente Rabi os serenou:

— Toda planta que meu Pai Celestial não plantou, será arrancada.

E para contê-los e mantê-los na sementeira do Bem, complementou:

— Deixem-nos: são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco.

Simão Pedro, que também se acercara, suplicou intrigado:

— Explique-nos a parábola!

3. — Você também não entendeu ainda? — disse-lhe Jesus. — Não compreendeu que tudo o que entra pela boca desce para o ventre, e depois é lançado em lugar escuro? Mas o que sai da boca procede do coração, e é isso que contamina o homem.

Estampando pronto sorriso de inteligência, Simão Pedro alcançou a profundidade extraordinária da figuração do seu Senhor e Mestre. Era uma libertação de todas as práticas exteriores, que identificam muitas religiões, mas criadas apenas pelos homens. Sabia, agora, o valor da alma

128 pura, para que pura fosse a fonte geradora das energias com que se externava à face

de seus semelhantes. Esse ensinamento suplantava a todos os preceitos até então conhecidos.

— No coração do homem — informou Jesus aos discípulos — é que nasce o crime, a calúnia a blasfêmia, os falsos testemunhos, a maledicência — quando ele se inclina para o Mal. De seu coração, porém, nascerá o amor, o entendimento, o perdão, a caridade, a esperança, quando ele se irmana com o Bem.

Olhando para suas próprias mãos, para suas vestes, para o pão de que se alimentava, para os hábitos que lhe transmitiram na primeira infância, para os rituais que aprendera a cumprir no Templo — sacudiu-se o pescador galileu, como a arredar de si os adereços que lhe paralisavam a alma, e seguiu decidido para a conquista de um mundo novo, que descortinava dentro de seu próprio peito.

33 DISCÍPULOS ESCANDALIZADOS

Na assembléia que tomava toda a Sinagoga de Cafarnaum, onde se reuniam com o povo muitos dos seguidores de Jesus, Simão Pedro se recolhera em canto discreto, embevecendo-se em ver e ouvir aquele Rabi que irradiava amor e compreensão, numa intensidade jamais antes experimentada de qualquer criatura em trânsito pela Terra! Era um dia cheio de esperanças para Simão Pedro, pois que mais de uma dezena de novos seguidores haviam prometido, nas conversações anteriores à entrada na Sinagoga, fidelidade àquele profeta!

No entanto, os presentes agora se agitavam, por ter ouvido o Cristo sobrepor os ensinamentos Divinos aos preceitos que os homens haviam adicionado às revelações proféticas. E mais agitação ainda se registrou, quase com protestos violentos, quando Ele afirmou não ter sido Moisés o dispen-sador de pão para os judeus, porque todo alimento do espírito provém, primeiramente, do Pai Amantíssimo.

A sua voz doce, porém, plena de energia, continha a todos, embora as suas surpreendentes afirmativas:

E continuava:

- Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Quem de mim se alimenta, por mim viverá.
- Este é o pão que desceu do Céu, em nada semelhante àquele que seus pais comeram, e contudo morreram. Quem comer este pão viverá eternamente.

Pedro, temente dos homens, anotou que as murmurações cresciam e se adensavam quais nuvens de tempestades.

- Ele espantará os que chegaram — segredou-lhe um dos companheiros.
- A sua prédica hoje é infeliz. Não atrai; afasta... — ponderava outro, referindo-se às diretrizes que Jesus desvendava aos que almejavam segui-lo, estabelecendo a urgência de renunciarem a vaidade, negando-se cada um a si mesmo nas suas paixões menos dignas.

Um deles não se contendo levantou-se e dirigiu ao Mestre:

— Dúro é este discurso! Quem pode ouvi-lo?

Simão Pedro aguardou a resposta, fremindo

por ação rápida para dispersar dúvidas e insatisfações. O Mestre, porém, para destacar que aquelas suas afirmações eram apenas o programa mínimo de aperfeiçoamento e não todas as obrigações a serem tomadas para a ascensão legítima, disse-lhes:

— Isso os escandaliza?

E, após breve pausa, prosseguiu:

— Que será, pois, se virem o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?

Silêncio constrangido com as indagações. O que antes interrogara sentou-se, olhando-se todos uns para os outros para decidirem-se sobre o rumo a tomar, visto que aquela Doutrina de Jesus jamais ensinaria uma união física dos homens, para a instauração de um reino na Terra.

Simão Pedro sentiu-se fixado pelo Mestre.

— As palavras que eu lhes tenho dito são Espírito e são Vida. Contudo, há descrentes entre vocês.

Após a exposição daquele dia, Simão Pedro notou muitos dos discípulos abandonarem a frequência do grupo e os trabalhos em, favor do povo. Fugiam da reforma íntima a que tinham sido convocados, e que lhes fora mostrada como a única para o crescimento da alma em direção do Pai, Os tais que abandonavam o ministério, que mal haviam iniciado, apoiavam-se nas palavras ouvidas, sem querer examinar-lhes o sentido e, assim justificados, atiravam apodos ao Nazareno, ironizando-lhe o programa sadio.

Simão fora incumbido de reunir os remanescentes, em número de doze.

—Eis-nos, Senhor! — apresentou-se o pescador galileu, curioso pelo andamento das providências.

O filho de Maria demorou-se sobre o pequeno grupo, recolhendo-lhes as emissões mentais e, num tom de profunda tristeza, indagou-lhes:

— Porventura querem também retirar-se?

Retirar-se?! — a idéia feriu profundamente o coração generoso de Simão Pedro, que num relance perpassou, pela memória, as tantas escolas religiosas e os tantos credos em que a sua própria raça se dividia, com seus rabis e seus profetas, com seus programas particularistas e suas promessas... tudo vazio de uma significação maior e imorredoura; tudo tão distante dos sofredores e dos homens, frutos de muito orgulho e de muito egoísmo da própria criatura.

Retirar-se?!

Avançou para o meio dos que ali estavam, como a interpretar os anseios de todos os corações.

— Senhor, para quem iremos? São suas as palavras da Vida Eterna. E nós temos criado

e conhecido que é o Senhor o Santo de Deus.

Banhando-se em grossas lágrimas, monologava consigo mesmo Simão Pedro, nesse minuto importante e decisivo de suas existências. Compre- 133 endia, com rara felicidade, a inutilidade de abandonar o caminho que Jesus apontava para a Humanidade em troca das quiméricas ilusões do poder terreno. Por mais potentes fossem as paixões a vulcanizar-lhes o peito, teriam de vencer-se a si mesmos, sem ilusões, sabendo quão ásperos eram os obstáculos a vencer para galgar as montanhas que levam aos Planos do Bem.

Fora o seu próprio espírito, liberto do cativo das sombras criadas pelos homens na construção dos templos transitórios, que lhe aflorara aos lábios, no momento augusto da decisão e se tornara a indagação permanente:

— Para quem iremos?

Baixando as pálpebras, o pescador reconhecia-se debaixo da proteção carinhosa do meigo Jesus de Nazaré.

34 A CONFISSÃO DE PEDRO

A vegetação agreste das cercanias de Cesa- réia de Filipe, que germina bem ao norte da nascente do rio Jordão, no Monte Hermon, nessas horas da tarde recebia o colorido especial do poente, que se espargia em tonalidade branda e harmoniosa por sobre a paisagem dos portais dos grandes desertos.

Jesus afastara-se ligeiramente de seus queridos discípulos e, não muito distante do grupo, mantinha-se de pé, silhueta no horizonte, de frente voltada para os Céus, olhos cerrados docemente em comunhão com o Criador. Seus cabelos longos e sedosos, ondulando-se com a brisa do entardecer, parecia soltarem raios luminosos, acendendo a luz da esperança e da consolação pela Terra inteira...

— Eu rasgaria meu peito, para pô-lo de encontro ao meu coração — proferiu um dos discípulos, ante a figura atraente e magnífica do Mestre Nazareno.

Simão Pedro sorriu, recolhendo aquela demonstração de amor carinhoso para aquele que lhe assenhoreara a alma e os dias, os pensamentos e as aspirações.

— Anjo dos Céus... — balbuciou outro.

Em baixa voz, para não perturbar o momento sublime, trocavam informações sobre as afirmativas que circulavam sobre a procedência de Cristo, a sua origem espiritual. Quem fora ele em anteriores encarnações? Elias, Moisés... qual dos profetas? — A afetividade pura ditava-lhes aquelas indagações, pelas quais procuravam, também, identificarem-se e tornarem-se dignos do encargo assumido no discipulado.

— Que dizem os homens com relação ao Filho do Homem? Quem dizem que eu sou?

A indagação surpreendeu os que compunham o círculo e que não se haviam apercebido

da aproximação do Mestre! E mais se admiraram por saber que Ele não os tinha ouvido, e no entanto tocava diretamente o tema dos diálogos.

Um deles esclareceu, hesitante:

— Dizem uns... que o Senhor é João Batista!

A primeira resposta encorajou aos outros.

— Outros, afirmam que é Elias.

— Mas alguns — contrapôs outro discípulo — afirmam que é Jeremias ou outro dos profetas!

Simão Pedro, até há pouco tão loquaz, ouvia as informações que se avolumavam, agora achando estranho o procedimento que mantinham! Enquanto se ocupavam de conhecer a genealogia Mestre, nos mapas das vidas sucessivas, deixavam de cogitar da importância de sua posição frente ao mundo, na sua expressão de máximo representante das Leis Divinas e restaurador sublime da Verdade! Estas cogitações novas, que lhe visitavam a mente, eram resultado de sua união me-diúnica com a Espiritualidade Maior, que lhe chovia na alma com intuições claras sobre o dever de colocar o Cristo na pauta do cotidiano, ao invés de entroná-lo nas galerias dos que transitaram como reveladores parciais da Vontade Divina.

Jesus era a Vida!

O Mestre voltou-se a Simão Pedro, anotando o entrosamento mediúnico que o discípulo sustentava naquela hora e que o furtava das cogitações meramente terrenas e indagou:

— E Vocês, quem dizem que eu sou?

Ligeira pausa, que induziu Pedro a revelar-se:

— O Senhor é o Cristo, o Filho de Deus vivo.

A resposta acompanhava-se de olhar firme, sustentado nas doces fulgurações dos olhos de Jesus.

— Bem-aventurado é Você, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e nem o sangue que isso lhe revelaram, mas meu Pai, que está nos Céus.

O discípulo rejubilou-se com o acolhimento, alegrando-se por ter permitido que seus lábios falassem das inspirações que lhe haviam descido do Alto e que convidavam a considerar Jesus como o Cristo e nele procurar o Revelador Divino, acima de qualquer outra cogitação menos elevada ou mais terrena. Sua mediunidade desbordara fecunda e luminosa.

E Jesus, para destacar a importância da alma encarnada viver no clima mental da Espiritualidade colocou a destra sobre o ombro de Simão e, referindo-se à sua faculdade de médium inspirado, que acolhera em seu círculo apelindando-o de Pedro, afirmou-lhe:

— Você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; e as portas do Hades não prevalecerão contra ela. Dar-lhe-ei as chaves do reino dos céus: o que ligar sobre a Terra, será ligado nos Céus; e o que desligar sobre a Terra, será desligado nos Céus.

Os discípulos, para os quais estas palavras eram dirigidas, aprestavam-se para as tarefas sagradas e eternas que Jesus lhes confiava nesse momento, elegendo-os, só a eles, por guias

e condutores dos homens, em nome de Deus, através de todos os degraus da imensa escala evolutiva.

Pedro, em particular, rendia-se genuflexo ao Senhor, com as faces sulcadas por quentes lágrimas, num coração explodindo de contentamento e gratidão. Sentia que a chave simbólica do reino dos Céus se materializava nas sementes de luzes do Evangelho do Senhor, que abre de par em par aos que se encontram imersos no mundo de trevas, as portas da libertação interior, colocando-os acima do Mal. Oh! tudo o que lhes chegasse pela inspiração mediúnica, quando mantivessem a mente associada aos Planos Celestes, seria o elo dos homens nos campos do bem, na igreja espiritual do Cristo que se coloca distante de todas as convenções e preceitos humanos e transitórios.

"A luz sacrossanta das sanções divinas estará sempre sobre todos os que se mantenham, embora na Terra, no plano superior do Espírito, operando em nome do Senhor, pelo bem e para o bem!"

Sob a sensação dessa afirmativa, que se lhe dava no silêncio da consciência, Simão Pedro cerrou as pálpebras, mordiscando os lábios inferiores para não espocar nos soluços de cândida felicidade.

35 JESUS PREDIZ SUA MORTE

Simão Pedro estava contristado. Distanciara-se dos demais companheiros e, isolando-se, recolhia-se nos seus cismares e meditações. Mal lhe era possível entrever, em a névoa de seus olhos congestionados, o céu pintalgado de tremeluzentes estrelas, nessa noite sem lua. Sua alma estava terrivelmente angustiada por acontecimentos recentes e ele triturava o próprio coração num cadinho de aflição e amargura. Consternava-se com a imprudência que revelara, ditada pela paixão extremada que alimentava pelo Mestre...

Mais uma vez passou a palma e os dedos pelas faces, apagando os vestígios das lágrimas que a morna brisa enxugava carinhosa e discreta.

— Nem sempre — refletia entristecido — consigo manter a vigilância indispensável aos que se empenham nas tarefas do bem e do apostolado. Deixo-me colher nas armadilhas que me nascem de um coração ainda muito voltado à Terra!

Os sucessos do dia retornavam-lhe à mente. Fora um dia tão exaustivo quanto os outros. Conhecera a credulidade e a fé de muitos que se aproximavam do Mestre para colher-lhe os benefícios da orientação amorosa e do bem-estar físico. Eram as legiões dos famintos do corpo e da alma, que se achegavam ao grande banquete de espiritualidade que Jesus ofertava indistintamente a todos.

O convite era imenso:

— Vinde a mim, todos Vocês que estão sobrecarregados, que eu os aliviarei.

Aquela extensão ilimitada do amor tocara-lhe a alma. Porém, empanando levemente a

sua alegria, registrara representantes da incredulidade e da ironia, aproximando-se do círculo de trabalhadores da Boa Nova. Eram chefes temíveis, que faziam medrar no ócio de suas mentes o orgulho e o egoísmo.

E ali estavam para catalogar deficiência e falhas, contrastes e desrespeitos do Cristo às tradições que eles, sacerdotes, sustentavam. Ordas ululantes a lançar-se vorazmente contra a luz que lhes revelara os covis e lhes expunha as ulcerações do espírito!

Mas Jesus não os temeu:

— Ai de vós escribas e fariseus hipócritas! Cegos que guiam cegos!

Ah! que sabor de vitória!.. . Eles se rendiam, cabisbaixos, desarmados de seus chistes e de sua falsa superioridade, pela firmeza e pela piedade com que Jesus acolhia os orgulhosos doutores do farisaísmo. Esfregara, então, as palmas das mãos, uma contra a outra, num pensamento infantil de supremacia, experimentando o gosto da derrota que seu Mestre infligia aos que negociam com os sentimentos religiosos dos humildes!

Mas Jesus os chamara, aos discípulos, para um entendimento particular. Na certa — pensara

— eram os planos da imposição do Reino de Deus que o Nazareno lhes revelaria.

Expectação de todos.

— Eis que vamos a Jerusalém — disse-lhes o Cristo — e tudo o que os profetas escreveram acerca do Filho do Homem vai cumprir-se.

Simão Pedro não se sentiu esclarecido.

— Vamos para Jerusalém — continuou Jesus

— e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes. Terá de sofrer muito da parte dos senadores e dos escribas, que o condenarão à morte, e o entregarão aos gentios, a fim de que o tratem com zombarias, o açoitem e crucifiquem. E ele ressurgirá ao terceiro dia.

A indignação fermentou no íntimo de Simão.

— Não, aquela prédica de Jesus não poderia ser real! Impossível que Ele predissesse a própria morte pela cruz, suplício destinado apenas aos réprobos, aos mais desprezíveis criminosos!

Jesus não se ajustava, naquele instante, aos planos e ao modelo que ele, Simão Pedro, acalentava como o ideal para a trajetória vitoriosa do Cristo. Evidente que Ele se enganara, quando se dizia destinado a ser supliciado pelos homens.

— Onde, afinal, a glória divina, se Ele se perderá pelos governos transitórios da Terra? Onde, afinal, sua missão, se Ele se deixará vencer pelos tribunais humanos?

Cedendo aos impulsos terrenos, Simão Pedro convidara o Mestre a um entendimento particular. E, tão impulsivo quão carinhoso, propusera:

— Tenha compaixão de si, Senhor. Isso de modo algum lhe acontecerá!

Jesus foi incisivo na resposta:

— Arrede, satanás! Você é para mim pedra de tropeço porque não cogita das coisas de Deus, e, sim, das dos homens.

Um embaraçoso silêncio chamou Simão Pedro à realidade espiritual. E Jesus voltou-se aos demais discípulos, dizendo-lhes:

— Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa, achá-la-á.

As ponderações de Jesus eram novas, à face da Terra.

— Que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da alma? Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um conforme as suas obras.

Simão despertou-se para a verdade, afastando-se das idéias das glórias fugazes, que tanto encantam ao homem, e que a si mesmo atraíram. Compreendia não ser justo ele, que era discípulo, tentar estabelecer um roteiro de obrigações ao seu Mestre, pois que a sua visão da eternidade era diminuta. Um soldado não pode opinar sobre os planos do general, sem conhecer-lhe os móveis e os propósitos. Julgara que a Jesus se destinasse um trono terreno, para apresentar-se à época como um campeão humano! Não! Esse quadro era realmente uma pedra de tropeço, nas vitórias do Cristo.

Interrompera sua meditação, vergado por soluços convulsivos, quando sentiu a mão do Mestre pousando-lhe na fronte oprimida e ralada de vergonha e ouviu a sua voz amada dizendo-lhe com ternura infinita:

— Venha a mim, Você que está sobrecarregado pelos cuidados deste mundo, e eu o aliviarei, dando-lhe os bens da Vida Eterna.

36 A TRANSFIGURAÇÃO

Parando, enquanto os outros avançavam pelas trilhas serpenteantes, Simão Pedro olhava à retaguarda, suspirando. Acalentava as recordações carinhosas que recolhera na curta estada junto às maternais irradiações de Maria, guardando-as no estojo de seu coração. Os pensamentos amorosos da abnegada genitora de seu Mestre o acompanhavam desde que, nas primeiras horas da tarde, haviam partido de Nazaré, tomando rumo leste para alcançar a aldeia de Cafarnaum.

Voltou-se, nostálgico, e estugou os passos, a fim de seguir bem junto ao seu Mestre Amado a ouvir-lhe as permanentes anotações enobrecedoras, no curso da caminhada.

Já os raios argênteos da Lua os envolviam, quando suspenderam a marcha empreendida. Acomodaram-se para a refeição ligeira e o repouso noturno, a céu aberto. Antes do sono, porém, cada companheiro fazia o comentário verbal, espontâneo, das lições recolhidas, porque a cada um Jesus lhes destinava carinho especial e infinito, orientação precisa e

cuidadosa.

Pedro, sempre bom ouvinte e não menos pal-rador, surpreendeu-se com o chamado do Amigo Divino à parte, assim como a Tiago e João. E mais surpreso ainda se mostrava, e curioso em saber que destino tomavam, quando Jesus os levou consigo ao Monte Tabor, em cujo sopé haviam acampado. Silenciosos, seguiam-no, escalando a soberba e verdejante elevação, por trilhas pedregosas e difíceis. Sentiam-se distanciar do mundo, à medida que se acercavam do cume.

O Mestre, adiantando-se mais, enveredou por um atalho e parou em pequena clareira, aberta entre o arvoredos, e entrou em profunda meditação.

Ele orava — após a exaustiva jornada.

O pescador galileu observou que o Mestre se transfigurava à sua frente. Seu perispírito externava-se, envolvendo-lhe o corpo, e seu rosto tomou aparência ainda mais angelical. Suas vestes se tornaram brilhantemente luminosas e brancas, emitindo cintilações fulgurantes.

Voltando-se para os demais companheiros, o apóstolo Pedro compreendeu que eles estavam, igualmente, extasiados com o surpreendente acontecimento. Registravam, porém, aquele convite vivo do Cristo a todos os homens para que exteriorizassem as virtudes latentes nos corações para crescerem em amor e sabedoria. De alma jubilosa viam, ainda, Espíritos, que intuitivamente identificavam como Elias e Moisés, se tornarem visíveis ao lado de Jesus, entretendo com Ele um doce e fraternal colóquio.

Generoso, e familiarizado com as aparições espirituais pela sua própria clarividência, avançou em direção de seu Rabi, e propôs-se abrigar os visitantes celestiais:

— Mestre, estamos bem, aqui. Façamos três tendas: uma para o Senhor, outra para Moisés e outra para Elias.

Nesse momento, contudo, Simão Pedro e os demais se sentiram envoltos por fluidos divinizados e um Espírito lhes falou, utilizando-se dos recursos mediúnicos que eles mesmos permitiam:

— Este é meu Filho bem-amado; escutai-o.

A atmosfera deitava perfumes e seus corpos experimentavam uma refrigerante sensação, enquanto a sua volta tudo retornava ao comum, com as matas de um verde-escuro sob a luz da Lua, o céu azul-límpido... E Jesus lhes sorria, convidando-os ao retorno.

Simão Pedro, maravilhado, dispunha-se a anunciar a todos o que lhes fora proporcionado, certo de que seria mais uma glória em favor de seu Mestre. Este, porém, surpreendendo-lhe o impulso afetivo, alertou-os de que a Verdade deve aguardar ocasião oportuna para manifestar-se em favor dos homens, pois que a narrativa do sublime quadro, quando prematura, poderia avivar incompreensões e ser objeto de ironias nas conversações vulgares e ociosas:

— A ninguém contem a visão, até que o Filho do Homem retorne dentre os mortos. Ajustados os ânimos, a conversação ganhou o rumo de esclarecimentos oportunos, indagando um dos três:

— Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro que o Senhor?

Seus discípulos desejavam esclarecer-se, diretamente com o Mestre, sobre a tradição profética de que Elias retornaria à Terra para anunciar a chegada do Cristo.

— De fato — respondeu-lhes Jesus — Elias há-de vir è restabelecer todas as coisas. Mas eu lhes declaro que Elias já veio e eles não o conheceram, e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem.

O Mestre guardou silêncio, auxiliando seus discípulos a refletirem em torno da ressurreição, que lhes apresentava como uma volta do espírito a um novo corpo, uma reencarnação. E compreenderam, então, que Jesus lhe afirmara que Elias havia já reencarnado como João Batista e já realizado sua missão precursora, perecendo à sanha de Herodes.

Simão Pedro ensimesmara-se, por novamente ter ouvido, embora em lições extraordinárias, o seu querido Orientador prenunciando que Ele, o Cristo, também seria posto na mão dos homens, para que dele os homens fizessem o que lhes ditassem as preferências e os interesses pessoais.

37 TRIBUTO

Os discípulos, ladeando Jesus, desde a madrugada estavam marchando rumo a Cafarnaum, deixando o Monte Tabor ao sul de sua peregrinação. Transbordava deles nítida alegria, pois, que reveriam, ao termo da jornada, seus familiares e amigos domiciliados na sua aldeia de pescadores, após semanas longas de ausência, durante as quais houveram estado entregues ao apostolado que já ia em meio.

Simão Pedro entre eles, porém, guardava-se em silêncio.

Sua imaginação o situava no centro do fenômeno a que assistira em a noite anterior, em companhia de Tiago e João. Fora surpreendente... Debaixo de seus olhos atônitos, vira o Mestre transfigurar-se, tomando as aparências externas dos Anjos Celestiais. Um inesquecível aroma a todos envolvera. E ao lado do Senhor haviam surgido duas figuras, que intuitivamente identificou como Elias e Moisés! Não bastassem esses efeitos inesperados e Jesus ainda lhes revelara, quando desciam do alto do Tabor, que Elias já voltara à Terra como João Batista, esclarecendo que a reencarnação não era uma alegoria, apenas, e sim lei da própria vida, numa sucessão de existências onde todos se aperfeiçoam e cumprem suas missões.

Mais ainda acordara em Pedro, naquela hora. Nascera-lhe a admiração e surgiram novas esperanças em sua vida, permitindo-lhe, então, sonhar que um dia viveria entre os

homens da Terra, porém unido aos céus pelas irradiações da própria alma...

— Qual... Impossível! Sou indigno...

Confabulava consigo mesmo, contrapondo aos seus anseios justos as suas deficiências e podando as ideias que atribuía a ilusões enganadoras! Aspirar a elevar-se em espírito, como fizera Jesus, seria pretender imitar seu Mestre! Ora, o próprio Mestre chegara a chamá-lo satanás, inda há pouco, por ter descoberto os seus temores quando o bondoso Rabi abordara os suplícios que experimentaria nas mãos dos homens!

— Por tudo, sou indigno até de manter esses pensamentos!

No entanto, não podia arredá-los.

Tão ensimesmado estava que não notou já terem penetrado a aldeia. E só se despertou dentro da pequenina cidade com a voz rude e irônica do publicano que tão bem conhecia e que era o encarregado da cobrança dos impostos e das rendas da região:

— Como é, Simão? O seu Mestre paga ou não as duas dracmas devidas a César?

O pescador, embora sacudido pela agressiva atitude do funcionário da cobrança, fitou-o demoradamente, saindo a pouco e pouco da neblina de seus pensamentos.

— Paga ou não paga?

— O meu Mestre?

Ameaçadoramente o publicano confirmou:

— Claroi homem! O seu Mestre!

— Oh! Ele paga, sim...

Com profundo suspiro, que o cobrador interpretou à conta de recusa natural a que se habituara, já que não lhe seria possível compreender o que se desencadeava na alma do humilde galileu — Simão Pedro solicitou que o representante romano ali aguardasse, enquanto ele iria avisar Jesus.

Adentrando a casa onde Jesus fora ter, Simão vislumbrou-o entregue a acariciar as criancinhas. Num relance todos os pensamentos que mantivera no decurso da caminhada voltaram à tona e ele se sentiu abatido e pequenino. Como bendiria se pudesse tornar-se uma daquelas criancinhas que se confiavam sem temor e nem indagações ociosas aos afagos de seu Rabi.

— Simão Pedro.

A tonalidade branda da voz de Jesus tirou-o de seu sonho acordado, que se alternava naquele dia torturando-lhe o coração apreensivo.

— Diga-me, Simão Pedro: de quem cobram os reis da Terra tributo ou imposto?

O indagado denotou não ter compreendido.

— Cobram-no os reis de seus filhos — continuou Jesus — ou de estranhos?

Sem atinar com a questão, Pedro informou:

— Cobram dos estranhos, Senhor!

— Logo, estão isentos os filhos.

Num gesto mudo, Simão concordou.

Jesus sorriu silencioso e falou:

— Mas, para que não os escandalizemos, vá ao mar, lance o anzol, e o primeiro peixe que subir, tire-o. E abrindo-lhe a boca Você achará um estáter. Tome-o e entregue-lhes por mim e por Você.

Simão conteve a respiração!

Com rapidez fulminante, um raio luminoso fendera o seu raciocínio, iluminando-lhe o mundo íntimo. Um estáter equivalia a quatro dracmas, sendo o imposto de duas pessoas. . . E se Jesus pagava o próprio imposto e mais o dele, Pedro, após ter advertido que o fazia apenas para não causar escândalos, porque os filhos do rei não o pagam., então Jesus o colocara a ele, Simão Pedro, o tribulado e perplexo pescador, na condição de um dos filhos dos Céus!

Sentindo o corpo eriçar-se, balsamizado pelos fluidos Divinos que o alcançavam do alto, grossas lágrimas desceram-lhe pelas faces e ele se rendeu de joelhos, soluçante e consolado.

38 O PERDÃO

Sob o teto de sua casa, em Cafarnaum, Simão Pedro permanecia embevecido, com os demais companheiros de discipulado, com as exposições serenas que Jesus fazia sobre os sinais pelos quais se reconhecem as almas tidas por maiores, no Reino dos Céus. A criancinha que se aninhara aos braços do Rabi Nazareno lhes era mostrada por símbolo do espírito-eleito, que é desferrado de malícias e das paixões do mundo e vivem entre a Terra e os Céus, num coração aberto à renovação amorosa.

— Portanto — dizia-lhes — aquele que se fizer humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus. E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe.

O rude pescador galileu acompanhava as mãos de Jesus que acariciavam, em infinda ternura, os cabelos bastos e desgrenhados do pequenito que se recolhera junto ao seu peito. Embevecia-se! Pois a angelitude, compreendia agora, é uma conquista dos que fazem o holocausto de suas paixões terrenas, no altar renovador das vidas sucessivas!

— Se seu irmão pecar, vá argüi-lo entre si e ele. Se ele o ouvir, Você ganhou a seu irmão.

Simão Pedro estremeceu ligeiramente, como que retornando aos seus problemas pessoais que por momentos olvidara. Aquela recomendação sobre o perdão despertara-lhe inúmeros pensamentos e dúvidas... confrontava-se com as ocorrências cotidianas.

Compreender o ofensor! Isso significava um perdão sem condições a qualquer ofensa e sem deter-se em ressentimentos, nem em qualquer partícula de amor-próprio ferido ou condenação ao que se tornasse o ofensor! Se atingido por amigos ou familiares que lhe partilhassem as experiências reencarnatórias, por mais amargo fosse o fel vertido à sua boca

ou mais doloroso o revolver de suas próprias mazelas por mãos desvestidas de piedade — deveria abençoar e amar o ofensor, nele encontrando um credor secular a pedir resgate de débitos ou um irmão do caminho enredado com as Sombras da Espiritualidade inferior.

Difícil...

Mentalmente examinou a intimidade de seu próprio lar, reconhecendo que na família é que os compromissos espirituais são liquidados — e ali se encontram, também, as fontes maiores de ofensas e humilhações!

Não... Era difícil! E ia dirigir-se ao Mestre, quando notou que a criancinha, recebendo os afagos de Jesus, o olhava demoradamente, agradecida pelo calor de sua casa e da reunião, onde lhe davam pão e água! Aquela criança... Oh! Até há pouco ele a quisera escorraçar de sua casa, para que não viesse perturbar o aprendizado da noite, quando o Mestre se lhes pusera de permeio e a recolhera nos seus próprios braços! E ela o olhava com carinho e ternura. — Naquele olhar, dissolveu seus problemas maiores: era o entendimento sem condições, a retribuição carinhosa pela ofensa que lhe dera. . .

Porém, pensou envergonhado pela quase falta cometida, quantas ofensas deveria suportar? Quantos erros deveria receber contra si, oferecendo o bem em resposta ao mal?

— Senhor, quantas vezes terei de perdoar ao meu irmão que pecar contra mim? Será até sete vezes?

Jesus fitou Simão Pedro, compassivo:

— Não lhe digo sete vezes, mas até setenta vezes sete.

Observando que, como Simão Pedro, os demais circunstantes admiravam a extensão infinita do perdão, Jesus lhe deu um exemplo marcante:

— O reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. Tendo começado a ajustá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Como não tivesse com que pagar, ordenou o seu senhor que fossem vendidos: ele, sua mulher, seus filhos e tudo quanto possuía, para pagamento da dívida. O servo, porém, prostrando-se-lhe aos pés, suplicou: Tem paciência comigo, que te pagarei tudo. O senhor teve compaixão daquele servo, deixou-o ir e perdoou-lhe a dívida.

“Dali saindo, entretanto, aquele servo encontrou um dos seus companheiros, que lhe devia cem denários, e, agarrando-o, o sufocava, dizendo-lhe: “Paga o que me deves!” O devedor, caindo-lhe aos pés, implorava: “Tem paciência comigo, que te pagarei.” Ele, porém, não o atendeu; mas foi-se dali e mandou conservá-lo preso, até que pagasse a dívida.

“Vendo, pois, os seus companheiros o que se tinha passado, ficaram muito contristados e foram contar ao seu senhor tudo o que havia acontecido. Então o seu senhor, chamando-o, disse-lhe: “Servo malvado, eu te perdoei toda aquela dívida, porque me pediste; não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, como eu tive de ti?” — E, irritado, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida.”

Jesus fez ligeira pausa e concluiu:

— Assim também meu Pai Celestial lhes fará, se cada um de Vocês, no íntimo do coração, não perdoar a seu irmão.

Simão Pedro, que fora o autor da questão, por crer haver um limite ao perdão, baixou as pálpebras e afastou-se para meditar. E o Senhor distribuía as bênçãos de seus ensinamentos a outros que também o interrogavam.

Perdoar infinitamente — setenta vezes sete! Sem condições, sem humilhar ao ofensor, sem mostrar-se superior, sem deixar que outros descobrissem seus sentimentos, sem medir a sua própria capacidade espiritual de ser bom, a fim de que não viesse, por presumir-se um grande, a exigir do ofensor o comportamento do vassalo ou do devedor insolvente.

— O rei a que o Mestre se referiu — meditava Simão Pedro — esse rei é o Pai Amado que permite aos pecadores a volta ao mundo carnal para a redenção da alma. Porém, na proporção das oportunidades novas que os céus nos oferecem, também devemos oferecer-nos aos nossos semelhantes, a começar daqueles que se colocam no círculo próximo, nossos consangüíneos.

39 O PODER DA FÉ

Os discípulos haviam perdido, por momentos, a sua natural timidez e mostravam ruidoso júbilo frente à vitória que entreviam para o Mestre na recepção que os habitantes de Jerusalém lhe haviam dedicado. Parecia-lhes iminente a instalação do Reino de Deus entre os homens, embora Jesus se mostrasse de semblante contristado e denotasse cuidados não habituais no trato com as multidões.

— Retiremo-nos para Betânia — fora o seu convite.

O apelo de Jesus soara estranho aos ouvidos embriagados ainda pelos cânticos de hosanas e pareceu-lhes impróprio e inoportuno, pois que a exaltação popular era ensejo para congregar adeptos e formar a grande legião de seguidores leais e destemidos

Simão Pedro, que despertara do seu sono mais cedo que de costume, perambulava meditativo, de mãos às costas, vagueando o seu olhar pelas pedras e areias do caminho, distraído por inteiro deste mundo. Suspirava fundos suspiros. Umidecia os lábios com a língua. E caminhava, a passos curtos, sem destino, refletindo e pesando os acontecimentos e seu Rabi Nazareno.

Sobre seus ombros sentiu o toque suave de Jesus.

— Vamos, Simão Pedro. Retornemos esta manhã a Jerusalém, e façamos a purificação do Templo, pois segundo está escrito é aquela casa a casa da oração.

A caminho, Jesus denotou estar com fome e divisando ao longe uma figueira para ela se encaminhou a ver se acharia algum fruto para comer. Junto a árvore, contudo, só encontrou verdejantes folhas e nenhum figo.

—Que ninguém coma dela fruto algum — sentenciou.

Os que o ouviram admiraram-se desta afirmativa, pois, conhecendo como a vontade de Jesus movimentava os fluidos da vida que a todos envolvem, deduziram que esta sua condenação à figueira produziria efeitos até então desconhecidos.

* * *

O pescador de Cafarnaum, que recolhia os mínimos pormenores dos comportamentos de Jesus, não olvidava o acontecimento junto à figueira. Indagava-se se porventura ocorreria algum fenômeno com a árvore, tal como já vira na pesca extraordinária a que procedera sob as vistas de Jesus ou como quando levitara sobre as águas do mar da Galiléia...

Adentrou a noite meditando!

As estrelas luziam no céu de Betânia, e a madrugada surpreendia Simão Pedro às voltas com seus cismares e suas indagações íntimas. O jovem esforçava-se para acompanhar as lições do Rabi, examinando-lhe cada atitude, e movimentando todas as suas possibilidades de raciocínio para recolher de cada gesto a silenciosa mensagem sublime que pressentia a todos os segundos da existência.

Porém, e a figueira? — Era uma indagação aflitiva até, porque tendo ido até Jerusalém, após a sentença que o Mestre proferira, e tendo retornado da capital palestinese à aldeia de Betânia. cruzando com a árvore, ela permanecia inalterada. Nada lhe ocorrera, digno de nota!

Teria o Senhor falhado, na previsão?

É * *

Eis que retornavam pelo mesmo caminho do dia anterior, para alcançar o Templo de Salomão. Pedro se antecipara ao grupo e depois estacara e apontava o sítio próximo.

— Mestre! — afirmava de olhos reluzentes e visivelmente impressionado. — Olhe como secou a figueira que ontem o Senhor amaldiçoou!

— Tenham fé em Deus — detalhou Jesus — porque em verdade lhes afirmo que se alguém disser a este monte: “erga-se e lance-se ao mar”, mas disser sem hesitação no seu coração, crente, ao contrário, de que tudo o que houver dito acontecerá, verá que, com efeito, acontece.

Caíram as vendas dos olhos de Simão Pedro!

A figueira, compreendeu, simbolizava todos os que guardam a aparência e a oportunidade de serem úteis, sem jamais o serem; todos os que podem alimentar de nobreza as almas, sem o fazerem. Secara, pois, como secam os corações que guardam apenas aparências de amor, sem nunca amarem; como secam os braços que guardam as aparências do trabalho, sem jamais se moverem construtivamente; como secam as línguas que guardam as aparências de serem condutoras de doces virtudes, sem nunca darem trânsito senão a palavras venenosas.

Findou o vinco que se formara na frente do pescador, porque todos os últimos

acontecimentos se tornaram claros ao seu coração: as hosanas de Jerusalém, o Templo entregue a mercadores de sentimentos religiosos, as grandes confissões públicas da fidelidade — nada mais eram do que as folhas de enormes figueiras humanas, que jamais dariam frutos e que, por isso, precisavam ser removidas para o mar do esquecimento, facultando sobreviver em favor dos homens as que produzissem os frutos doces do amor que sacam o viajor exausto!

40 PRINCÍPIO DAS DORES

Não havia ocasião em que, estando em Jerusalém, não se aproximasse Simão Pedro do Templo de Salomão, soberbamente edificado, e não se deslumbrasse com a suntuosidade do edifício. Confabulava consigo mesmo, numa fermentação do seu orgulho de raça, que Deus por certo estaria orgulhoso daquela casa que lhe era dedicada ao culto. E não bastasse a imponência arquitetônica para impressioná-lo, ainda havia os doutores das Leis imensamente sutis e aparentemente sábios, cultos e estudiosos, entregues à interpretação da sabedoria dos Profetas!

Para o coração cândido do pescador de Cafarnaum, a riqueza da construção magnetizava e por si só bastava como convite para dela fazer o trono de domínio do mundo. Não se apercebia que, à sombra da respeitável instituição, fariseus e escribas se consumiam em disputas de mando e posição, tornando-se escravos do zelo que acorda o patrimônio físico, afastando, levados por este apego aos bens materiais, todos os que representassem inovação de hábitos, como o próprio Cristo.

Ao deixar a nave, junto com o Mestre, um dos amigos do discipulado, igualmente empolgado com os mesmos anseios secretos de Simão Pedro, disse:

— Mestre! Eis que pedras magníficas, que construção!

Jesus olhando ao Templo indagou-lhe:

— Vê estas grandes construções?

— Vemos...

— Pois não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada.

Contendo as palavras que lhe afloravam aos lábios para réplica, Simão Pedro discordou intimamente, ponderando que não seria justo Deus permitir a destruição de seu Templo. Não era ali, afinal, que Lhe rendiam homenagens e cultos? — Simão não se apercebia, no entanto, que o Templo de Salomão acordava nos judeus os impulsos da posse cega e que para dominá-la e dirigi-lo todos se digladiavam, batendo-se como inimigos. Nem se apercebia que do Pai são todas as edificações, desde a mais humilde choupana de Nazaré, até os mais custosos palácios.

Gaminhando em direção do Monte das Oliveiras, próximo ao centro cosmopolita de Jerusalém, confabulava com Tiago, recolhendo-lhe a discórdia sobre a enunciada destruição

do Templo de Jerusalém. Falou também com João, abordando-o com referência às profecias de Jesus sobre os sacerdotes da época. Perquiriu com André sobre a lamentação que o Mestre fizera de Jerusalém, dizendo que tal cidade não o veria mais até que dissesse: "Bendito o que vem em nome do Senhor!"

Chegados ao destino, no entardecer, vendo que o Mestre se deixara ficar junto ao ribeiro de Cedron, não distante do Horto de Getsêmani onde se recolhia para orações, Simão Pedro se aproximou com os amigos João, Tiago e André e, em particular, indagou:

— Mestre, diga-nos quando sucederão as coisas que foram anunciadas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se.

Jesus ouviu atencioso, pois que os homens sempre se perguntam quando virão dias melhores e quando terminarão os dias em que o Mal mantém o seu reinado na Terra. Impossível, no entanto, falar aos rudes pescadores e ao povo habituado a examinar os profetas e as Leis Divinas com figurações materiais, sem utilizar os mesmos processos alegóricos. O Mestre, assim, expôs o tema com precisão, velando-o sob quadros fortes que só no decorrer dos séculos se desvendariam. Iniciou, porém, advertindo-os sobre os operadores de prodígios e de revelações fantasiosas:

— Tenham cuidado para que alguém não os seduza, porque muitos virão em meu nome, dizendo: "Eu sou o Cristo", e seduzirão a muitos. Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão muitas pessoas. E porque, nessa época, abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar, até o fim, se salvará. Então, se alguém lhes disser: "O Cristo está aqui, ou está ali", não acreditem absolutamente porquanto falsos Cristos e falsos profetas se levantarão e farão grandes prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzirem, se fosse possível, os próprios escolhidos.

Interrompendo-se ligeiramente, e examinando a atmosfera de doce entendimento que os unia, prosseguiu em seus avisos amoráveis:

— Vocês ouvirão, também, falar em guerras e rumores de guerras. Tratem de não se perturbarem, porquanto é preciso que essas coisas se dêem, mas ainda não será o fim.

Jesus disse-lhes de terremotos, hecatombes e acontecimentos físicos de nosso planeta, que nada mais representam que a evolução natural da Terra. A verdadeira transformação que sofrerá o homem e a sociedade é de ordem moral, e o mundo que chegará ao fim, destruindo-se a si mesmo, é o mundo do mal. Deveria o homem, por isso, empenhar-se na vigilância constante, ou seja, não deixar passar uma só oportunidade de fazer o bem, pois que omissos e pecadores se destruirão.

— E quando tudo acontecerá? — interpolou-se Simão à prédica.

— A respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe: nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai. Vigiem, pois, porque ninguém sabe quando será o tempo, a não ser pelos sinais de renovação da criatura.

Era o convite celeste para alcançar, de imediato, os caminhos do amor, evitando que a

ini- quidade venha esfriar a caridade generosa que germina em todas as almas.

E a tarde caiu por sobre o singular quadro, com Jesus orientando, com delicadeza, aos seus discípulos, qual irmão amoroso e gentil que guia os vacilantes primeiros passos de seus irmãos menores, nas suas tentativas de caminhar.

41 SERVO VIGILANTE

A brisa, percorrendo os jardins silvestres, carregava os perfumes agrestes e doces das flores que despontavam do solo dadivoso da Judéia, e espargia-se sobre a multidão, que se mantinha atenta às palavras consoladoras que Jesus lhes destinava.

Nessa assembléia campestre, dissera-lhes o Cristo que tudo lhes seria revelado, com referência à Vida Eterna. Não, porém, do modo com que o faziam os sacerdotes fariseus que, a pretexto de confortar e orientar as criaturas, as despojam dos bens materiais e tomam-lhe as rédeas do próprio destino. E encarecera-lhes a importância de confiar em Deus:

ERT- Observem os lírios: eles não fiam, nem tecem. Eu, contudo, lhes afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva que hoje está no campo e amanhã é lançada ao forno, quanto mais tratando-se de vocês, homens de pouca fé.

Após o sopro da esperança, advertira-os:

— Bem-aventurados aqueles servos a quem o Senhor quando vier os encontre vigilantes. Em verdade lhes afirmo que ele há de cingir-se, dar-lhes lugar à mesa e, aproximando-se, os servirá. À hora em que não cuidam Vocês, o Filho do Homem virá.

Simão Pedro que sempre guardava um ouvido para o popular sofredor que era por si atendido, e outro para as prédicas do seu Mestre, reconheceu a lição do trabalho permanente e sem esmorecimento. Porém, estariam todos no mesmo nível de entendimento e responsabilidade e a todos se destinaria a lição? Ou acaso as responsabilidades maiores lhes pesariam tão-somente nos seus ombros de discípulos, para que Jesus um dia retornasse e, num gesto que denotaria humildade legítima, envolvesse a própria cintura com uma toalha, semelhante a um criado comum, para servi-los?

— Senhoril interrompeu-o Simão Pedro |Ég profere esta parábola para nós, seus discípulos, ou também para todos?

O Mestre viu em Simão Pedro, naquele momento, a indagação de todos os seareiros que se lhe seguiriam nas pregações e exemplos Evangélicos, a fonte de fé, esperança e caridade, e disse-lhes:

— Simão, quem é o mordomo fiel e prudente, a quem o Senhor confiará os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?

O indagado cerrou o cenho, meditativamente. X3ompenetrava-se de que se muitas

prédicas existiam para consolar os aflitos, outras haveria que formariam a rota dos que aceitassem a continuação da obra de amor à Humanidade, através dos séculos, a fim de que a dúvida não se instalasse nos que tomassem parte no ministério da luz e da paz, no Reino da Verdade.

E a voz do Rabi enunciou:

—Bem-aventurado aquele servo a quem seu Senhor, quando vier, achar vigilante e no trabalho. Verdadeiramente lhes digo que confiará a esse todos os seus bens. Mas se aquele servo disser no seu coração: "Meu Senhor tarda em vir", e passar a espancar os criados e as criadas, a comer, e a beber e a embriagar-se, virá o Senhor daquele servo, em dia em que não o espera e em hora que não sabe, e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os infiéis.

Trabalho, oração e fé ^ a trilogia em que Jesus fundamentava o programa imortal de seus Evangelhos.

Àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.

O pescador galileu inflou-se de ânimo e de ponderação, porque na qualidade de servo deveria receber a mordomia dos tesouros celestes, tal como todos os que se transformam com Jesus, em favor dos conservos que lhe guardariam orientação segura.

42 PERIGO DAS RIQUEZAS

Quase todos os seguidores de Jesus ansiavam vê-lo pregando para as grandes aglomerações, certos de que muitos dos que o ouvissem se dobrariam ao Reino de Deus, vencidos pela irradiação magnética que ele transfundia ao apresentar seus postulados. No entanto, ele dava especial atenção às pequeninas povoações, como aquela que se erguia, paupérrima, nos caminhos que ficam entre a Galiléia e Samaria.

Ao aportarem ali, alguns discípulos julgavam que fariam simplesmente um pouso breve, na longa caminhada. Porém, sucederam-se os enfermos, apareceram as crianças, chegaram os velhinhos, brotaram os carentes de orientação, retardando mais e mais a ida a Jeruslém. E na capital pales-tinense ele poderia predicar no suntuoso Templo de Salomão ou nas feiras, com um auditório de pessoas cultas e importantes que poderiam auxiliar muito o seu programa!

E viera depois aquele jovem rico — torturava-se Simão Pedro mais uma vez, fazendo o re- 174

trospecto dos acontecimentos e da insatisfação que medravam no estrito círculo dos condiscípulos. ..

Aquele moço surgira entre a multidão, na pequenina aldeia, distinguindo-se pelo porte esbelto e pela roupagem alinhada. Pusera-se a ouvir as pregações do Mestre e aproximara-se mais, reve-lando-se interessado. Os populares, que o conheciam, e muitos

dos quais lhe prestavam serviços como assalariados, abriram-se em alas, permitindo-lhe chegar a Jesus sem embaraços e sem dificuldades. E dissera:

— Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

Jesus fitou-lhe os olhos, respondendo-lhe:

— Por que me chama bom? Ninguém é bom, senão um só, que é Deus.

o mancebo tingiu as faces levemente de rubro, pois que na localidade o tinham na conta de um homem virtuoso. E aquele que diziam ser o expositor da Verdade desvestia-se do título honroso, qual se não fosse digno da pessoa se ornamentar das aparências do bem...

— Você sabe os mandamentos, disse-lhe Jesus: — Não adulterar, não matar, não furtar, não dizer falso testemunho, honrar pai e mãe.

À proporção que o Rabi Nazareno enunciava os mandamentos, o jovem rico revelava indisfarçável desencanto, no sorriso ensaiado no canto de sua boca e, por fim, informou:

— Oh! Sei os mandamentos. E tudo isso tenho observado desde a minha juventude.

À sua voz traduzia a tristeza que lhe ensombrava os dias, com o tédio, fazendo morada em sua alma. A abundância de recursos materiais, herdados de seus pais, eximia-o das atividades nobres e saudáveis que a qualquer pescador e a qualquer camponês eram facultadas. E ele não aprendera ainda a usar dos recursos de seu tempo e de sua fortuna, no aprimoramento da alma.

— Uma coisa ainda lhe falta — disse Jesus. — É vender tudo o que tem, dá-lo aos pobres, e terá um tesouro nos Céus. Depois venha e siga-me.

A pequena multidão agitou-se em murmúrios. Sem dúvida parecia audaciosa demais a sugestão daquele Rabi, aos olhos dos negociantes de cabras e camelos, dos negociantes de tapetes e alimentos — que não alcançavam a utilização da riqueza, que o Mestre lhes transmitia. Os próprios discípulos se afastaram ligeiramente, temendo represália e rixas, pois que o jovem era das mais importantes figuras no povoado!

Simão Pedro olhava estranhamente o Salvador.

— Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas! — disse o Mestre a Simão, frente ao jovem que se retirava cabisbaixo. — É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no Reino de Deus.

— Sendo assim — indagou um popular mais próximo e que ouvira o diálogo inteiro — quem pode ser salvo?

O Nazareno elucidou em tom suave:

— Os impossíveis dos homens são possíveis para Deus.

Pedro, desavisado de que Jesus se referia às reencarnações nas quais aprendemos a distinguir os verdadeiros valores da vida, indagou:

— E nós que deixamos tudo e o seguimos, que receberemos?

Notável foi a piedade de que se possuiu Jesus ao receber-lhe a indagação aflitiva, de criatura que vinha cobrar, de imediato, prêmios celestes pelo trabalho ao qual fora chamado,

mas que ainda mal iniciara. Impossível ponderar-lhe todas as renúncias necessárias e todos os prazeres espirituais hauridos no serviço ao próximo, chegando até o sacrifício extremo da própria imolação.

— Simão Pedro — disse-lhe Jesus — em verdade lhe digo que ninguém há que, tendo deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do Reino de Deus, não receba no presente muitas vezes mais, e que no mundo futuro não herdará a vida eterna.

Conturbava-se Simão Pedro até às lágrimas, na premência de compreender parã orientar os companheiros. E sob o crepúsculo arrojou-se de joelhos a areia quente e suplicava a Deus pelo esclarecimento de suas dúvidas. Deveriam ou não porfiar para congregar os abastados? Afinal, já se iam decorrer três anos de pregações e faltava o dinheiro para reunir os servidores do novo Reino. .. 1 Jesus não cedia, não acolhia com mais desvelos aos ricos, do que aos pobres! — Entre a neblina que lhe toldava a visão clara, surgia-lhe o bondoso Nazareno que lhe segredava em palavras consoladoras:

— Simão Pedro, ouço-lhe o coração tribulado pelos cuidados deste mundo. Abençoemos os laços sagrados da família e a utilidade providencial da riqueza. Não nos demos à pressa, contudo, de cobrar dos Céus os primeiros sinais de dedicação aos semelhantes e à Verdade. Se difíceis são os parentes, se constristador e angustioso é o bom uso da fortuna, não nos impeçamos de renunciar aos planos individuais, ditados pelo orgulho, e auxiliemos parentes e amigos no campo da ascensão sublime e movamos os recursos materiais de que somos dotados pelo Pai em benefício dos sofredores. O Reino de Deus instala-se na alma dos que servem, e não na dos que são servidos.

43 PREPARATIVOS DA PÁSCOA

Nuvens densas acumularam-se no horizonte, amenizando a inclemência do sol crestante que percorrera o céu durante o dia. Carinhoso vento, agora, agitava a vegetação e os arbustos mais tenros do Monte das Oliveiras, e descia a encosta envolvendo a pequenina cidade de Betânia com seu olor agreste e agradável.

De algumas das habitações já se desprendia o aroma característico do cozimento de pães sem fermento, que completariam a refeição comemorativa da saída dos hebreus do cativeiro do Egito, orientados por Moisés e por inspiração do Espírito Guia dos judeus, a quem chamavam *^eová*, Pelas ruas acidentadas e tortuosas da aldeia, nes sa tarde, alguns pastores tangiam seus cordelrot sob olhar curioso das crianças. Avançavam e p ravam com o rebanho em algumas portas e cl mavam os habitantes da casa para entregar-ll alguns dos animaizinhos encomendados par comemoração da Páscoa, que se daria dentn dois dias.

Simão Pedro, juntamente com seu companheiro João, atravessaram por entre as ovelhas e seguiram pela rua, em silêncio, ocasionando leves referências de transeuntes que os reconheciam do discipulado messiânico. Iam ao encontro com o Mestre Nazareno, subindo as

encostas do Jardim das Oliveiras.

— Senhor — disse Simão, aproximando-se do Mestre — onde quer que façamos os preparativos para comermos a Páscoa?

Jesus desdobrou-se espiritualmente, alcançando com seus olhos espirituais paisagens afastadas e transmitiu-lhes as instruções:

— Sigam até a cidade. Ao entrarem lá, encontrarão um homem com um cântaro de água; sigam-no até a casa em que ele entrar. Digam, então, ao dono da casa: “O Mestre manda perguntar-lhe onde é o aposento em que há de comer a Páscoa com seus discípulos?” — E ele lhes mostrará espaçoso cenáculo mobiliado; ali façam os preparativos.

Pedro fez quase imperceptível sinal a João, e ambos se retiraram de pronto, para atender às indicações recebidas.

** * **

E tudo aconteceu como o predito: o homem com o cântaro, o caminho seguido, a casa, a con- 181 cordância do seu proprietário, o cômodo preparado.

De retorno, Simão Pedro alongava os comentários com seu amigo, em torno dos poderes do espírito, que Jesus tão bem lhes exemplificava, como naquele instante em que vira, a distância, a cena que a eles fora dado testemunhar no preparativo da Páscoa. Era como se fosse em sonho e como se os olhos de Jesus houvessem varado os espaços, relacionando acontecimentos distantes. ..

— E que outro ensinamento poderemos guardar deste singular acontecimento? — indaga Simão Pedro a João.

— Por certo — ponderou o indagado — significa bem que todos os que aguardam a hora do Senhor disponham-se a oferecer-lhe o cenáculo da própria alma, a fim de que, antecedendo à chegada do Mestre e para que ele ali possa estar, devam os sentimentos e a razão estarem limpos das poeiras acumuladas pelos tempos. Pois que fizemos nós, senão limpar a aprestar o mobiliário e a sala, removendo todas as sujeiras e tudo o que não era útil ao Senhor?

O restante do trajeto foi realizado em silêncio meditativo.

44 LIÇÃO DE HUMILDADE

Era já quase noite.

Os discípulos ceavam naquela casa cujo cenáculo se preparara carinhosamente pelas mãos de Simão Pedro e de João, com aquiescência e colaboração fraterna de seu proprietário, no atendimento das indicações do Mestre Jesus. Havia, no entanto, embora na intimidade, constrangimento entre todos, pois que o jovem Nazareno guardava os olhos com um véu de tristeza.

Simão interrogava-se e examinava os demais companheiros. Acaso algum deles se

acovardaria, se ocorresse ao Mestre ser vítima da perseguição de sacerdotes e fariseus? Acaso não se levantariam, como um só braço, um só coração, uma só vontade, numa fortaleza indestrutível para defender o seu Rabi?

Enquanto se indagava, viu Jesus levantar-se, interrompendo a refeição. Ele se despojou das roupas exteriores com que se vestia para a ceia e envolveu a própria cintura com uma toalha, qual se fora um dos servos da casa! Adiantou-se em direção de uma bacia e nela deitou água...

Oh! Não! Incrível! Aquele generoso coração ia de discípulo a discípulo, lavando-lhe os pés e os enxugando. Ninguém reclamava ou protestava. Até Judas, tão arredio nestes últimos dias e que satirizava algumas atitudes de Jesus, rendera-se em silêncio e se deixava lavar e enxugar.

Chegada a vez de Simão, que encolheu os pés e protestou veemente:

— Senhor, lava-me os pés a mim?

Jesus respondeu-lhe sereno:

— O que faço você não o sabe agora. Com-preendê-lo-á depois.

Pedro levantou-se brusco e violento.

— Não! — sentenciou — O Senhor nunca me lavará os pés!

O Nazareno, que no gesto de humildade aprestava seus seguidores para pisar os novos caminhos que palmilhariam, no árduo trabalho de redenção e salvação da Humanidade, e que assim os convidava a renovar o seu modo de andar, afastando-se das veredas enganosas das doutrinas falsas — disse:

— Se eu não lhe lavar, você não terá parte comigo.

Atônito e ferido, o discípulo obtemperou:

— Então, Senhor, não apenas os meus pés, mas lave também as minhas mãos e minha cabeça!

— Quem já se banhou — esclareceu Jesus — não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, você está limpo, mas não todos.

Ditas essas palavras, Jesus baixou-se junto aos pés de Simão Pedro e sobre eles derramou água e os limpou das marcas que traziam das estradas e das vielas, das casas e dos templos, ajustando-os para conduzirem-se nos testemunhos cruciais do Evangelho.

Terminados todos, tomou novamente suas vestes da ceia e retornou à mesa. E de seu lugar disse:

— Compreenderam o que lhes fiz?

Nenhuma resposta audível aos ouvidos humanos. Tão-somente as emissões mentais que se levantavam curiosas.

— Vocês me chamam: O Mestre e o Senhor, e dizem bem, porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e Mestre, lhes lavei os pés, também vocês devem lavar os pés uns dos outros, porque eu lhes dei o exemplo, para que, como eu lhes fiz, façam vocês também.

Ligeira pausa, dentro da quietude reinante.

— Em verdade, em verdade — continuou o Mestre — digo-lhes que o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou.

Simão confirmou, num gesto de cabeça.

— Ora, se sabem estas coisas — complementou o Rabi — bem-aventurados serão se as praticarem.

Não bastava relacionar os exemplos do Mestre, nem bastava apregoá-los e nem repletar-se dos seus bons ensinamentos. Antes, era preciso praticá-los, vivendo-os no cotidiano do gesto espontâneo, e inesperado até, como a revelação da humildade legítima, mesmo sob incompreensão dos circunstantes, como se dera no gesto de lavar os pés. Era o cântico do serviço contínuo, onde se anotariam as expressões mais puras do Evangelho do Senhor em nossas vidas: servir, servir sempre, mesmo quando sob o guante de invencível tristeza da alma.

Esfregando os pés, um contra o outro, por baixo da mesa, Simão sentia-se nascido e pronto para o trabalho:

— ... bem-aventurados serão se as praticarem!

45 PEDRO É AVISADO

Ainda no cenáculo sublime, em que seus pés e os dos demais discípulos houveram sido lavados por Jesus, o operoso e impulsivo Simão Pedro cogitava estar bem próxima a hora da manifestação Divina, quando, por certo, se instalaria em definitivo o Reino de Deus entre os homens. Em sua alma fermentavam as conversações que entretivera com Judas sobre as normas de um bom governo para o povo, governo honesto e justo sem as paixões e falhas de Herodes e sem as injunções do poderio romano.

E julgava-se intuído pelos céus, na sua invigilância, pois que vira partir Judas, julgando que ele fora incubido de desencadear as forças celestes, ao preço de uma traição!

.— Chegado é o instante maior — refletia tranqüilamente. — Sou trabalhador das primeiras horas do novo Reino. Cheguei a convite do próprio Rabi e não arredei pé de minha posição, porfiando sempre pela realização de maiores serviços. O Mestre, por ser justo, examinará a minha fidelidade e compensará os meus esforços com posição notável, entre os maiores do novo Reino que estabelecerá. Não é sem razão que ele nos tem conclamado à fidelidade, dizendo-nos que receberemos cem por um do que demos... e até insistiu em lavar-me os pés, evidenciando que sou dos escolhidos para ocupar os palácios!

Suas considerações foram interrompidas por Jesus que, saindo do silêncio em que se angustiava, falou:

— Para todos vocês serei esta noite uma pedra de tropeço, pois está escrito: “Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão”. Mas, depois que eu ressurgir, irei adiante de

vocês para a Galiléia.

O pescador de Cafarnaum saltou rápido, como que ferido em seu amor-próprio, e tropejou na sala:

— Ainda que o Senhor seja para todos uma pedra de tropeço, nunca o será para mim.

Os demais o secundaram na afirmativa:

— Simão, Simão — lamentou Jesus, condoído — eis que o espírito da provação pediu permissão para examinar suas deficiências e suas virtudes, como se separa o trigo do joio. Mas eu roguei por Você, para que a sua fé não desfaleça, e Você, quando se converter, fortaleça seus irmãos.

A revelação sensibilizou doentiamente o pescador, que não se apercebeu inteiramente dos cuidados do Mestre em ampará-lo na conquista da fé, através de experimentações sucessivas com a benevolência Divina. E nem se apercebeu de quê Jesus lhe indicava a bondade e a insipiência, que coabitavam em seu peito, pois que o Mestre não suplicava a nenhum dos presentes que cressem nas suas palavras e nem nas suas obras, mas que se convertessem à Boa-Nova. Emocionado, pois, Simão Pedro arrojou-se ao solo de joelhos e afirmou:

— Senhor, estou pronto a ir com o Senhor não só para a prisão, senão também para a morte!

Jesus tomou-lhe as mãos, levantou-o e tranqüilizou-lhe o coração que lhe saltava ao peito.

— Declaro-lhe, Pedro, que hoje ainda, antes que o galo cante, três vezes Você terá negado que me conhece.

— Oh! Senhor — brada-lhe Pedro lacrimoso por recear que nele Jesus já não mais confiasse — ainda que me seja necessário morrer com o Senhor, de nenhum modo o negarei!

A confissão, feita por entre soluços e em baixa voz, alcançou os mais próximos e os discípulos reafirmaram as palavras de Simão Pedro. Não, nenhum deles negaria a Jesus. Nenhum deles abandonaria o redil, se ocorresse ferirem o Pas-189 tor.,. Na verdade, eles não criam que os fatos relatados por Jesus viessem a suceder, porque ainda se achavam possuídos do desejo do sobrenatural, do milagre, da derrogação das Leis Divinas! E mesmo Simão Pedro, que se aninhava no peito amoroso daquele esplendoroso jovem nazareno, de rara formosura em sua solidão, em suas dores — nem Pedro compreendia o amparo fraternal que Jesus lhes ofertava, no preâmbulo de suas fraquezas, quando se deixariam espantar quais ovelhas inexperientes e indefesas na aproximação do que lhes pareceria lobo voraz.

— Quando os mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandálias, faltou-lhes, porventura, alguma coisa?

Revivendo, de pronto, as peregrinações do apostolado feito com as indicações de

Jesus, afirmaram:

— Não! Nada nos faltou, pois que tudo se provia nos caminhos que percorremos levando a palavra do Pai.

— Agora, porém — adendou o Mestre — o que tenha bolsa, tome-a, como também o alforje; e o que não tem dinheiro, venda a sua capa e compre espada, pois lhes digo que importa cumprir-se em mim o que está escrito: “E ele foi equiparado aos criminosos”. O que a mim se refere está sendo cumprido.

Alguns discípulos avançaram, destemerosos.

— Senhor, aqui estão duas espadas.

À vista das armas de agressão que lhe apresentavam, por terem os seus amigos tomado ao pé da letra a sua afirmativa, presumindo que o Mestre se referira a algum assalto bélico que teriam de executar, Ele se mostrou dolorosamente condoído do degrau espiritual daqueles que eram seus co-herdeiros da Mensagem Celestial dos Evangelhos, e por sentir que a partir daquele momento já estava inteiramente só, nos campos do pensamento, deu por finalizada sua sementeira:

— Basta — exprimiu-se, e indicou para que as armas fossem prontamente recolhidas.

Saíram todos, ficando apenas Pedro no cenáculo. Já se afastava, também, quando retornou aos seus passos e munuiu-se de uma das espadas abandonadas.

— Afinal, se o Mestre resolver-se por algum ataque, já estou armado...

46 NO HORTO DE GETSÊMANI

Ajustando mais uma vez a espada à cintura, Simão Pedro apressou-se a alcançar o grupo que seguia, dentro da noite, para a direção do Monte das Oliveiras. Assim como Jesus, iam silenciosos.

Pedro engendrava mentalmente as demonstrações de fidelidade que poderia manifestar, naquela véspera da Páscoa. Se Judas retornasse com soldados, ergueria a si mesmo em defesa de seu Mestre, já que em seguida legiões de anjos viriam socorrê-los, para pôr de vencida os inimigos do Reino.

A pequena caravana atravessou o ribeiro de Cedron com facilidade, pois que mesmo no escuro distinguiam a passagem, que lhes era familiar, já que ali Jesus se recolhia com freqüência para suas orações. Penetraram pelo Horto de Getsêmani, sentindo a fragrância doce da relva que se evola-va em mistura com as árvores em floração.

Suspenderam a marcha, com Jesus lhes dizendo:

— Vigiem e orem, para não caírem em tentação.

A hora não comportava detalhes. Por certo que os discípulos sabiam que Jesus os alertava quanto às tentações que cada um traz como forças desequilibradas de vidas anteriores. Deveriam, pois, exercer severa vigilância às próprias tendências, aos próprios impulsos, para

poder renovarem-se. Deveriam socorrer-se do auxílio que vem do Alto, pelos condutos da oração.

Deixando alguns, Jesus seguiu em frente, fazendo-se acompanhar dos três que se revelavam mais cômicos de suas tarefas e que possuíam maiores recursos de entendimento de suas obrigações, para acompanharem-no no supremo testemunho. Esses eram: Pedro, Tiago e João, que já o haviam testemunhado na transfiguração do Tabor.

No centro de uma clareira, distanciada ligeiramente do ribeiro de Cedron, em sonoridade de calma e lágrimas, informou o Rabi:

— A minha alma está numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo.

Os três se entreolharam, dentro das sombras, procurando ajustar-se à nova situação. Jesus deslocou-se alguns passos e rendeu-se aos Céus.

— Pai, se é do teu agrado, afasta de mim este cálice; todavia, não se faça a minha vontade, mas, sim, a Tua.

Simão Pedro divisou um Espírito intensamente luminoso aproximar-se de Jesus e entreter com ele conversação amorosa. Suspeitava, porém, que o Emissário Divino estivesse concertando os planos do novo Reino... Mas o Cristo não se portava qual ágil general antes das grandes batalhas, cuja vitória é fácil conquista! — E esse silêncio, e essa oração angustiada, acabrunhava e confundia profundamente o pescador de Cafarnaum, que se deixava dominar pelas reminiscências de poderes e reinos terrenos de outras vidas... Mas os inimigos não poderiam derrotar o Pai Celestial — e acaso Jesus não lhe era o Filho diletto?

A apreensão, filha da incerteza e da dúvida, avolumava-se no coração de Simão Pedro, aturdiando-o. E ele não conseguia sequer articular a oração e nem mesmo se detinha em conseguir, tal era a sua ânsia de inteirar-se de todos os acontecimentos e de todos os detalhes.

O Mestre àcercou-se dos três amigos e, detendo-se particularmente em Pedro, procurou trazê-lo ao equilíbrio, para que ele superasse o choque emocional das grandes horas.

— Você dorme, Simão? Não pôde vigiar nem uma hora? Levante-se e ore, para que não venha a render-se à tentação.

Pela segunda vez afastando-se, Jesus orou:

— Pai meu, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a Tua vontade.

Simão, sem muito empenho positivo, procurou orar também:

— “Pai nosso que estás nos céus; santificado seja o teu nome; venha o teu reino”... — Claro que estou disposto a colaborar com o Reino, bastando que ele venha até nós, auxiliado pelos Exércitos Celestiais. Disputarei um lugar bom, para garantir-me de que serão socorridos os milhares de enfermos e pobres... e voltarei à minha aldeia, para beneficiá-la, como em meus sonhos de juventude! As criancinhas sem pais... os velhinhos... Darei também aos meus uma casa que os compense dos longos anos de martírio... Oh! Não um palácio como dos romanos ímpios, mas uma habitação razoável...

— Simão! — apelou o Mestre, despertando-o. — Não pôde Você orar comigo?

Pedro toronu-se rubro, sentindo arderem as faces pelo sangue que rapidamente lhe circulou à cabeça, e não se encorajou a articular resposta ou justificativa. Reconhecia que entrara a orar e, sem que se apercebesse, seus pensamentos haviam tomado outro rumo, conduzindo-o às preocupações costumeiras. E, agora, ali estava o Mestre a convidá-lo, para ao menos orarem juntos... Ora, mas era a angústia, a tristeza, sabia lá o que, que o traziam perturbado!

Pela terceira vez o Excelso Mestre afastou-se e entrou em oração profunda, fervorosa, nimbando o horto em que se encontravam com perfumes celestiais, que nasciam de suas lágrimas e de seus suores, vertidos sobre a terra, na angústia de seu sacrifício, imposto pelos filhos de seu coração.

João e Tiago, tanto quanto Simão, estavam confundidos. Embora estivessem suficientemente informados por Jesus, não lhe deram crédito que tudo se realizaria como agora pressentiam que estava sucedendo. Ninando anseios de posse e de mando, jamais lhes passara pela mente, de forma séria, que o Reino Divino tem seus alicerces apenas nos corações e não se mostra aos homens pelos quadros a que se habituaram nas organizações humanas.

— Agora — disse-lhes Jesus, que se aproximara — durmam e descansem; está próxima a hora, e o Filho do Homem será entregue nas mãos de pecadores.

Simão apertou o punho da espada.

— Levantem-se e vamo-nos, pois aquele que me trai se aproxima.

Apurados os ouvidos, Simão registrou os passos que se aproximavam do Horto de Getsêmani, e já próximos, talvez ultrapassando já o ribeiro de Cedron.

47 JESUS É PRESO

Uma dolorosa expectativa assaltava o coração de Simão Pedro, após ter ouvido Jesus anunciar que estava próxima a hora decisiva, quando o traidor se aproximava. A espera teve curta duração, pois divisou uma fileira de guardas transpondo o ribeiro de Cedron, carregando tochas acesas para clarear-lhes o caminho. O sangue enregelou-se-lhe nas veias e lhe formigava o corpo, na sensação de medo e incerteza.

Estacaram à frente de Jesus.

Sob a luz bruxuleante dos archotes, avançou Judas na direção do Cristo.

— Salve, Mestre! — saudou o recém-vindo.

Em seguida, aproximou-se mais e beijou Jesus nas faces.

Os discípulos que ali estavam tremeram de indignação. Porém, Jesus acolheu o beijo, qual se viesse duma confissão de ternura e amizade certa.

E ante a hesitação de Jesus, o Mestre abre-lhe ainda a porta da alma para a prática do

bem:

— Amigo, a que veio você? — indagou-lhe o Rabi.

Judas baixou a fronte, mordiscando os lábios.

— Com um beijo — falou Jesus — Você entrega o Filho do Homem?

Judas não se movia; sentira-se hirto, pregado ao solo, incapaz de dar sequência aos planos que traçara em sua loucura de posse e domínio político à face do mundo. Teria errado? O Mestre desviou-se ligeiramente de quem o permutava por uma posição passageira e que o confessava ao mundo com um coração conturbado e confundido, e dirigiu-se diretamente aos soldados e guardas:

— A quem vocês buscam?

— A Jesus Nazareno — respondeu o comandante.

— Sou eu! — disse Jesus sem titubear no cumprimento dos desígnios Celestiais.

Os soldados, no entanto, recuaram e trocavam entre si olhares de surpresa, fixando os que acolitavam Jesus no Horto de Getsêmani. Temeram a Jesus, pelo arrojo e ousadia de sua confissão, e temeram uma cilada que estivesse armada.

— A quem buscam Vocês? — tornou a indagar.

— A Jesus Nazareno — repetiram eles.

— Já lhes disse que sou eu. Se é a mim, pois, que buscam, deixem ir a estes — falou Jesus, referindo-se aos amigos que estavam afastados ligeiramente, acompanhando a sucessão dos acontecimentos.

Mal terminara de falar, a escolta pôs-lhe as mãos em cima, para considerá-lo preso e submetido a autoridade do governo religioso dos judeus. Simão Pedro, que até então permanecera na sombra, num gesto brusco e repentino, sacou da espada, considerando que o terem posto a mão em Jesus seria o sinal do início da batalha pelo Reino. E atirando-se sobre Malco, servo do sumo sacerdote, deu-lhe um golpe na orelha direita.

Jesus, porém, colocou-se entre os contendores e, tocando a orelha do servo ferido, num gesto de carinho infinito, disse a Pedro:

— Embainhe a sua espada, pois todos os que tomarem a espada, morrerão à espada.

Frente aos atônitos guardas e não menos ababelados discípulos ponderou particularmente ao pescador de Cafarnaum:

— Não hei de beber o cálice que o Pai me deu? Acaso pensa, Simão Pedro, que não posso invocar a meu Pai, e que ele não me dará, neste momento, mais de doze legiões de anjos? Como, porém, se cumpririam as Escrituras que declaram que assim deve acontecer?

Confundido, Simão Pedro depositou esperança de que seu Mestre faria vir dos Céus a legião de anjos para dominar seus perseguidores. Não conseguia ajustar-se à bondade do que amava até aos seus inimigos e perseguidores. Era-lhe impossível, nessa fase inicial de suas experiências do apostolado, alcançar o plano do ministério da resignação construtiva, que Jesus transmitia aos desígnios do Pai.

— Saíram com espadas e varapaus como contra um salteador? — indagou o Cristo daqueles que foram prendê-lo. — Todos os dias, estando com eles no templo, a ensinar, não me prenderam. Porém esta é a sua hora e o poder das trevas.

Fora a rendição incondicional à vontade de Deus, ofertando os punhos para as cordas que o manietariam, no início dos suplícios que se encerrariam na cruz do Calvário.

Os amigos do Evangelho fugiram, adentrando o bosque, onde a vegetação era espessa, para não serem conduzidos à prisão, juntamente com o grande mentor. Simão Pedro, de coração pulsando incontroladamente, suando amedrontado, olvidara todas as promessas de defesa e fidelidade e corria sobressaltado por imaginários passos a persegui-lo, chorando e sofrendo e perdendo a própria espada na fuga desabalada.

48 A NEGAÇÃO DE PEDRO

Fugindo dos guardas que haviam manietado e levado Jesus à prisão e ao julgamento, penetrara Simão Pedro pelo espesso Horto de Getsêmani, no Monte das Oliveiras, abrindo passagem abruptamente pela vegetação. Desesperado, tremendo de receio de ser alcançado... Suarento, embora fosse noite fria, rendeu-se ao cansaço e caiu exausto de encontro ao solo, sangrando em várias partes do corpo que se ferira nos espinhos e nos galhos secos.

Só então notou que os passos que pareciam segui-lo eram por certo imaginários, pois que os ruídos não mais se produziam. E ele fez lama na terra, com suas lágrimas.

Alguns segundos que pareceram séculos transcorreram, quando ele se ergueu com grande esforço, arfando e sobressaltado. Precisava de conhecer o destino de seu Mestre! Olhou pelos caminhos serpenteantes que desciam em direção à cidade de Jerusalém e identificou a coluna de guardas, pelas luzes dos archotes...

* * ✕

Unindo-se a um dos amigos do apostolado, seguia Simão Pedro a Jesus e aos guardas, a respeitável distância. Temiam interferir e preferiam, por isso, acompanharem os acontecimentos sem deles tomar parte ativa! Na realidade, estavam possuídos do temor de perder as vantagens que ainda usufruíam no judaísmo e de serem arrastados ao ridículo.

Seguiam silenciosos, acobertando-se nas sombras exteriores e mal se aventurando a proferir algumas palavras. Porém, quando fizeram o Mestre adentrar a casa do sumo sacerdote, o companheiro de Pedro mostrou-se prestativo:

— Sou amigo dos da casa. Entrarei. Espere-me à porta que voltarei para fazê-lo entrar também.

O companheiro partiu antes. Depois, Pedro aproximou-se da entrada, parando junto da porteira e esperou o seu prometido regresso.

— É meu companheiro — dissera à porteira.

Ambos alcançaram o pátio da casa, onde se encontrava Jesus. E Simão Pedro escondeu-se dos olhares do Mestre, preferindo confundir-se com os servos e os oficiais da justiça que circundavam um braseiro para aquecerem-se.

Anás, sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano, atravessou o pátio, à vista de todos os que ali estavam, e defrontando-se arrogantemente com o Cristo começou a indagar-lhe do paradeiro

de seus discípulos. Simão estremeceu, procurando mesclar-se ainda mais com os que permaneciam junto do fogo. Temia que fosse denunciado e conduzido ao centro da área para responder às mesmas indagações a que submetiam seu Senhor e Mestre!

Nada tendo obtido como resposta, Anás, contraindo os músculos dos maxilares e chamejando sarcástico brilho pelos olhos, enquanto arfava as narinas e pintava a face com o traço de sorriso zombeteiro, indagou-lhe dos seus ensinamentos.

— Tenho falado abertamente ao mundo — respondeu-lhe Jesus, fitando o seu algoz. — Sempre ensinei nas sinagogas e nos templos, onde se reúnem todos os judeus, nada falei ocultamente.

Após ligeira interrupção, Jesus adicionou:

— Por que me interroga? Pergunte aos meus ouvintes o que lhes falei; eles sabem o que eu disse.

Como se aguardasse esse apelo ao testemunho vivo, Anás chamou muitas testemunhas que passaram a narrar fatos sobrenaturais, detalharem opiniões pessoais, relacionar maledicências, engendrar calúnias, apontar imaginárias falhas e omissões, comentar comportamentos inexistentes. Por fruto do fel cultivado em corações escravizados pela ânsia das fortunas materiais e pelas 204

posições de destaque, os relatos não eram coerentes entre si.

Terminado o grotesco desfile, que fora financiado pelos cofres do Templo, Anás indagou:

— Você é o Cristo, o filho do Bendito?

— Se eu lhe dissesse que sou, você não me acreditaria, e, se o interrogar, você não me responderá. Desde agora estará o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus; e você o verá, em breve, vindo sobre as nuvens do céu.

Fariseus e escribas, que acompanhavam o simulacro de julgamento, saltaram quais lobos famintos sobre a presa.

— Você é, portanto, o Filho de Deus?

Refulgindo magnífica grandeza, mesmo manietado e posto ao centro das calúnias, Jesus respondeu-lhes:

— Vocês mesmo dizem que eu sou.

— Blasfemo... Pecador... — vociferava o sumo sacerdote, num transpasse de hipocrisia e possuído de loucura momentânea, avançando sobre Jesus e rasgando-lhe as roupas.

— Que necessidade temos ainda de testemunhas? Todos ouviram a blasfêmia! Que lhes parece?'

Encolhendo-se, tal se não fizessem parte de sua existência os acontecimentos, Simão Pedro recolhia dolorosamente as palavras que eram ali proferidas: louco, blasfemo, mentiroso, falso, corruptor, possuído do demônio... E chegaram-lhe aos ouvidos as palavras torpes que procuravam enxovalhar em escárnio e ridículo a Jesus... e chegaram também os ruídos das bofetadas e dos murros, com que recobriam o Mestre.

Propagando-se a sanha dos perseguidores a todos os que se afinavam com seus propósitos, lembrou-se a porteira da casa do ingresso de Pedro e procurou-o entre os presentes. Vendo-o junto ao fogo, aproximou-se e disse em alta voz, despertando a atenção dos mais próximos:

— Você também estava com o Nazareno, esse Jesus.

Pedro estremeceu.

— Ora mulher — disse afetando menosprezo — não sei nem compreendo o que você me diz.

Levantou-se Simão e afastou-se em direção do alpendre da casa, distanciando-se dos olhares suspeitosos. Mal dera dois passos e, gargalhando qual se tomasse parte de festivo acontecimento, um dos servos do sumo sacerdote, parente de Malco que havia sido ferido por Pedro na escuridão do Horto de Getsêmani, acercou-se e tornou-se rubro e colérico:

— Não vi você no jardim com ele? — e apontava em direção do Cristo que era submetido a bofetadas e vestido por ironias diversas originadas de corações endurecidos, que desconheciam os princípios de amor e de ternura.

Pedro sacudiu-se temeroso, demorando para responder. Outro dos guardas, que ouvira a indagação, impacientou-se e tomando-o pelas roupas, com punho férreo, trouxe-o até perto de seu hálito, fazendo-o ouvir-lhe o trincar dos dentes.

— Juro-lhes! — disse Simão Pedro — Juro-lhes pelos Céus e pelos nossos Profetas. Eu não conheço esse Jesus. .. eu não estive no Jardim, junto com ele. Eu sempre estive aqui, entre os fiéis do Templo.

O guarda libertou o pescador. Porém, outros que estavam próximos retornaram, sanguinolentos, à carga.

— Certamente que este é um deles, pois que é também galileu. Além disso, ouçam como ele fala no mesmo tom suave de voz, que sempre caracterizou os seguidores desse Nazareno! Galileu de origem, gente bruta e estúpida, este que assim fala por certo terá feito escola com o tal Mestre...

Os joelhos de Pedro tremiam, e seu peito estava angustiado. Num relance recordou-se da voz trovejante e agressiva que usara em suas pescarias e que sustentava nas suas relações habituais com os de sua aldeia e que tanto se modificara no curso daqueles três anos de trabalho e dedicação, de esperança e sonhos ao lado do Nazareno de voz mansa e delicada.

Sacudindo para longe de si aquelas lembranças e aqueles ideais, que agora julgava sem planos nem base sólida, porque seu Mestre lhe parecia túbio não reagindo aos insultos e pondo a perder seu reino — Simão Pedro trovejou blasfêmias, praguejou como um rústico contra os guardas, jurou os testemunhos mais sagrados da raça, portou-se como louco entre os loucos.

— Não! — terminou dizendo — Eu não conheço esse homem! Eu não conheço esse homem!

Ouviu-se o canto de um galo...

Ele se sentiu transportado à frente de seu Mestre que, entre agressões e ofensas recebidas dos circunstantes, contemplou o discípulo com grande tristeza e lhe disse pelas vozes do Espírito:

— Conheço-lhe a alma, Simão Pedro. E ao dizer-lhe que me negaria três vezes, antes que o galo cantasse, alertava-o dos enganos das criaturas que, constrangidas a possuir menos os tesouros e os favores terrenos, para guardar fidelidade ao Senhor, preferem adiar indefinidamente a felicidade maior. De longe, como Você, Simão, muitos que se dirão meus discípulos me seguirão na Terra, e por isso cairão em suas aspirações e esperanças, porque não se encorajarão de aproximar-se dos testemunhos que a Verdade lhes pede.

208

Recearão perder gratificações imediatistas e serem conduzidos ao escárnio, por revelarem que me amam. Muitos permanecerão, também, quando chamados a testemunho decisivo, apenas nas vizinhanças das lutas redentoras, entre os servos das convenções utilitaristas, negando-me e repudiando-me, enquanto aguardavam para verem o fim...

Simão Pedro não resistiu mais, reconhecendo-se em inúmeras falhas e correu para fora da casa do sumo sacerdote, incapaz ainda de reagir construtivamente. E, na solidão da noite fria, debaixo do céu estrelado, chorou amargamente, soluçou convulsivamente, rebentou o peito em desespero vivo, pois que negara o Mestre apenas para não ser repudiado pela coletividade, para não causar desgosto no Templo, para não perder as vantagens mais imediatas da Terra...

49 RESSURREIÇÃO DE JESUS

Após a crucificação do Mestre, erguido no contro de dois delinqüentes, apupado pela multidão ávida de sansacionalismo, repudiado pelos sacerdotes da época, olvidado pelos beneficiados da véspera, acolitado apenas pelos corações femininos que se haviam dobrado às suas manifestações de puro amor — entraram os apóstolos numa fase depressiva, recebendo-sç em si mesmos e lamentando çloentamente a fragilidade com que se haviam comportado ante o momentoso acontecimento... e desencantados levemente com os fatos!

O nosso Simão Pedro, naquela manhã de domingo, vertia silenciosas lágrimas, revisando os comportamentos em que alternara luz e sombra junto ao Cristo. Revia seus primeiros momentos em que se dera com arroubo ao discipulado, tudo abandonando à espera de que sua dedicação lhe produzisse uma soma de favores dos Céus. E anotava que Jesus nunca o condenava e nem o censurava repetidamente, apesar das suas fraquezas e hesitações maiores.

Batidas apressadas na potra da casa quebra-ram-lhe as visões interiores, com que se reexartii-nava. Simão olhou a João, que estava a seu ladò, e levantou-se para atender. E encontrou-se com Maria Madalena que, naquela manhã de desalefitò, viera sacudi-los da inércia negativa a que se confiavam, outra vez invigilantes.

— Tiraram do túmulo o Senhor...

— O quê?!

Maria Madalena repetiu a informação.

— Tiraram do túmulo o Senhor, e não sabemos onde o puseram.

Os três amigos correram em direção do jardim, onde José de Arimatéia juntamente com NI-codemos, na véspera, haviam depositado o corpo do Cristo, envolto em linhos e coberto de essências aromáticas. João seguia na frente, mais apressado, enquanto Pedro se demorava por fazer companhia a Madalena que voltava ao sepulcro do inesquecível Amigo.

Quando Simão chegou junto da escavação em que se haviam guardado os restos mortais do Senhor, encontrou João, baixado na entrada, olhando para o seu interior. Impulsivo e confiante, Pedro adentrou o sepulcro e parou em meio, e examinou os linhos que haviam envolto o Senhor e que estavam vazios e viu, também, o lenço que fora posto na cabeça do Mestre, e que estava bem dobrado a um canto...

— Mais esta... — silabou a João que se aproximava e examinava o estranho fenômeno.

Cabisbaixos, pensativos, ambos se retiraram, deixando Maria Madalena ainda à porta do túmulo, feita em lágrimas. Seguiam em direção à casa em que se hospedavam em Jerusalém.

— Contou-lhe Madalena mais alguma coisa? — indagou João, interrompendo o silêncio de ambos.

— Oh! Sim... — suspirou Simão Pedro. — Apenas que não compreendo! Disse-me ela que quando viram a pedra de entrada do sepulcro removida, um Espírito lhes informou ser inútil procurar o Mestre no jazigo, porque ele ressurgira de entre os mortos. E que, não contendo ela o seu espanto, examinara o sudário e outro Espírito lhe indagou: "Por que buscaram entre os mortos ao que vive?".•

A dúvida retornava-lhes arrasadora, pois lhes era impossível, nessa altura de suas experiências terrenas, compreenderem o fenômeno da imortalidade da alma. Certo é que ambos pregavam e criam mesmo que o espírito sobrevive ao corpo; porém, embora crédulos, ainda não se haviam deixado penetrar pela Verdade, transformando os seus pensamentos em irradiações permanentemente positivas, confiantes nas Leis do Pai.

50 JESUS APARECE...

A manhã nascera tranqüila sobre o Lago de Genesaré, clareada por um sol pálido e embalada em suave brisa que, percorrendo a vegetação próxima, acordava o perfume das flores e das matas e os espargia numa saudação ao novo dia.

Acabando de recolher suas redes vazias, Si- mão Pedro sentou-se à popa da barca, refletindo. Seus braços já não eram tão ágeis como outrora e nem sua intuição da pesca era pronta e eficaz. Suspirou profundamente. Os anos que passara junto ao Mestre, na difusão inicial da Boa-Nova, haviam diminuído sua destreza na pesca.

Visões interiores assaltaram-lhe a alma, levando-o a reviver aqueles três anos tão importantes no mapa de sua existência. Fora ali, naquela mesma praia serena e sob aquele mesmo sol, que o Senhor surgira para convocá-los ao trabalho renovador. Partira destemeroso. Vira cegos readquirindo a visão: surdos reconquistando a audição; paráliticos tornarem ao movimento livre; desalentados e vencidos pelo mundo soerguerem-se para uma vida nova... e o surpreendente retorno de Uzaro do túmulo para a existência! E fora ainda ali, na sua Cafarnaum, que Jesus tecera o seu ninho de amor, transformando-lhe a casa modesta num templo permanente de luzes e oração. Depois, vieram as tempestades implacáveis, com o Senhor preso e supliciado, com Judas enforcado, com os companheiros dispersos...

— “Simão Pedro, o Mestre disse-lhe que fossem a Galiléia e lá o encontrarão, outra vez”.

Ah! A lembrança da informação recente daquela extraordinária e confiante Madalena tomava-lhe por inteiro o coração! Não titubeara em aceitá-la, guardando a certeza de que do túmulo que ficara vazio o Senhor retornaria ao seio do discipulado, talvez para convidá-los de novo para reiniciarem os trabalhos em prol do Reino de Deus entré os homens!

— Simão! Simão Pedro! — seria a continuação dos sonhos interiores ou era... Não! Era

João a trazê-lo de volta ao mundo externo, despertando-o do círculo das recordações acre-doces.

— Sim... — balbuciou o pescador, maldes-perto.

— Saltemos à praia! Eis que ali está alguém, que parece à nossa espera.

Entre as brumas do amanhecer realmente se notava um jovem alto, de fisionomia indefinível, 214 de porte extraordinariamente encantador, caminhando em direção da barca atracada.

— Filhos — disse o recém-chegado — terão aí alguma coisa de comer?

Simão olhou para as redes vazias.

— Não! Nada temos de comer! — informou intrigado.

— Então, lancem as redes à direita do barco e acharão.

Sem deter-se em discussões improdutivas, e sob o influxo da orientação que lhes parecia acertada, atiraram a rede à direita, conforme fora indicado. E logo ela se repletou de pesca.

— Simão — confidenciou João — lembra-se de um acontecimento semelhante a este?

— Qual, João? Por que me diz tal coisa?

— Pois este jovem da praia é o Senhor que volta!

Um calafrio percorreu o corpo de Pedro. Lembrava-se da primeira pesca extraordinária, que se dera após ter o Mestre falado à multidão na praia. E agora, Jesus retornava... E ele, o pescador de Cafarnaum, que deveria estar à espera de sua aproximação, despira-se, no decorrer da noite, e estava nu aos olhos do Senhor. Preste, tomou as suas roupas do barco e nelas se envolveu e saltou dentro do lago.

O outro barco, que estava a pequena distância, com Tomé, Natanael e mais alguns queridos companheiros de apostolado, imediatamente se acercou da rede e puxaram-na até a praia e ali a deixaram amarrada. Saltaram a terra e se aproximaram do Nazareno.

— Tragam alguns dos peixes que acabaram de apanhar.

Simão, que saía da água, ouvindo o pedido, entrou na barca atracada e arrastou a rede para terra, cheia de peixes, e tomando alguns os levou a Jesus.

— Venham — convidou-os o Mestre — e comam.

Retraídos, temerosos, ninguém se atrevia a tomar dos alimentos, por não olvidarem a dificuldade que sustentavam para reconhecer o Mestre, em cada nova manifestação. Simão Pedro estava ainda mais inibido, ralado de vergonha de que o Mestre fizesse referência aos seus repetidos fracassos diante dos testemunhos. Jesus, porém, sem relacionar o passado, naquele seu gesto de mais profundo amor e respeito aos que consigo partilhariam a difusão da Boa-Nova, tomou o pão e os peixes que estavam sobre as brasas e alimentou seus amigos, mais uma vez.

A primeira côdea que Simão levou à boca estava umedecida pelas suas lágrimas de gratidão e admiração eterna!

51 PEDRO É INTERROGADO

Entre sorrisos e lágrimas, na expansão de sua alma amorosa, Simão Pedro permanecia sentado ao lado do Mestre, na praia do lago de Genesaré, alimentando-se com o que lhe era permitido na madrugada. Examinava gestos e atitudes de Jesus, unindo-se às irradiações fluídicas divinizadas, esperando que o Senhor não se diluísse a seus olhos!

Vivia um conflito de sentimentos! Tranqüilidade, em mistura com emoção indescritível, que lhe trazia risos e lhe provocava lágrimas... alegria e temor de ausência!

Jesus falou-lhe:

— Simão, filho de João, Você me ama mais do que estes outros?

Agastando o pão e o peixe que levava à boca, respondeu convicto:

— Oh! Sim, Senhor. Sabe que O amo.

— Apascente os meus cordeiros.

Ora, como poderia ele, pescador humilde e paupérrimo de conhecimentos tomar para si o en- 217 cargo que o Mestre lhe indicava?! Como aliment- tartar os cordeiros do Senhor, que eram os que se aproximassem dos seus Evangelhos consoladores, se ele mesmo era o grande faminto! Não se via com recursos para tanto...

— Simão Pedro, você me ama? repetiu Jesus.

— Sim, Você sabe que O amo!

— Pastoreie as minhas ovelhas — recomendou-lhe outra vez o Cristo.

Simão sentiu um frio no estômago. O Senhor o convocava para a sustentação de companheiros mais necessitados. Teria, pois, de semear com ternura em campos hostis, sem jamais desalentar-se nas dificuldades da sementeira. Teria de transmitir alento, quando todos houvessem desalentado; esperanças, onde todos já houvessem desesperançado; confiança, quando todos estivessem baldos de fé... Mas de que modo tal encargo lhe seria transmitido, se entre todos ele era o de menores recursos intelectuais, mal sabendo ler, escrevendo com dificuldade!

A voz de Jesus o interrompeu de novo:

— Pedro, Você me ama?

Simão Pedro, que já não era o mesmo que negara o Mestre, renovado pelas lições amargas que sorvera, e que em três dias parecia ter madurado três séculos, rendeu-se de joelhos frente 218 ao Senhor e, derramando outras lágrimas, temendo que nova queda viesse o Senhor lhe mostrar nos dias que viriam, afirmou soluçante:

— O Senhor sabe todas as coisas, e saberá, vendo-me o coração, que O amo, Senhor!

Afagando-lhe os cabelos revoltos e osculando-lhe as faces, o Nazareno ponderou-lhe:

— Pois com esse amor, alimente as ovelhas de meu aprisco, que nenhuma se transviará para sempre.

Sentindo o toque do Senhor em sua fronte, Simão Pedro adentrou a sua faixa de

vibração mental, e assenhoreou-se de que não se punha dúvida em seus sentimentos mais íntimos. Jesus tão-somente pretendia mensurar-lhe a extensão do amor desbordando da alma, porque com o amor todas as dificuldades que surgiriam seriam solucionadas, no apostolado redentor que lhe era entregue. E não lhe indagando o Senhor de seus conhecimentos e nem de seus raciocínios e nem lhe reclamando compromissos formais — deixara evidente que só será eficiente e efetivo o cooperador do Cristo que estiver provisionado dessa essência divina, que converte a tarefa mais áspera em bênção promissora: o amor.

— Em verdade em verdade lhe digo que, quando Você era mais moço, cingia-se a si mesmo e andava por onde queria; quando, porém, Você for velho, estenderá as suas mãos e outro o cingirá e o levará para onde você não quer.

Revelava-lhe Jesus a extensão de sua existência, e o destino que teria, no final de seu apostolado.

— Siga-me, Simão — disse-lhe o Mestre levantando-se.

Obediente o seguia, quando notou que João os acompanhava de perto. Curioso, por amar a João, companheiro seu de juventude e ideais, indagou:

— E quanto a João, Mestre?

Ressou-lhe uma das mais importantes advertências:

— Se eu quero que João permaneça até que eu venha, que lhe importa, Simão Pedro? Importe-se com referência a si mesmo e a Você eu lhe disse: siga-me!

Aquietou-se o grande apóstolo do Cristo, compreendendo que a sua missão estava definida e que não deveria permanecer altamente preocupado com a tarefa que se conferia a outros irmão de luta. Auxiliando aos companheiros, até onde lhe fosse possível, não deveria, no entanto, deixar de cuidar de seus próprios deveres, pois nos caminhos da evolução cada um tem a tarefa que tem.

— "Siga-mè, Simão Pedro. Venha após mim, trazendo o Amor por fiel da Justiça Divina."

Tornara-se rubro o Lago de Génesaré com os raios do sol poente, encrespando suas ondas em espumas alvas que tocavam e se diluíam nas praias e nas margens, aonde o perfume da relva se evolava em brando envolvimento. O céu azul enfeitava-se com algumas tênues nuvens brancas coloridas de róseo. E Simão Pedro, que se deixava ficar na praia, junto das matas, divisava a figura radiosa do Cristo, elevando-se acima do firmamento e, lá das alturas celestiais, seu coração se abria em ondas de luz e carinho, abençoando a Terra, aprisco de suas ovelhas.

E findava mais um dia, em Cafarnaum...